



Campus Universitário de Almada
Instituto Politécnico Jean Piaget do Sul
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Ana Carina
Rodrigues

**“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”:
A formação da personalidade numa escola cristã**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professora Doutora Ana Rita Bernardo Leitão

Almada, 2020



Campus Universitário de Almada
Instituto Politécnico Jean Piaget do Sul
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Ana Carina
Rodrigues

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”:

A formação da personalidade numa escola cristã

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 9557/2015 (Diário da República, 2.ª série – n.º 163 - 21 de agosto de 2015).

Orientador: Professora Doutora Ana Rita Bernardo Leitão

Almada, outubro, 2020

RESUMO

O presente relatório resulta da observação e caracterização de um contexto socioeducativo e posterior investigação, tendo sido desenvolvido no âmbito da unidade curricular Prática do Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A PES foi realizada ao longo de aproximadamente quatro meses, numa turma mista de 3.º e 4.º anos, inserida numa instituição particular cristã. A partir da observação direta participante da turma, constituída por 20 crianças, foi levado a cabo um processo investigativo, assente numa abordagem qualitativa e interpretativa, que visou compreender como as práticas de uma instituição cristã influenciam na formação e desenvolvimento da personalidade. Esta foi sustentada na observação que resultou no registo de notas de campo, na recolha de informação através de questionário e entrevistas semiestruturadas e em referencial teórico relacionado com a problemática.

A formação da personalidade é um tema abrangente de interesse a todos os profissionais de educação. Não basta, hoje, fazer cumprir as aprendizagens essenciais ou as orientações curriculares para a educação pré-escolar; mas fazer desenvolver na criança uma personalidade assente em valores que procurem sobressair as qualidades da criança.

O presente relatório permitiu-me adquirir conhecimento sobre a formação da personalidade ao longo da infância e da importância do papel do educador e professor na mesma e termina com uma análise crítico-reflexiva sobre a construção da profissionalidade realizada ao longo do percurso formativo.

Palavras-chave: Educação; Formação da personalidade; Influência de um meio cristão;
O papel do professor

ABSTRACT

This report results from the observation and characterization of a socio-educational context and further investigation, having been developed within the course of the Supervised Teaching Practice (PES), part of the Master's in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education.

PES was carried out during approximately four months, in a classroom with 3rd and 4th graders, in a private christian institution. From the direct observation of the classroom, with 20 students, an investigative process was carried out, based on a qualitative and interpretative approach, which aimed to understand how the practices of a Christian institution influence the formation and development of their personality. This study was supported by observing the classroom, resulting in written notes, collecting information through a questionnaire, and semi-structured interviews and in a theoretical framework related to the problem.

The formation of personality is a comprehensive topic of interest to all education professionals. It is not enough, nowadays, to meet the *Aprendizagens Essenciais* or the *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*; but making a personality develop in the child, is based on values that seek to highlight the child's qualities.

This report allowed me to acquire knowledge about personality formation throughout childhood, and how important the role of the educator and teacher are. The report ends with a critical-reflexive analysis on the construction of professionalism along my formative path.

Keywords: Education; Personality Formation; Christian Influences; Teacher's Role

AGRADECIMENTOS

Nos diferentes momentos da nossa vida devemos de ter a capacidade de agradecer - e reconhecer que não trabalhamos sós. Esta etapa merece igualmente a minha gratidão que, aqui, deixo por escrito, contudo melhor do que num documento impresso, são os comportamentos e ações que ditam o amor que professamos e essas são as verdadeiras palavras de agradecimento.

Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus** e grande é a lista de agradecimentos! Agradeço pelo dom me concedido e pelo amor que me dá diariamente. Pela sua misericórdia, bondade, paciência, graça... Pela certeza que me dá do grande valor que tenho para Ele. Por me ensinar a ser verdadeiramente uma educadora/professora e por me fazer ver que nada se faz sem amor. Obrigada, Pai!

Aos **meus avós**, Vitor e Vitória, com que Deus me privilegiou e que um dia me aceitaram como sua filha e me educaram na sua grande sabedoria, bondade e amor.

À minha **mãe**, Lúcia, pois, mesmo ausente, reconheço a mulher que está por de trás de todas as batalhas que travou, trava e continuará a travar.

À minha **irmã**, Margarida, por me ajudar a cultivar a paciência. Por me fazer rir e, no seu nascimento, por me ensinar que mesmo nas tribulações Deus não nos desampara.

Agradeço a toda a **família cristã** que Deus me deu. Sem as suas palavras de conforto e motivação, as suas orações e o seu imenso cuidado e amor não seria, certamente, quem sou hoje. Obrigada, por me receberem de braços calorosos desde o primeiro dia e trilharem *este* caminho ao meu lado (rumo ao céu). Em especial, ao Tiago, à Debiruh e à Miriam.

Às **pessoas maravilhosas** das duas instituições cristãs onde estagiei. O vosso apoio, o vosso voto de confiança e o vosso amor demonstram tanto sobre o que o Senhor é capaz de fazer nas nossas vidas. Obrigada, por refletirem quem Ele é. Obrigada pelos dois ramos de flores, pelo bolo de aniversário, pelo salame de chocolate e pelo presente de despedida (que nunca será total despedida). Em especial, à Marta, por me mostrar que não há ensino sem amor; à Bé, por me mostrar que a firmeza não é ausência de carinho; à Jé, pelo sorriso e pelos almoços em conjunto; e à Paty Paty, por ser uma excelente ouvinte.

A **todos os professores** que um dia entraram na minha vida. Lembro-vos com muito carinho, em especial por me ajudarem a construir conhecimento não só académico, mas também pessoal e social. Não sou capaz de referir o nome de todos - alguns porque a minha memória já me falha -, contudo, e neste momento específico, agradeço às professoras Ana Rita Leitão e Helena de Castro (sem esquecendo todos os outros) pela paciência e pela motivação neste último trabalho.

Às **monitoras do ATL**, Catarina, Belinha, Aidinha, Bea, Filipa, Tanya e Fátima, pelo carinho, cumplicidade e partilha de conhecimentos.

Às **crianças** que fizeram, fazem e farão os meus dias! Obrigada pela troca de amor e pela partilha. Por me deixarem entrar na vossa vida e criar nela memórias. Obrigada, igualmente, às suas famílias que nunca podem ser esquecidas.

Reformulei várias vezes estes agradecimentos – 490 páginas não me chegariam. As palavras valem tão pouco comparado com aquilo que todas estas pessoas, que por mim passaram, um dia me deram. **A todas**, o meu eterno obrigado.

“Educa a criança no caminho em que deve andar e mesmo quando envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22:6)

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	3
1.1. Meio	3
1.2. Equipa Pedagógica.....	6
1.3. Ambiente Educativo.....	8
1.4. Famílias	12
1.5. Turma	13
2. INVESTIGAÇÃO EM 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....	17
2.1. Apresentação da Problemática:	17
2.2. Revisão da Literatura	18
2.2.1. Definir Personalidade	18
2.2.2. Formação da personalidade	20
2.2.3. O papel da escola e do professor na formação da personalidade.....	25
2.2.4. Educação para Valores	31
2.3. Roteiro metodológico e ético	35
2.4. Apresentação e discussão de dados	38
2.4.1. Apresentação e análise das Entrevistas.....	39
2.4.2. Apresentação e análise das Notas de Campo	46
2.4.3. Apresentação e análise dos questionários aos pais	53
2.5. Apresentação e discussão de dados – Triangulação de dados.....	59
2.6. Principais conclusões do estudo	60
3. CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS.....	71
Anexo A. Questionário respondido pela PM – Caracterização do contexto socioeducativo	72

Anexo B. Questionário respondido pela Diretora Administrativa – Caracterização do contexto socioeducativo	77
Anexo C. Transcrição da entrevista realizada à professora B.	81
Anexo D. Transcrição da entrevista realizada à professora M.	100
Anexo E. Inquérito por questionários aos E.E.	113
Anexo F. Árvore categorial de análise das N.C.	116
Anexo G. Árvore categorial de análise das entrevistas.	154
Anexo H. Árvore categorial de análise dos questionários aos E.E.	190

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 Planta da sala	9
Figura 2 Respostas atribuídas à questão C2 do questionário aos E.E.....	54
Figura 3 Respostas atribuídas à questão C3. do questionário aos E.E.....	55
Figura 4 Respostas atribuídas à questão D9 do questionário aos E.E.	58

INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1. Recursos Humanos da Instituição	7
Tabela 2 Horário Semanal	11
Tabela 3 Número de alunos por ano e idade	13
Tabela 4 Triangulação dos dados: Fontes mobilizadas para dar resposta aos objetivos de investigação.	59
Tabela 5. Árvore categorial de análise das notas de campo	117
Tabela 6. Árvore categorial de análise das entrevistas	155
Tabela 7. Árvore categorial de análise dos questionários aos E.E.	191

Lista de Abreviaturas e Siglas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PB – Professora B.

PM – Professora M.

N.C. – Nota de Campo

NEE - Necessidades Educativas Especiais

E.E. -Encarregados de Educação

AAAA – Nome da OS

BBBB – Denominação religiosa

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) que integra o plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Jean Piaget, de Almada. O mesmo foi desenvolvido em função de uma problemática identificada no período de PES em 1.º Ciclo do Ensino Básico, decorrida entre o dia 14 de outubro e o dia 24 de janeiro.

A PES foi realizada com uma turma mista de 3.º e 4.º anos de escolaridade com 20 alunos, numa instituição particular cristã em Setúbal. No decorrer da mesma, emergiu a problemática da investigação, intitulada AAAA, tendo sido desenvolvida por meio da observação dos alunos da organização socioeducativa (OS) e do corpo escolar. De modo a analisar esta problemática foram definidos objetivos, delineados no subcapítulo *Apresentação da problemática*. Considerando-os, determinou-se a natureza qualitativa do estudo com o propósito de estudar as práticas de uma OS cristã no que respeita à formação da personalidade por meio da transmissão de valores espirituais, morais e sociais. Com efeito, a recolha de dados foi efetuada por meio da observação direta e participativa, que permitiu recolher notas de campo, por meio de entrevistas realizadas às professoras titulares de turma, com o intuito de perceber as abordagens utilizadas por eles e pela OS, e por meio de questionários realizados aos encarregados de educação, com vista a verificar a perceção das famílias a este sistema de ensino religioso.

A literatura e os estudos realizados pelos eruditos (alguns aqui mencionados) reforçam a noção de que qualquer docente tem todo o interesse de compreender o que é a personalidade e como esta se forma na criança. De facto, tem interesse por duas grandes razões. Em primeiro lugar, pois sabemos que estas influenciam a realização académica da criança. E em segundo lugar, porque todo o bom educador tem o desejo de formar crianças que sejam moralmente corretas e que possuam uma personalidade firme e sustentada em valores, com vista a formar e educar cidadãos ativos e íntegros na sociedade (Hetzer, 1981). Embora a formação da personalidade seja um tema vasto nos campos da psicologia, o presente relatório procurou estudar a sua formação e como a mesma é encarada num meio cristão.

O relatório está, então, dividido em quatro partes principais: *Introdução*; *1. Caracterização do contexto socioeducativo*, onde estão compreendidas as características do meio envolvente, da OS, da equipa pedagógica, do ambiente educativo, das famílias e

da turma; 2. *Investigação em 1.º Ciclo do Ensino Básico*, no qual apresento o desenho da investigação com os objetivos propostos, as técnicas mobilizadas para a recolha de informação e posterior análise, estando igualmente presentes as principais conclusões do estudo e a revisão da literatura pertinente; 3. *Construção da profissionalidade*, com uma reflexão a cerca da minha prática durante as PES em educação pré-escolar e ensino do 1.º.Ciclo e enquanto futura professora e educadora; e 4. *Considerações finais*.

1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

O presente capítulo tem como função apresentar a caracterização do contexto socioeducativo onde realizei a PES do 1º. Ciclo do Ensino Básico e, por sua vez, de onde foram retirados os dados para a elaboração desta investigação. Conhecer o contexto socioeducativo – as crianças, as famílias e o meio envolvente – permite ao professor adaptar e adequar o currículo conforme as necessidades e interesses das crianças e até das suas famílias.

Assim sendo, a presente caracterização foi construída através do projeto educativo da instituição, da observação direta participante, das notas de campo, de questionários à diretora administrativa e professora titular de turma e por meio de conversas informais com esta última.

1.1. Meio

O meio onde a organização socioeducativa se insere é objeto de observação e análise, visto ser igualmente o meio onde as crianças e suas famílias se inserem.

A OS onde se realizou a PES localiza-se numa zona urbana do concelho de Setúbal, distrito de Setúbal, de fácil acesso. Dentro do mesmo edifício, está sediada a Igreja à qual a OS está associada. Na área envolvente existem outros estabelecimentos privados de ensino, bem como centros de explicações, e habitações sob a forma condomínio. Numa área pouco distante, encontramos o terminal rodoviário, uma estação ferroviária, uma zona de jardim com parque infantil, lojas dedicadas a diferentes artigos e superfícies de pequeno comércio, como zonas de restauração e minimercados.

A OS referida é um estabelecimento de ensino privado, associada a uma igreja cristã, que surge em 1982 (Anexo B, questão A1) com o intuito de dar “resposta ao pedido de algumas famílias que, após os seus filhos terem usufruído de um programa especial de verão para crianças (Escola Cristã de Férias), a satisfação foi tão grande que os pais solicitaram uma continuidade no mesmo género para o ano letivo” (Anexo B, questão A2). É uma instituição que tem por base os princípios e valores cristãos de que a Bíblia ensina e “procura ser parceiro com a família e, com a ajuda da comunidade religiosa, civil e educativa, construir, em cada aluno, as bases sólidas do seu carácter e do seu intelecto para uma cidadania positiva e ativa.”

Regida não só pelo conselho escolar, mas também, e principalmente, pelo conselho de igreja, assim a instituição perspetiva o seu papel no plano educativo:

A educação cristã, ao desenvolver a fé em Cristo, restaura no homem a imagem do Seu Criador, nutre nele uma dedicação inteligente ao serviço de Deus na Terra e desenvolve no homem **uma preparação prática para um serviço consciencioso em favor do próximo** [itálico adicionado] (...) A Igreja instituiu um sistema educativo a **fim de assegurar aos seus jovens uma educação equilibrada a nível físico, intelectual, social, vocacional e moral, em harmonia com os princípios e ideais denominacionais** [itálico adicionado], tendo Deus como fonte de todo o valor moral e de toda a verdade (Projeto Educativo da Instituição, p. 21-22).

A OS considera o fundamento de uma vida espiritual assente nos valores, na promoção de uma cidadania efetiva e na formação de um carácter distinto pela positiva. Como tal, a instituição define objetivos, que se apresentam no Projeto Educativo dos quais destaco os seguintes:

Objetivos Espirituais

- Demonstrar cortesia, altruísmo, paciência e bondade para com todos;
- Participar voluntariamente em atividades religiosas da escola junto da comunidade;
- Conhecer as crenças fundamentais do Cristianismo Bíblico;
- Demonstrar uma boa compreensão das Escrituras.

Objetivos Intelectuais

- Desenvolver a capacidade de pensar criticamente, não se limitando a refletir os pensamentos de outrem;
- Dominar os conhecimentos seculares considerados básicos, assim como os instrumentos de aprendizagem;
- Desenvolver a capacidade de resolver os problemas práticos da vida;
- Interpretar os acontecimentos religiosos, políticos, sociais, económicos e científicos da atualidade à luz da palavra de Deus;

Objetivos Vocacionais

- Optar por uma carreira profissional útil sob os pontos de vista cristão e social;
- Respeitar a dignidade do trabalho;
- Participar de boa vontade no trabalho manual e noutras tarefas propostas pela

escola;

- Esforçar-se por atingir a máxima perfeição na execução das tarefas que lhe forem confiadas.

Objetivos Sociais

- Considerar os outros seres humanos como dignos de respeito;
- Aceitar os outros como amigos, independentemente da sua origem social;
- Comportar-se em todas as suas relações sociais com a decência e o respeito próprios de uma atitude cristã;
- Manifestar tolerância pelas opiniões dos outros;
- Exercitar o domínio próprio e a disciplina pessoal, evitando todas as formas de delinquência.

Objetivos Cívicos

- Considerar o Estado como uma instituição divinamente estabelecida para defender os direitos fundamentais do ser humano;
- Reconhecer o princípio básico da separação entre a Igreja e o Estado;
- Reconhecer que o êxito da democracia depende da integridade de cada cidadão;
- Exercer os direitos cívicos, oralmente, por escrito e/ou por voto, em assuntos públicos em que estão envolvidos princípios morais;
- Considerar a prática da caridade e a sua contribuição para o bem público como o cumprimento do princípio cristão de amar o próximo como a si mesmo.

Objetivos para a Saúde Física e Mental

- Praticar a temperança em todos os domínios da vida;
- Recriar-se de forma saudável, se possível em contacto com a natureza;
- Desenvolver hábitos de reflexão;
- Assegurar a saúde mental através da sociabilidade e serviço cristãos:

Objetivos Culturais

- Respeitar o património em todas as suas variantes (natural, construído, arqueológico, artístico e etnográfico);
- Contribuir para a sua conservação e manutenção do Património;

- Procurar deixar o melhor possível este património depois de o usar (Projeto Educativo, p. 23-25).

A OS faz parte da Rede Escolar BBBB Mundial, mas a nível nacional está sob a tutela e direção da União Portuguesa dos BBBB, que tem como objetivo assegurar a coerência e harmonia de procedimentos, recursos e gestão de cada instituição. Cada estabelecimento escolar tem a sua direção e gestão próprias, mas sob a orientação da União (Anexo B, questão A4).

Por outro lado, o colégio tem como projeto educativo ao longo de três anos o “Olhar 3D”, que é aplicado em toda a Rede Escolar BBBB “para que haja uma uniformização, cada vez maior, nos vários estabelecimentos” (p.4). Este projeto conta com a noção de Discipulado do Plano Estratégico da Igreja que se aplica às várias vertentes:

- nas três dimensões distintivas do ser: mente, caráter e personalidade;
- nos valores fundamentais: fidelidade, solidariedade e responsabilidade;
- nos alvos: redenção, restauração e reconciliação;
- nos métodos: descobrir, desenvolver e dar;
- nas ações: desafiar, decidir, dedicar;
- e, também, nos pilares, que, infelizmente, só em algumas regiões do país podem ser plenamente cumpridos: Família, Igreja e Escola.

Finalmente, a visão da instituição é “Ser um Estabelecimento Educacional Cristão para a Infância, que prima pela excelência dos seus serviços, princípios e valores” e a sua missão é “Servir todas as crianças e respetivas família, independentemente da sua origem e proporcionando-lhes bases para a vida através de princípios cristãos” (idem, p.28).

1.2. Equipa Pedagógica

No que diz respeito à equipa pedagógica, é possível apresentar vários elementos que fazem parte desta mesma equipa. No corpo docente, existem duas professoras responsáveis pelas duas salas de aulas. Cada sala, agrupa dois anos de escolaridade e, portanto, existe a sala do 1º. e 2º. anos, sob a tutela da professora B., e a sala do 3º. e 4º. anos, sob a tutela da professora M. Esta última, tem igualmente a função de coordenadora pedagógica da instituição.

Para além do corpo docente, a OS possui, ainda, um Conselho Escolar composto por cinco elementos: Presidente “que tem a função de dirigir e orientar as reuniões de

Conselho e responder perante o Conselho de Igreja” (Anexo B, questão B2); Diretor do estabelecimento/administrativo “que responde pelo estabelecimento de ensino e que apresenta os assuntos relacionados com a instituição” (idem); Capelão (Pastor responsável pela Igreja à qual a escola está associada); Representante dos Encarregados de Educação “que responde pelos interesses dos pais” (idem) e Representante dos Funcionários “que responde pela classe dos funcionários da instituição” (idem). O Presidente é eleito no Conselho de Igreja, constituído por membros de igreja com funções de coordenação dentro da mesma. Por sua vez, os dois Representantes são eleitos pelo Conselho Escolar vigente. Este Conselho Escolar tem a função não só burocrática, mas também no que diz respeito à missão, visão e valores a que a OS se propõe.

A cada trimestre, o Conselho Escolar reúne-se para discutir sobre o funcionamento e eficácia da OS, bem como outros assuntos de relevância levantada, podendo as reuniões serem mais frequentes se se justificar.

Mensalmente, o Conselho Pedagógico, constituído pelas duas titulares de turma e a direção administrativa reúne-se para avaliar e planear as atividades referentes ao projeto educativo da instituição e discutir os “comportamentos e avaliação dos alunos” (Anexo B, questão B1). Tal como com as reuniões do Conselho Escolar, estas reuniões podem acontecer mais frequentemente se se justificar.

No que diz respeito à reunião de pais e encarregados de educação, estas ocorrem no início do ano e no final de cada período escolar, havendo abertura para outras reuniões individuais caso sejam necessárias.

Existem outros elementos da organização socioeducativa de apoio à resposta educativa e que trabalham diretamente, quer com a equipa pedagógica, quer com as crianças. A tabela 1. apresenta todos os colaboradores da OS:

Tabela 1. Recursos Humanos da Instituição

Recursos humanos da instituição	
Conselho Escolar 6	Diretora administrativa: 1
	Secretária administrativa: 1
	Diretora Pedagógica: 1
	Capelão / Pastor: 1
	Representante d Pais e/ou Enc. de Edu.: 1
	Representante dos funcionários: 1
Professoras titulares	1º. e 2º. anos – 1 3º. e 4º. anos – 1

2	
Assistente operacional 2	Vigilante: 1 Auxiliar: 1
Outros professores 6	Professor de Bíblia: 1
	Ensino Especial: 1
	Professor de Música: 1
	Professores de Expressão Físico-Motora: 2 1º. e 2º. anos – 1 3º. e 4º. anos – 1
	Professora de Inglês: 1
	Professor de T.I.C.: 1
	Professor de guitarra: 1
Professora de piano: 1	

Notas. O professor de bíblia é o Capelão/Pastor. A professora de T.I.C. é a professora do 1.º e 2.º anos. O professor de guitarra é o mesmo professor de Expressão musical

1.3. Ambiente Educativo

O ambiente educativo, que engloba o espaço físico da organização socioeducativa, o espaço físico da sala do 3.º e 4.º anos – onde foi realizada a PES -, a organização do tempo e as relações interpessoais, devem ser pensados e organizados de modo a responder às necessidades de todas as crianças. Em especial, o professor tem um papel primordial no que respeita à criação de um ambiente propício ao ensino e aprendizagem, para assim disponibilizar um vasto leque de oportunidades de ensino que chegue a todas as crianças. (Arends, 2008).

A presente OS é de pequenas dimensões, tendo, somente, duas salas de aula onde se agregam o 1.º e 2.º anos e o 3.º e o 4.º anos de escolaridade, respetivamente. Para além disto, a escola possui uma sala de receção às crianças onde, simultaneamente, é o espaço onde as mesmas almoçam ao meio dia.

Dispõe de uma cozinha, porém não suficiente para a preparação dos almoços, por isso estes ficam ao encargo de um restaurante local que distribui as refeições. Estas refeições seguem uma dieta ovo-lacto-vegetariana, contudo os pais e/ou encarregados de educação podem optar por levar as refeições de casa que, posteriormente, são aquecidas na organização socioeducativa.

Possui uma sala de informática com cinco computadores, e dois gabinetes para a diretora administrativa da instituição e para as duas professoras titulares de turma, três casas de banho – duas distintas por sexo e outra de deficientes – e um espaço exterior para recreio, sendo que este último é igualmente de pequenas dimensões.

O facto de ser um espaço humilde facilita as relações interpessoais, quer por parte das crianças, quer por parte do corpo escolar. Desta forma, constrói-se um “ambiente familiar e de maior proximidade” (Anexo A, questão A2), onde todos têm o seu lugar nesta família educativa.

No que respeita à caracterização da sala de aula, esta é um espaço de 29,40m², inferior à recomendada por lei – 39m² a 46m² (Ministério da Educação, p. 2096). Devido ao seu tamanho, as mesas estão dispostas em fila com a disposição de menino-menina, ficando duas filas do lado direito – alunos do 3.º ano – e duas filas do lado esquerdo – alunos do 4.º ano -, deixando um corredor no meio para passagem (observe a figura 1). Sob o ponto de vista da docente, estas dimensões apresentam como vantagens o “poder ver tudo o que se passa e poder ajudar mais facilmente” (Anexo A, questão A4) e como desvantagem “o pouco espaço pessoal que pode originar desconforto e até situações de conflito” (idem).

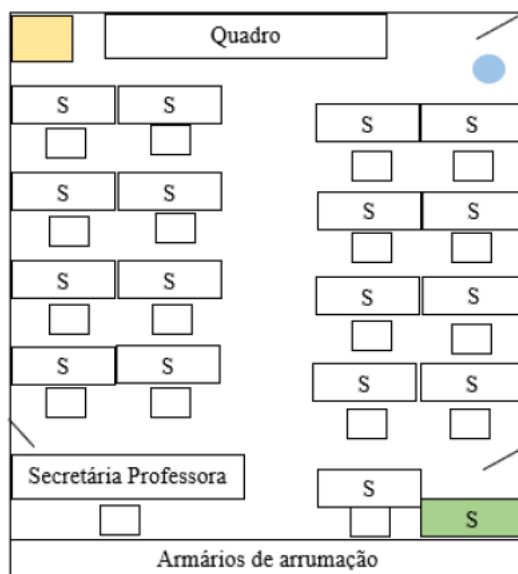


Figura 1 Planta da sala

A secretária da professora fica no fundo da sala, encostada aos armários de arrumações. Os retângulos com um “s” no seu interior representam as secretárias da sala e a sua disposição. Nas paredes da sala estão expostos o comboio do Sr. Joaquim – uma estratégia utilizada pela docente para a aprendizagem das classes do número – e outros *posters* de cariz educativo.

Na parede lateral do lado esquerdo da figura, encontra-se uma janela comprida, porém curta em altura, junto do teto e, por baixo desta, mais *placard's* didáticos. Junto à secretária verde existe uma porta que dá ligação à sala do 1.º e do 2.º anos, todavia esta não é utilizada. No canto superior esquerdo podemos observar um pequeno armário, representado pelo retângulo amarelo e no canto superior direito um círculo azul que representa o caixote de lixo destinado ao papel. A sala dispõe ainda de uma caixa com jogos e uma cesta de livros que são utilizados quando os alunos terminam as suas tarefas antes do término da aula “ou para descontrair no final do dia” (Anexo A, questão A6).

Como qualquer ciclo de ensino, a criação de um horário diário semanal permite ao docente uma melhor gestão do tempo em relação com as aprendizagens específicas que se pretende atingir. Deste modo, o docente cria rotinas que preparam os alunos para as suas aprendizagens (Arends, 2008). Em primeiro lugar, todos os presentes reúnem-se para, às 8h30, realizam a Meditação. Este momento, é destinado ao canto de louvores a Deus, sendo que são as crianças que sugerem as músicas que querem cantar naquela manhã. Depois do louvor, segue-se a leitura de uma meditação cristã, que apresenta uma mensagem reflexiva como meio auxiliar de análise do nosso carácter e de forma a compará-lo com o carácter de Jesus. Acima de tudo, estas mensagens apresentam situações da vida quotidiana que fornecem à criança uma orientação para a vida prática, criando-se “um círculo de pertença e de partilha que ajuda a consolidar os valores ensinados” (Anexo A, questão A3). Durante o período de PES, estas meditações refletiram a vida dos seres vivos ao nosso redor e o autor utilizou-se dos mesmos para retirar ensinamentos a serem praticados na conduta cristã e social.

Após a Meditação, a primeira coisa a ser feita na sala de aula é o *sumário*. O sumário serve para que os alunos possam saber que atividades vão realizar no presente dia e para que se possam recorrer dele quando pretendem estudar e preparar-se para os momentos de avaliação. (Arends, 2008). Observe o seguinte exemplo:

Colégio AAAA

Nome

Setúbal, 14 de outubro de 2019

Lição nº 23

Sumário: Meditação. Leitura, cópia e interpretação de um texto.

Correção do t.p.c. Leitura de números. Multiplicação. Aula de Música (N.C., nº 8 recolhida no dia 14/10/2019, na sala de aula).

O quadro que se apresenta pretende enunciar o horário semanal da turma mista. Este horário pode sofrer alterações sempre a professora titular achar pertinente.

Tabela 2 Horário Semanal

Horário Semanal					
Horas	2ª. Feira	3ª. Feira	4ª. Feira	5ª. Feira	6ª. Feira
7h30 8h30	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
8h30 9h00	Meditação	Meditação	Meditação	Meditação	Meditação
9h00 10h30	Português	Matemática	Exp. Fisicomotora	Matemática	Português
11h00 12h00	Matemática	Português	Aula de Inglês	Matemática	Português
12h00 14h00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h00 15h00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h00 16h00	Exp. musical	Estudo do Meio	Aula de Bíblia	Estudo do Meio	Estudo do Meio
16h45 17h15 3º. ano		Aula de Informática			
17h15 17h45 4º. ano		Aula de informática			

Usualmente, da parte da tarde, a docente termina os trabalhos da manhã, caso haja alguma tarefa inacabada, contudo se tudo tiver sido concluído a docente continua com a aula de estudo do meio.

Às terças-feiras, três alunos do 3.º ano e 1 aluno do 4.º ano são acompanhados por 45 minutos, individualmente, por uma professora de ensino especial. Às quintas-feiras, dois alunos do 3.º ano voltam a ter apoio.

Para terminar, “o trabalho desempenhado entre toda a equipa pedagógica é feito com base num bom relacionamento e um bom espírito de equipa” (Anexo B, questão B4). A organização socioeducativa prima por um ambiente agradável e capaz, não só para as crianças, mas também para equipa que com elas trabalha.

1.4. Famílias

A família é o primeiro meio sobre a qual a criança é inserida. A criança desenvolve as suas competências mais primárias, adquirindo saberes sociais e culturais, no seu seio familiar. Posto isto, é essencial que, neste capítulo da Caracterização do contexto socioeducativo, se dispense um momento em que caracterizemos as famílias do grupo incidido no estudo.

No que diz respeito ao tipo de família, “prevalece o tipo nuclear” (Anexo A, questão B1), onde as crianças vivem com os pais e irmãos e sendo o tipo de família monoparental o menos recorrente (ver Anexo A, questão B1). Destas vinte crianças, somente três são filhos únicos.

As famílias são na sua maioria de origem portuguesa, havendo, no entanto, seis crianças de famílias com nacionalidade brasileira.

A relação escola-família¹ é caracterizada pela professora titular como sendo um “relacionamento próximo” (Anexo A, questão B4), tendo a mesma e as famílias criado um grupo na aplicação móvel *whatsapp* unilateral – i.e., onde apenas a docente compartilha conteúdo – para a partilha de informações. Por outro lado, utilizam, ainda, uma outra plataforma educativa online chamada de Educabiz “para facilitar o acompanhamento em tempo real da família com a escola” e “sempre que necessário as famílias têm a possibilidade de contactar diretamente com a professora titular” (Anexo A, questão B4).

No que diz respeito à educação das crianças, o envolvimento das duas partes (escola e família) no percurso educacional da criança é

Importantíssimo (...) e acrescento ainda a sociedade e o meio inserido que neste caso é a Igreja. Uma ilustração para entender a importância do envolvimento é um banco de três pernas, se uma das pernas falha, o banco cai. Cada parte tem a sua tarefa e responsabilidade na educação e formação de carácter de cada criança (Anexo A, questão B6).

A relação escola-família também é uma prioridade para a professora B., professora titular do 1.º e 2.º anos:

¹ Seria de interesse relacionar estudos que evidenciam esta matéria: relação escola cristã-família.

“(…) E, apesar de ser um trabalho com as crianças, trabalho muito com os pais. Falo muito com eles e tento ajudá-los na educação dos seus filhos”. (N.C. nº 126, recolhida no dia 15/01/2020, no autocarro).

Em suma, a instituição considera a relação entre a escola e as famílias um ponto fundamental na educação, para que ambos possam contribuir, na sua própria forma, para uma educação rica e significativa, sendo igualmente destacado o envolvimento da Igreja na tarefa de educar, como referido pela professora M.

1.5. Turma

A turma é composta por dois anos de ensino: o 3.º e o 4.º anos. Dentro desta turma temos dez crianças de cada ano, fazendo um total de vinte crianças, das quais metade pertence a uma família cristã. Dezassete delas já tinham frequentado a instituição no ano letivo anterior (ver anexo A, questão C1). Para estas três, crianças que não frequentavam a OS no ano anterior, as famílias destacam que “estes alunos desabrocharam. Sentiram-se mais seguras na aprendizagem devido a uma melhor estabilidade emocional” (Anexo A, questão C2).

Sendo uma turma mista, a docente confessa que a tarefa se torna mais exigente, vendo ser ainda mais necessário a imposição de regras firmes para que enquanto está com um ano de escolaridade o outro possa realizar as suas tarefas autonomamente (ver Anexo A, questão C3).

A seguinte tabela contabiliza o número de alunos e alunas, bem como as suas idades:

Tabela 3 Número de alunos por ano e idade

Número de crianças e as suas idades					
	3.º ano		4.º ano		Turma
Idades	Sexo Feminino	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total
8	2	3	0	0	5
9	3	2	3	3	11
10	0	0	2	2	4
Total	5	5	5	5	20

Os alunos demonstraram, ao longo do período de estágio, serem muito afáveis e extrovertidas, aceitando-se mutuamente. Nos momentos de recreio ou intervalos,

brincam, não só uns com os outros, mas também com os alunos do 1.º e do 2.º ano. Os alunos do 4.º ano mostram-se crianças muito responsáveis e independentes, em contrapartida os alunos do 3.º ano demonstraram maiores dificuldades no trabalho individual e demonstram maior índice de ocorrência de comportamentos desviantes. O maior interesse da turma, quanto às áreas curriculares, são as Ciências Naturais e a História de Portugal (ver Anexo A, questão C6), quanto às não curriculares demonstram maior interesse nas aulas de Bíblia.

Dentro destes, destaco a A., pela sua personalidade forte e desejo de reconhecimento pelo seu bom trabalho.

Enquanto a M. escrevia o sumário no quadro, o G.C. batucava com a sua caneta na mesa. A A. voltou-se para ele com ar sério e ordenou: “Para lá com isso. Achas que consigo trabalhar com este barulho?” (N.C. nº 12, recolhida no dia 14/10/2019, na sala de aula).

Durante a aula de inglês, a A. levantou-se muitas vezes para mostrar o seu trabalho realizado diretamente à professora de inglês. Mostrou-lhe, inclusive, um trabalho que ela realizou em casa autonomamente à qual a professora congratulou. A A. mostrou-se muito contente com o *feedback*. (N.C. nº 131, recolhida no dia 22/01/2020, na sala de aula).

Por seu turno, O T. é um aluno muito meigo e carinhoso. Aprecia o contacto físico, por meio do abraço, mas tem dificuldades aceitar as derrotas e vangloria-se nas vitórias.

Durante o período do almoço, estive a jogar xadrez com os rapazes da turma que me tinham convidado. Joguei com o T. e ele ganhou-me. Correu pelo colégio inteiro a dizer que me tinha ganhado e passou o resto da semana a dizer “Carina, lembras-te daquela vez em que te fiz xeque-mate?” (N.C. nº 130, recolhida no dia 21/1/2019, no salão).

Em oposição, o M. não se vangloria, mesmo quando é bem-sucedido. Apresenta-se muito inseguro e dúvida constantemente das suas capacidades.

O M. demonstrou-se constantemente ansioso e afirmava que não sabia as respostas ao jogo – “Eu não sei”, mesmo tendo o manual na mão e podendo ir procurar as respostas (N.C. nº 125, recolhida no dia 13/01/2020, na sala).

A J. é uma menina do 3.º ano que apresenta algumas dificuldades de aprendizagem. Apesar disso, ela persiste e gosta muito de aprender. Mostra-se muito *sonhadora* e com dificuldades de concentração podendo ser essa a razão pela qual ela apresenta mais dificuldades. Utiliza-se frequentemente do seu raciocínio lógico para responder às questões colocadas, ao invés dos métodos tradicionais, mostrando-se ser uma criança muito inteligente.

Durante a aula de matemática, a J. veio ter comigo para me mostrar os exercícios do manual. Encontrei muitas respostas engraçadas, mas com a lógica dela. À pergunta “100€ chegam para comprar os ténis e o fato de treino da loja B?” a J. respondeu “Primeiro compra os ténis, depois trabalha mais um pouco e compra o fato de treino”. Ela analisou o problema corretamente e ao invés de responder somente “não”, atribui-lhe uma resolução. Num outro problema bem mais complexo, ela foi a única do 3.º ano a responder corretamente, sem precisar de fazer nenhuma operação, utilizando-se somente da comparação dos preços das duas lojas e escolhendo o item mais barato de cada uma delas. Apesar de apresentar dificuldades, ela mostrou te um excelente raciocínio lógico-matemático e realizou todos os exercícios sozinha (C.N. nº 110, recolhida no dia 21/11/2019, na sala de aula).

O antepassado da M.B. torna o seu percurso escolar mais trabalhoso. Vivia com uma avó materna que a colocava na cama de grades, passando lá todo o dia. Esta experiência atrasou-lhe o desenvolvimento motor, nomeadamente a sua locomoção que ainda hoje é manifestado. No que diz respeito à competência linguística, a M.B. só iniciou a aquisição aos três anos de idade e, como tal, ainda denota déficit tanto na linguagem oral como na linguagem escrita.

O G.C. é o único aluno da instituição, no presente ano letivo, que demonstrou episódios de violência desde o primeiro dia na OS. É uma criança cujo o temperamento é pouco balanceado, cujos comportamentos e atitudes são controlados pelas suas emoções e inclinações. Apresenta-se meigo e altruísta, fazendo tranças nos nossos cabelos, por exemplo, mas impulsivo e violento, levantando a voz e batendo nos objetos que se encontrem à sua volta.

Destaca-se, igualmente, a S.A., do 4.º ano, pelas dificuldades de aprendizagem que apresenta nas várias competências e áreas do conhecimento e o R., uma criança hiperativa, pelo seu desejo de participar, motivado pela quantidade de conhecimentos que ele já possui, todavia com algumas dificuldades de socialização.

No que respeita à presença de alunos com NEE, destacam-se três alunos com déficit de atenção (J., M.B., G.B., N.), um aluno com hiperatividade (R.), quatro alunos com dificuldades de aprendizagem (J., M.B., S.A., M.) e uma criança com Transtorno Opositivo-Desafiador e Dislexia (G.C.). Para a docente, incluir estas crianças não se apresenta ser uma tarefa simples, “porque cada criança é individual e exige muita atenção. Não é fácil dar a atenção que todas as crianças da sala precisam” (Anexo A, questão C4).

Quanto à relação entre pares, a professora M. explica que a OS não pretende estimular e fazer desenvolver o crescimento académico, mas sim fazer com que a criança se desenvolva como um todo: “O conhecimento e desenvolvimento curricular segue a par

e passo com o crescimento e fortalecimento de caráter, a entreaajuda e compaixão com o próximo” (Anexo A, questão C5).

Para concluir, a turma é bastante diversificada, existindo uma grande diferenciação entre o 3.º e o 4.º anos, no que respeita à autonomia e atitudes e comportamentos. Contudo, e no geral, apresenta uma forte relação social e moral.

2. INVESTIGAÇÃO EM 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O presente capítulo apresenta a investigação, tendo sido escrito com o intuito de abordar as questões e objetivos que com ela se pretendem alcançar, incluindo a fundamentação teórica que a suporta e as técnicas e instrumentos de recolha e dados e consequente análise dos mesmos.

2.1. Apresentação da Problemática:

Desde que optei por ingressar pela via profissional do ensino, a minha maior preocupação sempre se debruçou em particular pela formação pessoal e individual da criança, i.e., por um ensino que preza pela construção do carácter e da personalidade da criança e por uma educação em valores. Com isto em vista, e perante a oportunidade de realizar a PES num estabelecimento de ensino cristão, adveio a presente investigação, possibilitando o estudo de como é construído o carácter da criança nesta OS cristã e qual o papel do professor neste enquadramento. Complementando o meu natural interesse por este ramo, a presente OS empenha-se e oferece igual importância à formação pessoal e social da criança (ver tópico 1.2. Caracterização socioeducativa), seja por meio de meditações e atividades planeadas,

A meditação falava de como o caracol tinha a capacidade de ser flexível, mas simultaneamente firme. Ela fez o paralelo entre o caracol e o ser humano, abordando a importância de sermos flexíveis e/ou firmes consoante as situações que nos apresentam. Como exemplo, devemos ser firmes face à utilização de bebidas alcoólicas, que prejudicam a nossa saúde, mas podemos ser flexíveis e emprestar aquilo que é nosso (N.C. nº 109, recolhida no dia 21/11/19, no salão).

seja por meio de reflexões e comportamentos do quotidiano,

A D. pegou numa caneta e perguntou ao Sa. se era dele. O Sa. retirou-lhe a caneta da mão e a D. mostrou-se confusa. A M. viu e interveio, repreendendo o Sa. pelo seu comportamento, visto que a D. tinha encontrado a caneta e perguntou se lhe pertencia com o intuito de a devolver (N.C. nº 62, recolhida no dia 22/10/19, na sala).

Por estas razões, e socorrendo-me da vivência e dos registos recolhidos e apresentados, considereei analisar o papel da escola e do docente na construção do carácter e formação da personalidade da criança, constituindo uma temática de cada vez maior importância e sobre a qual o corpo escolar, a comunidade e as famílias se devem dedicar (Pires, 2007).

Quanto aos objetivos do estudo, defini os seguintes: i) verificar a promoção da formação da personalidade por parte da OS, identificando as técnicas e instrumentos utilizados ii) estudar e interpretar a importância e o papel da escola e do docente na formação do carácter e personalidade da criança e iii) conhecer a percepção dos pais face à OS na formação da personalidade.

2.2. Revisão da Literatura

Numa primeira instância, é importante recorrer-nos da revisão da literatura para que a mesma possa sustentar e apoiar o a problemática da investigação, para tal, vamos recuar até à génese de alguns conceitos a serem explorados. Neste ponto, o leitor vai encontrar, de uma forma sucinta, devido à extensão deste relatório, *Definir personalidade; Formação da Personalidade*, onde é abordado como a mesma se forma e é influenciada; *O papel da escola e do professora na formação da personalidade*, que explora a ação do docente na formação da mesma e *Educar para os valores*, explicando a definição de valores e a função da escola na transmissão dos mesmos.

2.2.1. Definir Personalidade

Constituindo a temática da personalidade campo fértil de discussão na área da psicologia, o presente relatório não possui a ambição de, em tão limitado espaço, compreender todas as suas dinâmicas e implicações, pelo que se afigura antes como um contributo investigativo na vertente educacional, abordando somente as questões pertinentes ao estudo.

A solução deste dilema passa por, em primeiro lugar, definir “personalidade”, em segundo lugar, compreender como a mesma se forma e, por último, averiguar o papel da escola e, em especial, do docente na formação da mesma.

Com o decorrer dos tempos, e com o dos avanços da psicologia, Mesquita e Duarte (1996), apresentam a personalidade como um paradoxo:

por um lado, tudo o que é individual e, por isso, diferente de pessoa para pessoa e que caracteriza cada uma, por outro, é aquilo que é COMUM: para tal deverão tomar-se em linha de conta as variáveis comuns aos homens, o que permitirá prever constantes nos comportamentos do ser humano (Mesquita & Duarte, 1996, p. 197).

Nesta primeira citação, o leitor pode verificar como a definição deste conceito pode ser complexa e, até certo ponto, paradoxal entre o que é individual e o que é comum.

Por seu turno, de acordo com Eysenck (1953), citado por Fontana (1984),
A personalidade é a organização relativamente estável das disposições motivadoras de uma pessoa, proveniente da interacção [*sic*] dos impulsos biológicos e do meio físico e social. Geralmente o termo ... refere-se, especificamente, às características afectivo-volitivas, sentimentos, atitudes, complexos e mecanismos inconscientes, interesses e ideias, que determinam as características ou o comportamento distintivo do homem e do pensamento (p. 13).

Embora apresentada a definição de “personalidade”, esta é subjetiva a diferentes caracteres que lhe possa ser associada. I.e., o tema é de tal modo debatido e, diria, abstrato que existem diferentes possibilidades de definir personalidade consoante a importância atribuída às diferentes variáveis, como físicas ou cognitivas (Fontana, 1984), contudo, é possível constatar que as definições acima discutidas apresentam aproximações entre si.

Filloux (1966), citado por Pinto (2009), apresentou um conjunto de características que contribuem para a definição do conceito: 1) a personalidade é única, podendo apresentar traços em comum com outros indivíduos; 2) é uma organização de funções; 3) é temporal e 4) é uma variável que se expressa por meio do comportamento.

Deste modo, podemos concluir que
a ideia [*sic*] de que há na personalidade **estabilidade, persistência, repetição** [itálico acrescentado]. Há também **mudança, plasticidade, alterações ao longo do tempo e a partir das experiências** [itálico acrescentado]. Também se pode depreender que a personalidade é um sistema, ou seja, é um todo complexo e dinâmico. Um sistema que pode ser percebido e estudado principalmente através do comportamento (Pinto, 2009, p.7).

Para o presente estudo importa saber que a personalidade é um conjunto de funções, principalmente, cognitivas únicas, que se transformam com o meio e ao longo do tempo (Kniaseff, 2010) e que se expressam por meio do comportamento do indivíduo. Posto isto, a observação do comportamento da criança, o meio que a envolve e as práticas utilizadas são aspetos fundamentais nesta investigação.

Por seu turno, é também apresentada uma distinção entre “personalidade” e “carácter”. Para Fontana (1984), o carácter é algo profundo e fixo, adquirido hereditariamente; a personalidade remete para algo superficial que é desenvolvido ao longo do tempo. Dados os objetivos da presente investigação, consideraremos somente o

termo “personalidade” e tudo o que ele abarca, procurando estudar como esta se forma e como a educação tem um papel fundamental na mesma.

2.2.2. Formação da personalidade

Definida “personalidade”, é necessário compreender como a mesma se forma e como é influenciada. Um dos determinantes defendidos é a influência que o meio, que envolve o sujeito, exerce sobre o mesmo e que, por sua vez, cria condições que resultam na formação da personalidade, sobre o qual nos iremos debater de seguida e no decorrer deste relatório.

Por outro lado, a ação da hereditariedade é igualmente sugerida como uma determinante na formação da personalidade (Fontana, 1984; 1991; Freitas et. al, 2012). Contudo, não sendo unanime e tendo sido levantadas dúvidas quanto à sua real influência, a mesma não será considerada no presente relatório. Para além disso, o estudo realizado teve o intuito de compreender a influência e ação do meio envolvente – os docentes e a OS - e, portanto, na sua realização, não foi considerado o papel da hereditariedade, apresentando-se enquanto estudo na vertente educacional e social. Posto isto, consideremos somente a influência do meio na formação da personalidade.

O primeiro meio onde a criança é inserida é o meio familiar. O núcleo familiar, em particular a mãe, tem um grande impacto na formação da criança. Podemos verificar esta premissa a partir dos estudos realizados por Goldfarb (1951), citado por Fontana (1984). Goldfarb analisou e comparou dois grupos de órfãos. Um dos grupos fora entregue a instituições onde passaram os primeiros três anos de vida até serem adotadas por uma família. As crianças do segundo grupo foram adotadas numa idade muito mais precoce. O estudo demonstrou como a existência de laços fraternos facilita na formação de uma personalidade mais estável e madura. As crianças cuja adoção foi realizada mais tarde não criaram vínculos com os seus pais adotivos, apresentando-se mais apáticas e impessoais (Fontana, 1984).

A perda da mãe nos primeiros anos de vida deixa uma marca permanente na personalidade, e (...) uma boa mãe adoptiva [*sic*] é uma substituta aceitável para a mãe natural, visto que as crianças que foram mais cedo para os lares adoptivos [*sic*] parecem desenvolver-se melhor (Fontana, 1984, p. 24).

Deduz-se, por meio deste e de outros estudos semelhantes, que os vínculos afetivos criados na primeira infância com os seus pais, biológicos ou adotivos, contribuem para o bom relacionamento da criança com os seus pais e conclui-se, paralelamente, que

uma relação saudável com os progenitores contribui favoravelmente para a construção da personalidade da criança (Fontana, 1984).

Por outro lado, existem situações em que embora exista a figura materna, a mesma não se comporta como tal, mostrando-se ausente e não se envolvendo com o seu filho afetivamente. Robertson (1962), também apresentado por Fontana (1984), foi um dos estudiosos que se debruçou sobre este tema. O seu estudo corroborou que estas crianças, privadas do afeto maternal, se mostravam dóceis, com menos períodos de choro, menos animadas e, portanto, mostravam “menos sinais de verdadeiro prazer” (p. 25).

No que diz respeito ao seu rendimento escolar, este também parecia estar comprometido pela “falta de vigor”, “moleza flácida” e “descoordenação desastrada” (p.25).

Um estilo maternal geralmente frio, severo e de rejeição parcial provocava um maior número de problemas de alimentação, de dependência exagerada, de socialização pobre e de iniciativa fraca, entre crianças pequenas, do que aproximação mais calorosa e mais permissiva (id., p. 25).

Assim, admite-se a importância de os pais assumirem um papel firme e caloroso com as suas crianças, de modo a educá-las favoravelmente e ajudá-las a construir e formar a uma personalidade aceitável.

O meio, como um conjunto de estímulos (Kniasseff, 2010), onde a criança está inserida, não se resume somente ao meio familiar. O meio cultural e social são igualmente determinantes no que respeita à formação da criança.

Para avaliar este parâmetro, McCandless (1969), citado por Fontana (1984), comparou crianças de classe média e classe operária. Nas crianças do primeiro caso, as mesmas apresentavam reconhecer o trabalho árduo, o valor da ambição, do asseio e do autodomínio. No segundo caso, as crianças tendiam para comportamentos desinibidos e violentos, para a “satisfação imediata de necessidades e impulsos” (p.27), sendo justificado pela “experiência mais pobre no domínio social e às maiores privações e frustrações económicas e sociais” (id.).

Com isto, não se pretende afirmar que *todas* as crianças oriundas de um meio social mais desfavorecido adquiram uma personalidade menos desejável ou aceitável, assim como não se pode afirmar que *todas* as crianças vindas de um meio socioeconómico mais estável manifestam um temperamento firme e equilibrado. O que é dito é que a criança forma a sua personalidade de acordo com o meio e que este pode ser ou não favorável não só à sua formação, mas também a todo o desenvolvimento infantil.

“A nossa classe social e a nossa cultura nacional, assim como o nosso meio ambiente, mais próximo, no seio da família, podem todos influenciar a forma como o nosso temperamento inato se desenvolve” (Fontana, 1984, p. 28).

Conclui-se, deste modo, que o meio influencia diretamente a formação da criança, principalmente o meio social, do qual se sustentará o estudo. O modo de como a criança é tratada, pelos seus pais ou professores, determinará a formação da sua personalidade.

Pais (ou substitutos), professores tolerantes que recompensam e encorajam a conduta independente e curiosidade dos filhos/ alunos, terão indivíduos mais ativos, confiantes em si mesmos, com desejos de domínio sobre o meio, aqueles que restringem a atividade exploratória e a liberdade de movimentos de seus filhos/alunos, ou para superprotegê-los ou apenas para conseguir manter o controlo, terão indivíduos submissos, retraídos nas situações sociais e sem confiança em si próprio (Kniaseff, 2010, p.13).

Bornemann (1981) dita ainda que “a personalidade do indivíduo é também formada através da existência como pessoa” (p. 157).

As decisões da pessoa dirigem-se não só para o mundo exterior mas igualmente para o mundo interior, para a natureza corpórea, anímica e espiritual da personalidade. A personalidade não é, por conseguinte, uma estrutura fixa e rígida, mas antes algo criado, algo em evolução e transformação (...). A direcção [sic] da transformação da estrutura da personalidade é amplamente co-determinada [sic] pelas decisões pessoais do indivíduo. A personalidade formada é o resultado de esforços pessoais, tanto no seu carácter próprio, como na sua visão do mundo, atitudes, hábitos e reacções [sic] (idem, p.157).

Podemos concluir, de acordo com os autores citados, que a criança tende a responder a estímulos externos e a formação da sua personalidade advém do clima onde a mesma se insere, da ação dos seus familiares e educadores e das suas próprias vivências que se refletem na mesma por meio do comportamento.

Em virtude ao mencionado, torna-se oportuno entender e apresentar os estádios de formação da personalidade, descritos por Bornemann (1981), de maneira a complementar o já explanado.

i) Ante-estádio da formação da personalidade

O primeiro estádio está compreendido ao primeiro ano de vida na criança. Contudo, e como nos explica Bornemann (1981), ainda antes do nascimento existe uma influência exercida na criança a partir do ritmo e estilo de vida que a mãe experimenta, o

que significa que a mesma deve iniciar o cuidado do seu filho mesmo antes do mesmo nascer. Após o nascimento, a “sensibilidade” e as “disposições psíquicas” (p. 159) têm uma enorme importância, sendo “a higiene mental da mãe(...) a primeira medida a ser tomada na educação do temperamento” (idem). As rotinas vivenciadas desde a primeira infância traduzem-se na formação de novos comportamentos e, por sua vez, dos primeiros indícios da personalidade que deverão ser retribuídos pela devoção do núcleo familiar (Bornemann, 1981).

ii) Estádio do desenvolvimento dum existência pessoal

No segundo estágio – do segundo ano de vida ao primeiro período de conflito -, iniciam-se as primícias da concepção do mundo que rodeia a criança. Os pais – ou aqueles com quem ela coabita – adquirem um especial papel na formação da consciência do seu valor próprio e na concepção de comportamentos corretos ou incorretos. Pela postura dos pais, a criança apreende se o seu comportamento fora ou não adequado, sendo que a mesma sente necessidade de ser orientada para esta nova realidade. Na figura da mãe são projetados a bondade e o amor; na figura do pai são projetadas a justiça e a ordem.

Também é neste estágio que o autor declara a necessidade dos conflitos entre os pais e a criança, não para desenvolver um carácter desafiador epositor, mas para que a criança experimente a reconciliação e o equilíbrio nas suas relações interpessoais (Bornemann, 1981).

iii) Estádio do início de uma auto-orientação personalizada

A criança adquiriu agora a consciência dos seus atos, nomeadamente, dos comportamentos que não são aprovados pelos pais e compreende que ela é responsável por esse comportamento. A criança experimenta o sentimento de culpa e arrependimento e desenvolve a consciência do “eu” e do “seu” mundo. Passamos de vínculos afetivos para vínculos possessivos não só em relação aos seus pais, mas também em relação a objetos.

Na relação com o outro, no mesmo estágio, a frequência de conflitos aumenta, pois ambos “consideram o brinquedo como sua propriedade” (Bornemann, 1981, p.161). Contudo, é neste estágio (entre os três e os seis anos de idade) que se aprende a conviver com o outro e inicia-se um processo de empatia e compaixão e, para evitar a inveja e o ciúme, a criança necessita de desenvolver a sua “personalidade social”. Para isto, o contacto com as outras crianças é fundamental, de modo a construir significado no papel do “outro” e das suas necessidades e vivenciar as hierarquias sociais.

Este desempenho de papéis é o meio eficaz de educar a criança em qualidades sociais positivas e a acessibilidade emotiva juntamente com a viva actividade [sic] da fantasia oferecem possibilidades eficazes para impedir uma cristalização da criança em tendências egoísta, fãcilmente [sic] resultantes dos exagerados cuidados maternos (p.162).

iv) *Estádio da consolidação da auto-orientação personalizada*

Desta vez, a criança não necessita “de se subtrair à orientação dos adultos” (p.162), mas sim cumprir as normas morais mediante a sua própria vontade, assumindo a “o primeiro grau de auto-responsabilidade [sic] (p. 163). Por outro lado, para que se identifique com o grupo e se inserira nele, a criança depreende que terá que assumir um determinado papel. “O indivíduo em crescimento não se sente propriamente [sic] como um ser individualizado, antes se identifica com o grupo ao qual pertence (...) dará já atenção à posição hierárquica que ocupa nesse grupo” (idem).

Por estas razões, a escola começa a ter um papel fundamental na educação social. Por seu turno, encontramos paralelamente a educação da vontade:

Toda a aprendizagem e exercício disciplinados visam como objectivo [sic] uma determinada quantidade de rendimento (...) e um controlo pessoal do resultado do rendimento. As experiências de êxito e inêxito constituem a conclusão de cada acto [sic] de vontade e conseguem realizar, por sua vez, a correcção [sic] do nível de exigência em relação ao rendimento pessoal (Lewin & Hoppe, referido por Bornemann, 1981, p.163).

Conclui-se, desta forma, que a escola deve ser exigente de modo correto para criar condições de êxito e não fracasso; de modo a cultivar a autoconfiança, a responsabilidade e o poder de decisão na personalidade das crianças – “Só uma personalidade dotada de vontade sólida está em condições de aceitar encargos na vida social” (id., p.164).

v) *Estádio do início da responsabilidade personalizada*

Embora no estágio anterior se tenha abordado o poder de decisão e da responsabilidade, a criança ainda não possui as capacidades necessárias para assumir uma responsabilidade **autónoma**: “É capaz de seguir objectivos [sic] da vontade, mas ainda não é capaz de apresentar a si mesmo objectivos [sic] segundo valores por ele próprio conhecidos” (p. 164). A sua noção de responsabilidade passa a recair nas diretrizes pelas quais optou para a sua vida e não somente no sentido de regras recebidas na infância. (Bornemann, 1981).

Durante o período da puberdade, o adolescente rompe gradualmente os laços paternos para iniciar uma individualidade e relação com o mundo, encontrando-se “frequentemente na maior solidão espiritual e entregue a si” (p. 164), sendo aqui que começa a tornar-se “uma pessoa em absoluto, isto é, uma forma singular, inequívoca e existindo em si mesma” (idem). Inicia-se a jornada da consciência moral, do conhecimento de si enquanto *persona* e do seu temperamento (Bornemann, 1981).

vi) *Estádio da consolidação da responsabilidade personalizada*

O último estágio decorre até ao final da vida do indivíduo e é caracterizado pela orientação atribuída à consciência moral que desenvolveu até então. Esta consciência moral determina os passos que o jovem ou adulto darão daqui por diante, conforme as vivências por ele mesmo experimentadas.

Nesta última fase, espera-se uma autorregulação da personalidade do indivíduo, por meio de introspeção constante, podendo, desta forma, aceitar novas visões de acordo com a maturação do seu ser.

A nossa natureza de «pessoa» amadurecida exige que assumamos a responsabilidade pelo nosso temperamento e consciência moral: pela consciência, para que permaneçamos continuamente [*sic*] orientados para os valores últimos e genuínos; pelo temperamento e consciência moral, para que a psique permaneça em harmonia e paz (Bornemann, 1981, p.165).

Em tom de conclusão, a criança passa por diferentes estádios da formação da sua personalidade. À medida que a criança se desenvolve, adquire as noções do meio onde está inserida, mas também opta pelos valores que, embora primeiramente inculcados, lhe pareçam mais favoráveis. Nesse desenvolvimento, o papel dos pais e educadores/professores são vitais na orientação moral da criança adquirindo uma enorme influência na construção da personalidade, como veremos de seguida. Entendemos, por sua vez, que o professor está capacitado para agir na formação da personalidade da criança, por meio de ambientes que construam experiências enriquecedoras e significativas.

2.2.3. O papel da escola e do professor na formação da personalidade

Concluimos o subcapítulo anterior com a noção de que a personalidade sofre influência do meio. Analisámos igualmente como a atitude de pais pacientes e gentis favorece um melhor comportamento, dando fruto a uma personalidade estável e firme, ao invés de pais punitivos e exigentemente rígidos. Atualmente, as crianças frequentam as

instituições de ensino mais cedo e parte da formação da personalidade fica encarregue aos seus educadores. Deste modo, ao realizarmos um paralelo entre a figura materna e paterna e a figura de educador confirmamos a necessidade de existência de um trabalho mútuo e com o mesmo objetivo. Ou seja, os educadores e professores trabalham em conjunto com os pais, e/ou familiares envolvidos, para atingir o fim proposto que, no presente contexto, seria a formação de uma personalidade adequada social e moralmente. Assim, se se fala em pais *patientes e gentis*, falamos em professores igualmente *patientes e gentis*.

Fontana (1991) denota como a reação do docente face ao sucesso e ao fracasso do aluno compromete não só a sua personalidade, mas igualmente a sua vida escolar: “Cometer erros não é uma evidência de fracasso, mas é uma parte integrante e essencial do processo de aprendizagem” (p. 265). Na presença de uma tarefa não tão bem executada, cabe ao docente refletir sobre de que modo deve encarar esta situação. A sua abordagem terá dois caminhos: 1) o êxito ou 2) a derrota e conseqüente frustração. Por outro lado, a criança tenderá a assimilar e repetir a abordagem do professor reprimendo-se a si mesma, sentindo-se insegura e inválida, ou motivando-se, aprendendo pelos seus próprios erros e desenvolvendo estratégias para os superar. É por esta razão que a reação do professor é tão importante e influente.

As crianças que desenvolvem essa atitude [negativa], talvez encorajadas por professores (...) tenderão a desistir e mostrar níveis baixos de motivação, mesmo quando o trabalho está teoricamente dentro do seu alcance. Se seu ponto de controlo for externo, elas podem colocar a culpa por seu fracasso nas outras ou na própria matéria; se for interno, podem sentir que a culpa é sua, mas o resultado final será o mesmo, com **as crianças fazendo do fracasso um hábito** [negrito adicionado] (Fontana, 1991, p. 265).

Com isto, torna-se imprescindível abordar o processo de imitação no desenvolvimento da criança. Como já vimos, a influência do adulto na formação da personalidade da criança é um conceito unânime para os pedagogos de diferentes eras. Não há dúvida de que, durante o desenvolvimento da mesma, esta passa por um processo de imitação e, claro está, o professor adquire um papel primário aos seus olhos.

Ao longo dos tempos, o processo de imitação no desenvolvimento e aprendizagem da criança tem sido estudado, sendo concordante aos diversos estudiosos o valor da imitação na formação da criança, embora a sua explicação continue exigente. Usualmente, referimo-nos ao processo de imitação em idades mais tenras, mas

associando-se a imitação ao jogo desenvolvemos a representação – “a reunião de um significante e de um significado e produto da interiorização gradativa da ação” (Moura & Ribas, 2002, p.3). Por seu turno, “as representações têm como função tornar significativa a realidade” (idem, p.3).

Como bem sabemos, pelo processo de imitação, a criança desenvolve competências variadas, desde as mais elementares às mais complexas. A criança observa atentamente os outros que a rodeiam e une-se a eles conforme as próprias concepções da mesma. Inequivocamente, o professor faz parte da lista de pessoas que a criança pretende imitar. Porquê? Devido, primeiramente, à figura adulta de “super-herói” que lhe é atribuída e, em segundo lugar, pelos vínculos criados entre criança-professor e vice-versa. A criança imita, por considerar o professor um modelo: “A criança, mesmo bem cedo, é sensível aos menores indícios da disposição dos que a cuidam e logo percebem o resultado de suas próprias manifestações nas mesmas” (Wallon, 1968, citado por Vasconcellos, s.d., p.34).

Wallon, referido por Vasconcellos (s.d.), acrescenta ainda que a imitação é um importante instrumento “na construção de suas condutas, das suas ações motoras e interpretação da realidade (...) a criança pequena constrói suas primeiras compreensões da realidade, possíveis através da percepção [*sic*] das nuances de sua própria ação” (Vasconcellos, s.d., p. 35). É por meio da imitação que a criança desenvolve novas estruturas mentais que facilitam a identificar-se como um ser único e social, atribuindo significados a si e aos outros.

Por meio da imitação dos seus pares, nomeadamente do professor, a criança reflete a conduta dos mesmos assimilando os seus comportamentos, atitudes e até opiniões. Admite-se, então, que docentes necessitam de realizarem um exame introspectivo sobre o modo como agem perante e com as crianças, para que não se dê o caso de, assim como foi exemplificado anteriormente, motivarmos as crianças a fracassar.

Importante é referir, também, que, de acordo com Fontana (1984), o docente não deve tentar “corrigir” ou alterar a criança sem primeiro compreender a razão que está subjacente aos seus comportamentos. Por seu turno, também não é de sua incumbência fazer julgamentos de valor acerca da personalidade da criança. A sua função é perceber de que forma a personalidade da mesma influencia a sua experiência académica e social e, por meio desta análise, desenvolver as estratégias necessárias para alterar comportamentos que afetem estes dois campos e, conseqüentemente, moldar a sua personalidade através do meio e da aprendizagem.

“O papel do professor é auxiliar as crianças a se adaptarem e se ajustarem às exigências sociais e acadêmicas da escola e (...) isso pode significar uma demonstração de maior paciência e compreensão para com certas crianças” (Fontana, 1991, p. 225).

Não poderia falar da ação do professor na formação da personalidade da criança sem falar da sua participação na modificação de comportamentos. Para evitar que professores bem-intencionados ajam de forma incorreta e promovam o comportamento que pretendiam extinguir é imperativo abordar a teoria do comportamento, associada ao condicionamento operante, de Skinner, e a aprendizagem social.

Fontana (1984) oferece como exemplo o comportamento de uma criança tímida. Nesta situação, um professor tende a ir ao encontro da criança e incentivá-la a participar com os restantes colegas, nas suas brincadeiras ou trabalhos. Todavia, quando a mesma é colocada com o restante grupo o professor tende a deixar de lhe dar a sua atenção. Ou seja, o que acontece é que a criança recebe a atenção do professor no momento inoportuno; a criança recebe atenção quando se isola e é “abandonada” quando está com o grupo. Desta forma, o professor está a promover exatamente o oposto daquilo que pretendia inicialmente. O modo correto seria parabenizar quando a mesma se envolvia com os seus pares e não fornecer a sua atenção quando se encontrava sozinha. Assim, a criança compreenderia que só receberia a atenção do professor caso se relacionasse com os restantes alunos.

De forma simples, “a aplicação do condicionamento operante (...) . limita-se a encorajar constantemente, o comportamento desejado, e ao mesmo tempo, se possível, em conter o encorajamento não desejado” (Fontana, 1984, p.140).

Para então um docente modificar um comportamento são necessários quatro aspetos: (i) elaborar uma lista de comportamentos específicos que deseja modificar; (ii) elaborar uma lista de comportamentos específicos que pretende atingir; (iii) analisar e refletir sobre de que modo os comportamentos da primeira lista possam ter sido encorajados no passado e (iv) procurar encorajar os aspetos da segunda lista (Fontana, 1984). No que toca ao observado no período de PES, esta mesma estratégia é utilizada quando, por exemplo, existe um contacto permanente com os pais numa procura cooperativa para a modificação de um determinado comportamento.

A acrescentar a isto, Bandura destaca o comportamento do professor enquanto modelo para um bom comportamento. Este deve reproduzir o comportamento desejado, evitando ser contraditório quando, por exemplo pede para que as crianças não gritem na sala, contudo este grita. O docente deve, ainda, destacar os alunos que mostrem o

comportamento desejado e quando fornece instruções deve fazê-lo de modo positivo, referindo-se ao comportamento que deseja que as suas crianças tenham, como por exemplo “caminhem calmamente até os vossos lugares” ou invés de “não corram na sala” (Bandura, citado por Fontana, 1984).

De modo a modificar os comportamentos indesejados existe, também, um sistema de recompensas através do *autocomprometimento*. Tharp e Wetzel (1969), referido por Fontana (1984), apresentaram um estudo bem-sucedido sobre a modificação de comportamentos face a um sistema de recompensas. Os alunos tinham que se comprometer a seguir os comportamentos desejados e, desta forma, receberiam recompensas. Os autores referem que entre duas a seis semanas, 75% do comportamento indesejado tinha-se extinguindo e o rendimento escolar tinha aumentado, melhorando, paralelamente, as suas relações interpessoais. Em consequência a isto, após o término do estudo, os alunos conseguiam manter os comportamentos aos quais se propuseram inicialmente – “o comportamento desejado é recompensado com símbolos que são trocados por prazeres e privilégios” (id., p.143).

Quando promovemos este tipo de investigação estamos implicitamente a analisar a relação professor-aluno, que tem vindo a ser discutida e analisada, na escala temporal, no modo de como esta influencia a aprendizagem do aluno.

Khouri (1984), apresentado por Trombeta (1997), realizou um estudo com o público adolescente cujo intuito era analisar as suas conceções sobre o que lhes era significativo num professor. Impressionante é saber que, na perspetiva do aluno, o conhecimento que o docente ostenta não é a característica primária num bom professor, antes os seus vínculos afetivos e a relação proximal que denotam um cuidado especial pelo professor. Todavia, este não é o único a apresentar estes resultados. Machado (1987), por sua vez, e também citado por Trombeta (1997), destaca a influência da relação entre os alunos e professores no processo académico. Podemos concluir que o aluno procura um docente preocupado com a sua pessoa e não somente na exposição de matéria. Consequentemente, nesta relação existe trocas de influências e perceções do mundo que, como já vimos, irão ditar a sua parte na formação da personalidade do aluno.

Trombeta (1997), apresenta um estudo realizado a alunos do ensino superior do curso de psicologia com a intenção de saber como caracterizavam “um bom professor”. Face ao que foi dito, as respostas não foram novidade. No total de respostas recolhidas no inquérito, 62,5% caracterizam um bom professor de acordo com a sua personalidade

e relação interpessoal. Mas será assim tão importante a personalidade do professor e a sua relação com os alunos?

A interação professor-aluno, o vínculo entre eles e o abandono das idéias [*sic*] de que o professor sabe mais que o aluno, de que pode e deve julga-lo e ainda determinar seus interesses, demonstram a percepção [*sic*] dos próprios alunos sobre a necessidade de uma educação mais humanista, preocupada com a formação de seres humanos e não somente com a sua formação. (Trombeta, 1997, p. 74)

Não é do objetivo desta investigação enunciar vastas metodologias apresentadas como mecanismos aceitáveis para a promoção de uma educação humanizada, mas apresentar diretrizes gerais que possibilitem a apropriação do professor sobre a influência que este exerce nos seus alunos.

O docente ao favorecer os trabalhos de grupo, por exemplo, está diretamente a oportunizar momentos de interação com conseqüente partilha de saberes, resolução de conflitos e reflexão consciencializada sobre os seus atos para com os outros:

O coletivo é, pois, a forma organizativa que melhor atende às condições para o desenvolvimento psíquico e para a formação da personalidade (...). Promover as relações dialógicas é uma forma pedagógica privilegiada de atuar sobre a *zona de desenvolvimento próximo* de cada criança (Bissoli, 2005, p. 245).

Assim como os diálogos em turma sobre assuntos do mundo favorecem uma reflexão crítica e, em conseqüência, o crescimento da criança no seu desenvolvimento acadêmico e social.

À vista disto, é imperativo que o docente se consciencialize, em primeiro lugar, que a educação implica um processo humano, onde as relações são essenciais a uma aprendizagem de qualidade. Em segundo lugar, reconhecer que ele próprio é assumido como modelo e não lhe é possível exigir algo que o mesmo não consiga cumprir. E em terceiro lugar, um investimento na formação da personalidade trata-se da união de duas conseqüências – sucesso acadêmico e triunfo na construção do ser social - que convergem para o mesmo fim – uma educação de qualidade. A forma como o faz dependerá dos seus próprios valores e inclinações e do grupo de crianças com quem convive.

2.2.4. Educação para Valores

Quando se discute a formação da personalidade da criança não é possível dissociar a função dos valores. “A imagem condutora da personalidade tem que ser derivada do sistema de valores e das concepções religiosas básicas que servem de alicerce a cada conduta” (Hetzler, 1981, p.153). Não construímos a personalidade da criança sem a transmissão de valores, direta ou indiretamente. Deste modo, vamos dedicar algum tempo na definição de “valor” e procurar verificar o que se entender por “educação para valores”.

Verosímil é afirmar que definir “valor” ou “valores” é dos conceitos mais vastos e diversificados de todos os tempos, por “dependem, bastante, dos pressupostos metafísicos dos autores” (Marques, s.d.). O termo valor deriva do latim *valore* cujo significado é aquilo que vale alguma coisa ou algo que tem merecimento. Pode ainda ser algo de interesse e qualidade ou algo considerado “belo, digno e verdadeiro, segundo um juízo pessoal feito de acordo com os padrões sociais de determinada época” (Marques, s.d.).

Para Cabanas, por exemplo, referido por Marques (s.d.), “um valor é uma qualidade abstracta [*sic*] e secundária de um objecto [*sic*], estado ou situação que, ao satisfazer uma necessidade de um sujeito, suscita nele interesse ou aversão por essa qualidade(...) . são ideias consistentes e objectivas [*sic*] do mundo racional humano” (p. 1). Por outras palavras, a necessidade do indivíduo influencia o valor atribuído que este atribui a um determinado objeto. O mesmo autor, acrescenta ainda que a fonte de valores são as necessidades racionais – valores racionais -e sensitivas – valores vitais - do ser humano, sendo que somente os primeiros podem se tornar universais e os segundos são relativos, dependendo do contexto, da época e da cultura.

Os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a tomada de decisões para que não sucedam incongruências entre atitudes e acções [*sic*] que possam pôr em risco a saúde mental (...) O carácter [*sic*] de uma pessoa assenta nos seus valores pessoais, tal como uma estátua assenta numa base. Quanto mais forte e resistente for essa base, mais estável estará a estátua (...) Os valores estão indissolúvelmente ligados à existência humana, possuindo, ao mesmo tempo, dimensões objectivas [*sic*]. Objectiva [*sic*], na medida em que os valores são metas, objectivos [*sic*], fins que pautam a conduta humana; subjectiva [*sic*] porque estão intimamente ligados às motivações e desejos, dependendo, portanto, da energia emocional e

sentimental que impulsiona as acções [sic]. Os valores são qualidades independentes do sujeito e de carácter absolutos que são desejadas e valoradas pelo indivíduo ou pelo grupo social (Sousa, citado por Marques, 2002, p. 15).

Beraza (2000) relaciona os valores com atitudes numa simbiose de qualidades descobertas pelas vivências e experiências de cada indivíduo, subordinando-se um ao outro. Atendendo a que um valor determinará um comportamento ou atitude, este assume uma parte fulcral na formação da personalidade do indivíduo.

os valores servem de padrões para guiar a vida dos homens; orientam toda a actividade [sic] humana nas situações concretas da vida; mediatizam a percepção [sic] que formamos de nós próprios e dos outros; estabelecem as bases para julgar; justificam todo o tipo de influência que se pretenda exercer em relação aos outros; são expressões idealizadas capazes de satisfazer as necessidades humanas, básicas: biológicas e culturais do ser humano possuidor da plenitude mas não da totalidade (Casanova, M. P. S. M., 2011 p.6).

Marques (2002) apresenta-nos os valores como sendo bipolares e pertencentes a uma hierarquia à qual Beraza (2000) explica, na perspetiva e atitude, como havendo sempre aspetos emocionais que dirigem uma ação ou reação para uma aceitação -positivo – ou negação – negativo. Posto isto, as atitudes são apresentadas como processos dicotómicos que nos aproxima ou nos afasta de determinado objeto.

Falando de hierarquia, torna-se perceptível a existência de uma escala de valores que se constitui numa classificação de valores face à importância dada a cada um deles. Nesta hierarquia, existem valores dependentes de outros, i.e., os quais não nos é possível alcançar sem se ter, primeiramente, alcançado outros (Marques, 2002). Nesta escala, o sujeito pode percorrer nos dois sentidos, “numa subida ou numa descida” (idem, p.17). Visto que os valores resultam de uma liberdade e, conseqüentemente, diversidade existem inúmeras escalas de valores e apesar das divergências os axiólogos admitem seis ordens de valores:

- (i) *Valores práticos*- “proporciona rentabilidade e dá proveito”, por exemplo dinheiro;
- (ii) *Valores hedonísticos* – relacionados com o prazer e a satisfação pessoal;
- (iii) *Valores estéticos* – relacionados com o belo;
- (iv) *Valores éticos* – moralidades;
- (v) *Valores lógicos* – relacionados com a ciência;

(vi) *Valores transcendentais* – estritamente relacionados com a crença religiosa e a esperança da vida após a morte.

Apresenta-nos, agora, uma nova questão sobre a qual os autores igualmente se debruçam: os valores são absolutos ou relativos? A resposta é complexa e carece de uma simples afirmação ou negação. Na verdade, os axiólogos posicionam-se em três diferentes prismas: (i) *axiólogos personalistas*, que afirmam que os valores são absolutos, os *axiólogos construtivistas* defendem o oposto, que são relativos e, por fim, temos axiólogos que se encontram num meio termo:

O carácter absoluto de alguns valores resulta da racionalidade desses valores. Quer isto dizer que os valores superiores são o carácter de uma coisa desejável aos olhos. É preciso tomar em atenção que o valor não é aquilo que é desejado mas sim aquilo que é desejável” (Marques, 2002, p. 19).

Ora em ambos os extremos destes três prismas evidenciam-se duas opostas posições do professor face à universalidade ou relatividade dos valores. Se no primeiro caso todos os valores são absolutos, então o docente tem de ensinar o aluno “a valorar corretamente e a respeitar a hierarquia de valores”. Por seu turno, se todos os valores são relativos, então o docente tem muito pouca ou nenhuma responsabilidade sobre a educação dos valores, tendo o aluno total liberdade para definir as suas preferências de valores (Marques, s.d.).

“Aceptada la realidad objetiva-subjetiva del valor, y la pluralidad axiológica, aceptando, también, que la educación implica fines, valores, surge el dilema: ¿hacia qué fin tender?; ¿qué valores asumir?; en qué sentido “darles de sí”?; ¿qué demanda este momento histórico?” (Pásqua, 1997, p. 261)

É necessário, neste momento, pontuar os aspetos referentes à educação para os valores, à “formação da pessoa e não estritamente na transmissão de saberes científicos” (Pires, 2007, p. 115).

Pires (2007), apresenta uma verdade empírica ao afirmar que na educação estamos constantemente a transmitir valores, quer direta ou indiretamente:

ao ignorarmos determinados elementos da nossa cultura, seleccionamos [*sic*] outros aos quais conferimos um especial valor, estamos a fazer uma opção com consequências na educação. O desafio de tomar consciente os valores que a escola procura promover, de os discutir e assumir é assim um imperativo a que não podemos fugir (Pires, 2007, p. 116).

O professor na sala de aula bem como a escola no seu todo, naquilo que explicita e não explicita, no que diz permitir e no que proíbe, no que incentiva e no que faz por desconhecer, ensinam aquilo que valorizam, o que acham, justo e não justo, em suma, ensinam valores. O ensino dos valores não se pode evitar (Valente, 2016, p.1).

Se a projeção dos valores é tão evidente, porque existe dificuldade, por parte da escola, em colocar em prática? Segundo Páscoa (1997), porque entram em conflito ao tentarem definir valor e que posição devem assumir perante uma educação para os valores. Conscientes disto, a escola, e os docentes que dela fazem parte, necessitam de compreender a sua função e a exigência da mesma, procurando questionar, e procurar respostas, sobre de que forma pretendem educar para os valores (Páscoa, 1997).

A Lei de Bases do Sistema Educativo prevê que exista nas instituições de ensino dos diferentes níveis de escolaridade uma formação moral e cívica com “o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade” (Decreto-lei n.º 237/1986, de 14 de novembro, p.3) com associação “a) aos valores morais (...) b) à formação do carácter, c) ao desenvolvimento pessoal e social e d) à área do sentido, da identidade e dos valores espirituais” (Cunha, 1996, p. 144).

A instituição não necessita, obrigatoriamente, de implementar projetos especiais para promover uma educação em valores; deve sim, procurar promovê-la, definindo de que formas a pretende implementar através do seu próprio currículo (Andrade, 1997) – “O que ela [escola] deve buscar é a simbiose entre o saber-ser e, ao mesmo tempo, um saber-viver” (Cardoso, 1997, p. 519). O modo como dialoga com as suas crianças, o clima de afetividade, as relações interpessoais, o modo como as ouvem e respeitam bem como as valorizam são vias de acesso para uma educação favorável em valores (Pires, 2007). Assim sendo, “o professor deve *saber ser* pela sabedoria que dispensa aos discípulos; deve *saber dar-se* libertando-o do seu ego fictício; deve *saber estar* - pelo exemplo que dá sendo este o melhor método - ensinar pelo exemplo” (Pires, 1997, p. 412). Importante é que o docente deixe de ser *docente* – detentor do conhecimento académico e disciplinador – para assumir a posição de *educador*, de modo a evitar desenvolver nas crianças a apatia, a indiferença, a não reflexão sobre o mundo que a rodeia e, conseqüentemente, a não preparação para a vida; *educador* na medida de estimulador do “raciocínio moral” (Pires, 1997).

Assim, o professor, enquanto educador moral, deve colocar ênfase na capacidade para: criar conflitos cognitivos ajudando o diálogo com respeito pelos outros;

estimular o desempenho de papéis – ser ele e não igual ao outro; criar uma atmosfera democrática na sala de aula; facilitar a aprendizagem promovendo a pesquisa e levantando questões; participar como membro duma equipa pedagógica; moderar seminários de discussão onde todos têm o seu lugar (Pires, 1997, p. 413).

A criança só desenvolve o seu raciocínio moral² em situações que exijam o pensamento e reflexão da mesma e que “criam uma necessidade para aprender”, como a resolução de problemas, o reconhecimento das regras enquanto facilitadoras nas relações interpessoais, hábitos de boa leitura e o incentivo há prática da honestidade, fidelidade, amor, justiça, bondade, entre outros.

Por diversos fatores sociais e mesmo culturais, temos visto a escola a ter que assumir uma responsabilidade acrescida na educação e formação do carácter e personalidade das suas crianças (Fernandes, 2001). A falta de tempo com os seus pais – ou menos a ausência total dos mesmos – e o aumento de tempo passado nas escolas associados à pressão das entidades empregadoras e à correria dos tempos modernos, obrigam a uma reformulação na educação e a uma especial atenção da comunidade educativa. Sem desvalorizar a função dos pais e as suas dificuldades, a escola vê-se obrigada a alargar as suas responsabilidades para chegar a todas as suas crianças. Sem dúvida que a evolução da sociedade em geral exige uma flexibilidade e adaptação às mesmas, ainda que nem sempre favoráveis.

Por estas razões, cada vez mais a educação em valores é essencial para o progresso de sociedades civilizadas, empáticas e justas.

2.3. Roteiro metodológico e ético

Os estudos sociais, na vertente educacional, socorrem-se, usualmente, da investigação qualitativa (Lima & Chueke, 2012), que se apresenta como descritiva e fiel aos dados recolhidos (Carmo & Ferreira, 1998), apresentados e interpretados (Freixo, 2011), de acordo com os objetivos do estudo.

De acordo com Bogdan e Biklen, citado por Freixo (2011), a investigação qualitativa apresenta cinco características:

- 1) A situação natural constitui a fonte de dados, sendo o investigador o instrumento-chave de toda a recolha de dados.

² Veja, como acréscimo, os estádios de desenvolvimento moral de Kohlberg.

- 2) A sua preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados.
- 3) A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final.
- 4) Os dados são analisados indutivamente, como se reunissem, em conjunto, todas as partes de um *puzzle*.
- 5) Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao «porquê» e ao «o quê» (Freixo, 2011, p.146).

Assim, e de acordo com os objetivos apresentados, prevê-se que o presente estudo seja de natureza qualitativa, pois a sua intenção principal é a procura da “compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo” (Freixo, 2011, p. 146), por meio dos registos descritivos e da análise interpretativa.

Quanto às técnicas e instrumentos de recolha de informação, estes foram:

i) a **observação direta participante**, que, como o nome indica, admite a presença e interação do investigador (Minayo & Costa, s.d.), neste caso, com as crianças e o corpo escolar, que facilita a adaptação e seleção dos dados recolhidos, de modo a ir ao encontro dos objetivos e da problemática do estudo (Flick, 2013);

ii) as **notas de campo** (N.C.), recolhidas a partir da observação realizada, contemplando o registo de situações ocorridas durante a PES em ensino do 1.º Ciclo, com referência ao local, data e momento do horário escolar (Bogdan & Biklen, 1994);

iii) as **entrevistas semiestruturadas** (ver anexo C e D) realizadas a ambas as professoras titulares da OS, com o propósito de conhecer as representações atribuídas pelas mesmas com relação à formação da personalidade e às técnicas utilizadas dentro da instituição. Estas são suportadas por questões pré-elaboradas, contudo dão espaço ao entrevistado de para “uma reflexão livre e espontânea (...) sobre os tópicos assinalados” (Minayo & Costa, s.d., p. 142). Segundo Carmo e Ferreira (1998), a entrevista é fundamental quando o investigador pretende obter respostas a questões pertinentes ao estudo que não se encontrem em documentos bibliográficos ou, como refere Barros e Lehfeld (2000), para recolher dados mais específicos sobre o objeto de estudo;

iv) os **questionários** (ver anexo A e B), de perguntas abertas, realizados à professora M. e à diretora pedagógica, com vista a conhecer melhor a organização socioeducativa onde foi realizado o estágio, possibilitando, deste modo a recolha de informação num menor período de tempo e facilitando as que dele participaram no ato de reflexão a cerca das questões apresentadas (Barros & Lehfeld, 2000);

v) o **questionário aos encarregados de educação** (ver anexo E), com perguntas abertas e fechadas, que serve o propósito de procurar entender, na perspectiva da família, de que forma a instituição educa para a os valores e como constrói a personalidade da criança. Por meio de inquéritos por questionário, é possível abranger um maior número de sujeitos, facilitando, deste modo, a recolha de informação (Barros & Lehfeld, 2000) e a rapidez na recolha da mesma (Carmo & Ferreira 1998).

A análise de conteúdo foi a técnica utilizada, na presente investigação, com o intuito de proceder à análise dos dados recolhidos. Esta “é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador” (Silva & Fossá, 2013, p. 2). A análise de conteúdo visa classificar os dados recolhidos em categorias, de modo a facilitar a sua compreensão (Silva & Fossá, 2013) e descrevê-la, de modo a “preservar o trabalho” (Berelson cit. Vala, 1986). Bardin, citado por Vala (s.d.), acrescenta ainda que a análise de conteúdo não deve somente sustentar-se da descrição, mas, sim, da interpretação que a ela é dada.

Deste modo, a análise de conteúdo é comumente utilizada na análise investigativa (Silva & Fossá, 2013) e, neste caso, foi utilizada na análise nos dados recolhidos por meio das entrevistas (às duas docentes), questionários, composto por perguntas de respostas abertas e fechadas (pais e/ou encarregados de educação), e registos de observação (N.C.). Em relação aos questionários, os mesmos foram aplicados a todos os E.E. da OS, procurando recolher um maior número de inquéritos, contudo os questionários devolvidos foram em menor número ao que era esperado. Assim, serão analisados 23 questionários que complementam a investigação.

A análise de conteúdo permitirá ao investigador constatar a presença ou ausência referências que se pretende constatar no estudo. Essas referências, depois de identificadas, são agrupadas em categorias que, como referido, contribuirão para uma melhor compreensão. Os elementos que se agrupam nas diferentes categorias são construídos através das notas de campo, entrevistas e questionários que, posteriormente, são analisados a partir das árvores categoriais elaboradas (ver anexo F, G e H) (Bardin, 1977). Estas, desenvolvidas pelos dados recolhidos e selecionados, contribuem igualmente para verificar a frequência da ocorrência (Vala, 1986) de momentos de transmissão de valores e conseqüente formação da personalidade.

No que diz respeito ao roteiro ético, o mesmo foi elaborado de acordo com duas entidades: a) *Carta de princípios para uma ética profissional*, da APEI (2011), e b) os princípios de investigação com crianças segundo Tomás (2011).

A APEI (2011) apresenta os seguintes princípios a serem levados em consideração pelos profissionais: 1) *Competência* – que se refere ao *saber-ser* e *saber-fazer*; 2) *Responsabilidade* – referente à ao bem-estar do outro e à sua conveniente resposta ao mesmo; 3) *Integridade* – que se evidencia por uma “conduta honesta, justa e coerente” (p. 1); 4) *Respeito* - alusivo ao reconhecer a dignidade do outro.

Por seu turno, Tomás (2011) apresenta os seguintes princípios: 1) *Objetivos do trabalho* – apresentação dos objetivos do trabalho a todos os intervenientes; 2) *Custos e benefícios* – identificação dos benefícios ou danos que poderá, a investigação, trazer à criança; 3) *Respeito pela privacidade e confidencialidade* – a decisão de divulgação dos dados por parte de cada interveniente; 4) *Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir* – importância da seleção das crianças que participam na presente investigação. Neste estudo, a maioria das crianças envolvidas são as da turma mista de 3.º e 4.º anos, visto que a PES foi realizada com esta turma, embora possam surgir dados de informação que incluam as crianças da turma do 1.º e 2.º anos; 5) *Fundamentos* – inclusão dos intervenientes (crianças e corpo escolar) e adequação de estratégias de recolha de informação; 6) *Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação* - os intervenientes “devem ser informados acerca dos objetivos e da natureza da investigação, dos métodos, do timing e dos resultados” (Ruck et al., cit. Tomás, p. 84); 7) *Consentimento informado* – autorização dos participantes na realização da entrevista; 8) *Uso e relato das conclusões* – partilha de conclusões com os elementos participantes; 9) *Possível impacto nas crianças* – consideração do impacto causado, não só nas crianças envolvidas no estudo, como também nas restantes crianças da OS; 10) *Informação às crianças e adultos envolvidos* – participação e envolvimento autêntico e fidedigno por parte de todos os intervenientes.

2.4. Apresentação e discussão de dados

A investigação foi desenvolvida com as crianças de uma turma mista de 3.º e 4.º anos, composta por 20 crianças, os seus familiares e 2 adultos (professoras M. e B.). Para a concretização desta investigação foram recolhidos dados a partir da observação direta participante das rotinas diárias da turma, organizados, posteriormente em árvores categoriais resultantes das notas de campo (ver anexo F). Acrescentando-se, ainda, e tal como já foi anunciado no subcapítulo anterior, a informação recolhida a partir das entrevistas realizadas a ambas as professoras titulares (ver anexo G) e a partir dos questionários respondidos pelas famílias (ver anexo H).

2.4.1. Apresentação e análise das Entrevistas

O processo de apresentação e discussão de bases foi feito com base na análise de conteúdo, uma técnica de tratamento de informação (Vala, s.d., p.103) que permite analisar “ diferentes fontes de conteúdo” (Silva & Fossá, 2015, p.3) e foi realizada de acordo com os seguintes procedimentos: **i) “pré-análise”**, que inclui uma “leitura flutuante”, na qual foram selecionadas e agrupadas as subcategorias, bem como indicadores que as definem; **ii) “exploração do material”**, na qual foram selecionadas as categorias, de modo a agrupar as subcategorias definidas no passo anterior, e as “unidades de registo”, recortes do material coletado, que exemplificam as subcategorias; e **iii) “interpretação”**, no qual é apresentado e analisado o que as entrevistadas referiram de acordo com as categorias “caracterização da professora”, “concepções gerais sobre a formação da personalidade”, “colégio”, “os pais” e “as docentes” (ver Anexo G). A nomenclatura dos procedimentos acima referidos foi utilizada de acordo com Silva e Fossá (2015).

No que se refere à caracterização das docentes, pode-se referir que ambas iniciaram o seu percurso académico fora da vertente do ensino do 1.º ciclo, embora essas vertentes estivessem relacionadas com a presença de crianças. Frequentaram o ensino superior e concluíram os seus cursos na valência do ensino do 1.º ciclo. Quanto à experiência e percurso profissional, a professora B. (PB) não exerceu noutros estabelecimentos de ensino. Por sua vez, a professora M. (PM) passara por outras duas instituições, às quais pode identificar algumas diferenças que serão apresentadas posteriormente.

No que confere às concepções que as entrevistadas têm relativamente à definição da formação da personalidade, é possível constatar que ambas concordam que a personalidade é formada ao longo do tempo, não se apresentando como algo inconsciente ou nato. A PB distingue “personalidade” de “essência”, sendo que a primeira é modelada e formada a partir dos valores, do meio e dos modelos transmitidos à criança e a segunda “é o que nós já trazemos desde berço” (Anexo G, subcategoria *Definição de formação da personalidade*, EPB), acrescentando ainda que é possível moldar a personalidade da criança para que se transforme naquilo que o interveniente pretender. A PM refere-se à personalidade como “aquilo que vamos construindo ao longo da vida” (Anexo G, subcategoria *Definição de formação da personalidade*, EPM), sendo que esta é formada

pelo processo de imitação, pela hereditariedade e pelas dificuldades vivenciadas ao longo da vida.

Os valores morais, para a PB, são os valores que são transmitidos dentro e pelas famílias, ao passo que os valores sociais são aqueles transmitidos pela sociedade. Contudo cabe a nós, indivíduos, selecionar quais os valores, que a sociedade transmite, que podemos ou não adotar, colocando em prioridade aqueles que nos foram transmitidos no núcleo familiar. A PM considera os valores como algo de extrema preciosidade que “podem erguer, construir, solidificar, criar empatia” (anexo G, subcategoria *Definição de valor*, EPM). Ao longo da entrevista verifiquei que para ambas as entrevistadas os valores, sejam eles morais, sociais ou espirituais, são de grande importância sejam eles desenvolvidos em casa, na escola ou em ambos.

A relação entre a transmissão dos valores e a formação da personalidade é clara e necessária (PB e PM). Para ambas as professoras, todos os valores que são transmitidos vão construir a personalidade do sujeito. Contudo, a PM apresenta um aspeto proveitoso para uma análise mais cuidada a cerca desta questão: “Sim. Quer dizer, deveriam de estar. Eu posso formar a minha personalidade sem qualquer tipo de valor. Elas podem não estar ligadas entre si. Mas para que eu forme uma melhor personalidade tem que estar interligada com os valores morais, sociais” (Anexo G, subcategoria *Relação entre a formação da personalidade e os valores*, EPM). De facto, e como já verificámos na *Revisão da literatura*, um docente – ou qualquer que se assuma pela educação da criança – transmite inevitavelmente valores (Valente, 2016); o mais correto é admitir que uma personalidade pode ser formada a partir valores erróneos e, deste ponto, declaramos como sendo uma personalidade “onde não existem valores”. Por este motivo considereei esta afirmação pertinente pela sua linha de orientação e raciocínio.

A função da escola na formação da personalidade levantou, de início, algumas dúvidas sobre a sua atuação, todavia é aceite que a escola assume também parte do papel de formar a personalidade da criança (PB e PM). Para a PB, a formação da personalidade é incumbência da família, embora a escola seja um continuador desta função: “não é a formação direta da personalidade, mas nós somos uns continuadores, digamos assim, daquilo que se faz em casa” (Anexo X, subcategoria *Função da escola na formação da personalidade*, EPB). Esta docente não assume total responsabilidade da personalidade das suas crianças e a mesma justifica-se (ver Anexo G *Transcrição da entrevista: professora B.*, questões D1 e D1.1) da seguinte forma: “Tu até podes querer fazer, mas

nunca nos podemos esquecer que eles têm uns pais por de trás, ou uns avós, não interessa, os cuidadores deles, os tutores, e eles [crianças] vão sempre fazer aquilo que eles [pais] mostram” (Anexo G, subcategoria *Função da escola na formação da personalidade*, EPB). Efetivamente, a docente não rejeita a função da escola, apenas refere que a família apresenta-se em primeiro lugar e é a ela à qual as crianças se irão submeter em última instância - “primeira palavra que vai prevalecer é sempre a dos pais” (Anexo G, subcategoria *Função da escola na formação da personalidade*, EPB). Por sua vez, a escola deve acompanhar esta formação da personalidade enquanto “ajudadores” (PB).

Noutro prisma, a PM apresenta um provérbio que retrata aquilo que pensa sobre quem deve formar a personalidade da criança: “Nós somos uma aldeia (...) o ideal para a formação de um bom carácter é de toda a aldeia educar uma criança” (Anexo G, id., EPM). PM afirma que para desenvolver uma boa personalidade é necessária que toda a sociedade esteja envolvida, cada um preenchendo as “lacunas” do outro (PM). A entrevistada recorda um momento da sua infância que retrata bastante bem aquilo que a mesma pretende transmitir, quando uma senhora (desconhecida) lhe ordenou que apanhasse do chão aquilo que lançou e afirma, ainda, como essa atitude a impediu de voltar a deixar lixo na rua.

Existe igualmente unanimidade entre as duas entrevistadas quando se aborda os valores morais na escola. A escola assume um papel importante na transmissão de valores, por exemplo quando se conta uma história (PB), e a essa função não pode ser substituída, nem pela família, nem pela sociedade (PM). Nesta perspetiva, ambas atribuem responsabilidade à OS e reconhecem-na na transmissão dos mesmos: “E o colégio é uma das coisas que tem, educa e tenta mostrar valores (...) porque nós também queremos que eles sejam um dia cidadãos do mundo como deve de ser” (Anexo G, subcategoria *Educação para os valores*, EPB). A organização socioeducativa procura ainda a educação integral da criança, não apenas no sentido cognitivo, mas também físico e espiritual (PM).

A rotina da OS inicia-se com um pequeno período chamado “meditação” e, como já foi referido no capítulo *Caraterização do contexto socioeducativo*, este momento destaca-se pelo canto de músicas cristãs e pela leitura de uma pequena história de cariz reflexivo. As duas professoras pronunciam-se mais do que satisfatoriamente relativamente aos resultados que este período apresenta, nomeadamente ao facultar “sossego” e “calma” antes das crianças entrarem nas respetivas salas de aula. O cantar, como refere a PB, ajuda a transmitir alegria, enquanto que a leitura os ajuda a refletir sobre o que ouvem: “E esses dois momentos unidos ao último momento, que é o da

oração, penso que se sente uma passividade, não de estarem quietos e não lhes apetecer fazer nada, mas notória e muito notória(...)” (Anexo G, subcategoria *Práticas: meditação matinal*, EPB). A PM destaca também este momento para a resolução de conflitos que possam existir quando a criança chega à escola. Ambas as docentes reforçaram a noção de que as crianças, quando chegam à escola, podem trazer consigo “frustração” (PM) ou “nervosismo” (PB) provenientes de algum acontecimento que possa ter surgido. Assim, este momento contribui para ajudá-las, não só a “desacelerar” (PB) como também a partilharem as suas “ansiedades” (PM) para que, em conjunto, se possa arranjar uma solução, fazendo de cada criança única e pertencente a um grupo (PM).

A meditação não é a única prática exercida pela OS que contribui para a formação da personalidade, também as aulas de bíblia são utilizadas, não só para estudar a bíblia, naturalmente, como também para transmitir os valores que a mesma contém (PB e PM). Para a PB, o momento de oração antes da refeição é, por si só, uma ferramenta que ajuda a criança a trabalhar o valor da gratidão, de modo a reconhecer e a agradecer os alimentos que possui. Em contrapartida, o exemplo e a prática das docentes é igualmente um aspeto a considerar. Por um lado, a PB fala na importância de se acolher todas as crianças independentemente das suas diferenças e explica que essa é uma norma da OS que as docentes tentam cumprir, que, por sua vez irá refletir-se nas crianças, por meio do exemplo. Por outro, a PM apresenta um aspeto de grande importância, mencionado também no subcapítulo *Revisão da literatura*, “aquilo que eu digo tem que coincidir com aquilo que eu faço” (Anexo G, subcategoria *Outras práticas*, EPM). Com efeito, não é concebível exigir de uma criança algo que o próprio não seja capaz de cumprir e esta é uma máxima à qual todos os docentes devem atender.

A instituição preocupa-se em “promover ajudas sociais” (Anexo G, subcategoria *Outras práticas*, EPM) e incute nos seus alunos a necessidade de se empenhar em ajudar aqueles que mais precisam. Por último, a PM refere-se igualmente a situações não-planeadas que podem ser utilizadas para a transmissão de valores que, por sua vez, contribuem para a formação de uma apropriada personalidade; o importante é “estar intrínseco naquilo que fazemos no dia-a-dia” (idem, EPM).

Os valores espirituais são tidos em imensa consideração pelas duas professoras. Se por um lado auxilia a criança a compreender a existência de um ser Criador (PB) e lhe atribui um propósito (PM), por outro fá-las crescer em consideração a si próprias e ao outro (PM). Apresentando, novamente, o ato de orar antes da refeição contribui não só para que se cultive a gratidão, mas, simultaneamente, o domínio próprio através do

aguardar que todas as crianças se sentem à mesa para se iniciar a refeição (PM). Contribui também para a promoção da “solidariedade”, “amizade”, “benignidade” (PB) e “empatia”, altruísta e “domínio próprio” (PM). Posto isto, a educação cristã é uma mais-valia para ambas as docentes, uma educação onde a criança aprende a se descentralizar para desenvolver a empatia e onde a criança se sente acolhida por uma comunidade que a apoia mesmo nas dificuldades (PM).

Com este tipo de ensino, as docentes recordaram, durante a entrevista, alguns exemplos de crianças que dele beneficiaram e alteraram os seus comportamentos em consequência de uma transformação da sua personalidade (ver anexo G, subcategoria *Exemplos de crianças beneficiadas*). Deles destaco o G.C., aluno da turma mista com a qual estagiei. O G.C. frequenta as instituições de educação da igreja desde o pré-escolar e demonstrou frequentemente ser uma criança agressiva que afirmava que iria matar a educadora, no pré-escolar, e a professora, no 1.º e 2.º anos (PB). Apesar disto, a professora M. comenta que “Já consegue ter mais domínio próprio apesar de ainda estar muito longo do ideal, mas também está muito longe daquilo que ele era” (Anexo X, idem, PM). Para a professora B. o G.C. foi dos alunos que mais a marcou devido à violência que apresentava para com o corpo escolar e as restantes crianças. Pessoalmente, durante o período em que lá estive, a mesma criança que outrora prometia que levaria uma metralhadora e mataria toda a gente (EB) fez tranças no meu cabelo, mostrou-me os seus lápis de cor novos, convidou-me para jogar xadrez, compartilhou-me os seus desenhos, convidou-me para a sua festa de aniversário. Contudo, e tal como a PM disse, mostrou, sim, momentos mais violentos e/ou de desrespeito, contudo não o observei a ditar tais palavras, nem tampouco a agredir fisicamente alguém. Sem dúvida alguma (e sem qualquer ilusão) esta criança não se apresenta ainda no patamar correto do comportamento, todavia não a identifico como sendo a criança bastante violenta que foi. Para a PM o que diferenciou e o ajudou a alterar o seu comportamento foi o *amor*.

Face a conflitos é incentivado às crianças que sejam autónomas na sua resolução (PB e PM), contudo, quando não o conseguem fazer, o adulto serve de “mediador” e disponibiliza ferramentas criativas para a resolução dos mesmos (PM). Essas ferramentas criativas podem ser cartas a destacar as qualidades do colega, por exemplo, ou passar o recreio apenas a brincar com esse colega e devem ter a finalidade de ajudar, não só a resolver o problema, como também a compreender como o resolver (PM).

Torna-se necessário saber o que as famílias procuram quando escolhem esta instituição. A resposta foi unânime para ambas as docentes entrevistadas: procuram uma

transmissão de valores (PB e PM). Os pais procuram os valores que a igreja transmite (PB), ou seja, e como já foi referido, procuram os valores espirituais; procuram uma OS que os eduque academicamente, mas que transmita valores de modo a formar adequada personalidade (PM). Recorrentemente os encarregados de educação (EE) são encaminhados por outros EE com o intuito de alterar o comportamento da criança (PB) e estes esperam “sentir que os seus filhos vão ser amados e bem cuidados e querem uma equipa para ajudar a construir a personalidade das crianças” (anexo G, subcategoria *O que os EE procuram*, EPM).

O saber-estar, a entretajuda e o respeito pelos pais que a criança apresenta são alguns dos aspetos que os EE destacam, como mudança de comportamento nos seus educandos (PB). Outro aspeto também salientado pelos EE é, novamente, o sentido de gratidão às refeições; mais uma vez este é um aspeto bastante mencionado e em que os próprios EE destacam com agrado (PM). A PM relembra ainda o envolvimento de uma das crianças na elaboração de bolos, e posterior venda, com o intuito de angariar fundos “para beneficiar os que mais precisam” (anexo G, subcategoria *Feedback EE*, EPM).

Por seu turno, considerou-se interessante, durante a entrevista à PB, averiguar se, para além da transformação das crianças, existe também algum tipo de influência positiva nas famílias, à qual ela respondeu positivamente: “Acima de tudo é também, enquanto agente educativo, ter a noção que também podemos fazer a diferença na vida de alguns pais” (anexo G, subcategoria *Influência nas famílias*, EPB; ver anexo G, subcategoria *Influência nas famílias*).

Tendo já verificado e constatado a atuação da OS na formação da personalidade da criança, tencionou-se conhecer a atuação das docentes no mesmo campo. Ambas as entrevistadas utilizam a leitura como meio de transmissão de valores e conseqüente formação da personalidade. Por outro lado, a PB informou igualmente que a partilha das suas próprias vivências enquanto criança e enquanto adulta os ajuda, não só a aprender com ela, mas a receber bases para uma boa formação da personalidade. A meu ver, este aspeto aproxima a criança do adulto e promove a partilha de ambas as partes e a confiança um no outro, essenciais no auxílio daqueles que pretendem educar uma criança.

A PM reforça que existem sempre momentos planificados e não planificados e que estes são uma “semente” que ela deposita e trata de cuidar. Por outro lado, comenta ainda que estas crianças não estão com ela constante e permanentemente o que a deixa preocupada quando as mesmas deixam a instituição, contudo “eles sabem que podem sempre voltar. Estou sempre disposta a que eles possam pedir ajuda” (anexo G,

subcategoria *Atuação na sala de aula*, EPM). A mesma docente tem por hábito realizar uma avaliação no final do ano com o objetivo de procurar formas de melhorar o seu desempenho, demonstrando cuidado e apreço na sua função. Esta medida é primordial para qualquer professor (Arends, 2008) que busque não somente uma educação acadêmica, mas também uma educação assente na personalidade da criança.

Desde que começou a lecionar no Colégio AAAA, a PM notou algumas diferenças pelas outras OS pelas quais tinha passado. As diferenças por esta entrevistada destacadas são a “boa educação”, a “maneira de cumprimentar”, “um ambiente calmo”, o interesse das crianças na aprendizagem e os valores que as mesmas possuíam (PM). Para além do tipo de educação, a docente destaca que o diminuto espaço físico contribui para estes fatores. Durante o período de PES verifiquei que havendo um menor número de crianças todas elas são incluídas, promovendo uma maior proximidade entre criança-criança e criança-professor, sendo um facilitador na formação da personalidade. A PM reforça novamente o importante papel da meditação no começo do dia e como o mesmo a ajuda a ter um início de aulas mais calmo e constante, aspeto não existente nas outras OS e que a obrigavam a ter uma atividade de regresso à calma.

Comparando as diferentes crianças a quem lecionaram a nível temporal, as entrevistadas afirmam também constatar uma grande modificação no que diz respeito à tolerância, resiliência e o saber lidar com a frustração (PB) e concentração, egocentrismo e falta de autonomia (PM) (ver anexo G, subcategoria *Comparação entre as crianças de diferentes anos*).

Por último, propôs-se às entrevistadas que refletissem sobre as suas práticas no que respeita à formação da personalidade das suas crianças. Curiosamente, ambas abordaram a importância de lecionar num meio natural a dificuldade de concretizar as mudanças que gostariam de efetuar. Em particular, a PB gostaria de abandonar os materiais escolar para aprender no meio da natureza através de questões sobre a mesma e consequente reflexão. O ato de questionar o mundo envolvente é o que torna a aprendizagem possível e aprazível; para tudo o que hoje sabemos alguém, um dia, teve que questionar, por esta razão também eu me identifico com este tipo de metodologia, na natureza, à qual chamamos, usualmente, de trabalho de projeto. Todavia, a PB mostrou descontentamento na prática que diz serem “obrigados a ter” e de que como a sociedade não se encontra preparada para uma mudança deste tipo, caso a mesma ocorresse (ver anexo G, subcategoria *Reflexão sobre a prática*).

2.4.2. Apresentação e análise das Notas de Campo

Assim como no subtópico anterior, a apresentação e análise das N.C. são orientadas pelo mesmo princípio de análise de conteúdo, sendo os procedimentos também em tudo idênticos: i) pré-análise; ii) exploração do material e iii) interpretação, sendo este passo caracterizado pelas categorias “crianças”, “conduta escolar” e “formação da personalidade e transmissão de valores” (ver Anexo F – Árvore categorial de análise das N.C.). É importante ainda mencionar que maioria das notas de campo são referentes aos alunos do 3.º e 4.º anos, atendendo ao maior período de tempo que dispus com eles e, conseqüentemente, à prática da professora titular de turma.

Analisar-se-á, em primeira instância, as relações interpessoais criança-criança, criança-professor titular e criança-adulto - sem especificação -, de modo a caracterizar o comportamento da criança no meio escolar.

A turma mostrou ser, ao longo do período de PES, empática, sociável e inclusiva, auxiliando-se sempre que necessário (ver anexo F, subcategoria *Relação criança-criança* (v.v), N.C. nº 58 e 115). Contudo, e tal como qualquer grupo de crianças, também existiram momentos de conflito ou divergência. Perante estes momentos de conflito, a OS procura que a criança aprenda a lidar com e a resolver os seus próprios conflitos, quando tal não parece concebível a intervenção do adulto torna-se necessária:

“No período do almoço, eu e os rapazes estávamos a brincar com o lego e a construí um barco. Um menino do 2.º ano aproximou-se e mostrou-se interessado na brincadeira. Todavia, o G.D. não queria que ele brincasse juntamente com o grupo, pois afirmava que já havia muita gente a brincar. Expliquei-lhe que não haveria problema se aceitássemos mais uma pessoa para brincar connosco, visto que todos nós estávamos a fazer partes diferentes do barco para depois juntar. O G. concordou com a minha afirmação e perguntou ao G.D. ‘Olha lá, tu gostavas que não te deixassem brincar?’. O F. afirmou ainda que ele não iria gostar de ficar de fora da brincadeira e o G.D. acabou por aceitar a opinião dos amigos e convidar o menino a brincar connosco” (N.C. nº59).

Tal como se analisa na N.C. nº 59, embora tivesse intervindo, o G. e o F. mostraram ser capazes de dar a sua opinião e demonstrar, pelo seu próprio exemplo, que a atitude e comportamento do G.D. não era a mais correta.

Constatei, ainda, que, embora sejam crianças que brincam relativamente bem umas com as outras, não trabalham bem em grupo e a principal razão é o de não o fazerem com regularidade. Deste modo, um dos aspetos que considere fundamentais no projeto de intervenção foi o trabalho cooperativo. Ao longo dos meses de intervenção observou-se uma notória evolução a este nível:

“Mais uma vez, a turma mostrou melhorias na capacidade de trabalhar em grupo. Nesta sessão, do projeto de intervenção, poucas vezes os grupos necessitaram da minha ajuda, sendo eles próprios a definir como queriam fazer e a distribuir tarefas e, pela primeira vez, não houve qualquer episódio de desavença ou discórdia” (N.C. nº 129).

Com relação à professora titular, denota-se que existe uma saudável proximidade. As crianças tratam a professora pelo seu nome próprio, utilizando a 2.º pessoa do singular. Por sua vez, a PM utiliza uma linguagem meiga, com termos afetuosos e demonstrando sempre ser muito paciente e bem-disposta.

“Antes de iniciar a divisão com dois algarismos a professora M. referiu: ‘É um momento muito difícil, mas ainda não tive ninguém que tivesse morrido. Vão conseguir passar por isto. Coragem! Nem sempre vai ser fácil, mas vão conseguir! Na história houve momentos negros, o 4.º ano também vai ter um’.

A professora M. brincava com a turma, pois sabia que as divisões com dois algarismos são exigentes para os alunos do 4.º ano. Desta forma, ela criou um ambiente descontraído e animado para poder falar da divisão” (N.C. nº 101);

“Durante o trabalho que estava a ser realizado, a Sr. perguntou se a palavra ‘chegou’ era com ‘x’ ou com ‘ch’.

‘Que grande facada no meu coração, Sr!’ , respondeu a professora M. e toda a turma se riu.

‘Com ‘ch’?’, tentou a Sr.

‘Ah já não está a sangrar’, e mais uma vez todos se riam” (N.C. nº 111).

Com outros adultos, a turma também se apresenta com um comportamento apropriado, embora com a professora de inglês e com o professor de expressão físico-motora esta se mostre mais desafiadora e desobediente. Este comportamento desviante também se deve à postura exageradamente descontraída do professor e à falta de firmeza e assertividade da professora, não justificando, claramente, os comportamentos desadequados das crianças (ver anexo F, subcategoria *Relação criança-adulto (v.v.)*, N.C. nº 60, 72, 90 e 91).

Apesar disso, existiram momentos de altruísmo como relatado na seguinte nota de campo:

“A dona E. veio conversar com a professora M. Cumprimentou todos os alunos à porta da sala e a professora M. pediu que passasse e que aguardasse um pouco no gabinete. Quando a dona E. estava a passar a Sr. apressou-se para tirar a sua mochila do caminho. Quando a dona E. passou dei-lhe os parabéns pelo seu bondoso ato. Toda a turma quis saber o porquê e o G.C., que é um grande observador, explicou o que a Sr. tinha feito. A professora M. deu-lhe também os parabéns e vários outros alunos da turma congratularam-na pela sua ação” (N.C. nº 116).

No que diz respeito a atitudes e comportamentos da turma, destaco um momento do meu projeto de intervenção que validou a capacidade das crianças em, não só obedecer

a ordens, como também a compreender o porquê de o fazer. Validou também o cuidado e o respeito que demonstram quando são sensibilizadas para isso, destacando a importância da atuação do docente na transmissão de valores e consequente formação da personalidade.

“A seguir à meditação, realizámos a atividade ‘Mirmecologistas por um dia’, pertencente ao projeto de intervenção. Antes da atividade, sensibilizei a turma para que fizessem o menor barulho possível e andassem com cuidado pelo salão, pois as formigas são seres muito sensíveis ao ruído e movimento. Durante toda a atividade a turma revelou um grande autocontrolo e um enorme cuidado para com as formigas. Sempre que havia alguma criança que levantava um pouco mais a voz, os colegas chamavam-na a atenção e, em conjunto, contribuíram para um ambiente calmo, sendo possível elaborar todas as atividades que se pretendiam” (N.C. nº 93).

Como em qualquer OS, o Colégio AAAA possui diretrizes que auxiliam na orientação e educação das crianças. Na sala de aula, a docente responsabiliza dois alunos todos os meses (normalmente os aniversariantes) para ajudarem na manutenção e organização da sala. Este aspeto contribui favoravelmente para o desenvolvimento da responsabilidade e entejuda, valores que, naturalmente, desenvolvem uma personalidade apropriada. Por seu turno, antes das crianças se dirigirem para o salão para o almoço, cada uma é responsável por manter o seu espaço limpo e arrumado, deixando sobre a cadeira a sua mochila para que não obstrua o pequeno corredor de passagem da sala (ver figura 1. *Planta da sala*). Também este ato contribui favoravelmente para nutrir na criança noções de organização, disciplina e cuidado.

Antes do almoço, e tal como já fora mencionada diversas vezes ao longo deste relatório, uma criança voluntaria-se para orar, agradecendo pelos alimentos que possui e trabalhando, desta forma, a gratidão, manifestada também noutros momentos (ver anexo F, subcategoria *Relação criança-adulto* (v.v.), N.C. nº 80).

Após o almoço, cada criança mostra o seu prato à Li. que lhes indica se podem arrumá-lo ou se ainda devem terminar a refeição, deste modo a criança apreende que deve levar a refeição até o fim e minimizar o desperdício de comida. De seguida, cada uma raspa o seu prato e coloca-o no alguardar indicado, bem como os talheres e a sua base do prato. Mais uma vez, podemos analisar estas práticas como facilitadoras na aquisição de valores e formação da personalidade.

Considero que o modo como a repreensão é feita pode ser um bom instrumento na formação da personalidade. Uma repreensão cuidada e com respeito, explicativa e assertiva, e dependendo do tema a ser tratado, pode levar a criança a refletir e consequentemente a querer mudar o seu comportamento. Neste aspeto, considero as

repreensões da PM eficazes quando, por exemplo, a mesma apela aos alunos à igualdade na forma de tratamento para com os professores (ver anexo F, subcategoria *Repreensões*, N.C. nº 92 e 104) ou para com os alunos (ver anexo F, idem, N.C. nº 69). Por seu turno, o modo de abordagem na repreensão não é concebível que seja idêntico a todas as crianças. Devido às suas especificidades e características individuais, é igualmente fundamental atender ao estado da criança e ao momento em que se encontra. Assim, também verifiquei a atuação da assistente operacional, Li., num momento de maior agressividade por parte do G.C. e a sua forma pacífica e calma de abordar a questão contribuiu para a resolução do conflito (ver anexo F, id., N.C. nº 133).

A resolução de conflitos, por sua vez, pode semelhantemente contribuir para que a criança aprenda a melhor forma de solucionar as suas desavenças. Deste modo, achou-se pertinente analisar a atuação da docente perante estas situações e embora os registos sejam pouco frequentes revelam ferramentas que ajudam a construir a personalidade da criança. Tomemos como exemplo a proposta da docente na escrita de cartas que destaquem as qualidades da criança com quem se criou um conflito (ver anexo F, subcategoria *Resolução de conflitos*, N.C. nº 33). Esta escrita obriga a criança a refletir sobre as qualidades da outra e, conseqüentemente, a minimizar o sentimento de ira nutrido por ela. Reconhecer os aspetos positivos e evitar os menos positivos permitirá à criança que, ao longo da vida, estimule a tolerância, a dignidade e o respeito. Por outro lado, o momento de escrita, para além de académico, faculta na prudência e suscita a calma necessária na resolução de um conflito.

Noutros momentos, a ação da docente é crucial para que a criança se consciencialize sobre o seu comportamento (ver anexo F, idem, N.C. nº 121). Neste caso em concreto, apresentado na N.C. nº 121, a docente apelou à reflexão e ao bom-senso, atribuindo um nome, por eles conhecido, às ações que as duas crianças estavam a praticar. O momento de conversa foi extenso, mas sereno e ponderado por todas as partes. Após as crianças compreenderem a gravidade dos seus atos demonstraram-se apreensivas e abertas para reconhecerem o seu erro. Com este tipo de reflexão, ou introspeção, a criança é encorajada a *pensar* sobre um determinado comportamento; é-lhe dada voz e centralidade na sua própria educação, desenvolvendo o seu pensamento crítico que se mostra fundamental na formação dos valores (Formosinho, referido por Marchão, 2016) e, paralelamente, da personalidade das nossas crianças.

Verifica-se, deste modo que a docente utiliza diferentes estratégias de acordo com as situações concretas que obriga a criança a ponderar sobre os seus atos e compreender as consequências dos mesmos.

A última matéria que se abordará de seguida serão as tarefas planeadas ou não planeadas associadas à transmissão dos valores e à formação da personalidade pela docente e por outros adultos (docentes e não docentes) do corpo escolar. (ver anexo F, subcategoria *Professora M. e Corpo escolar*).

O período da meditação é um dos momentos planeados que a instituição oferece de modo a formar as personalidades das crianças. Esta é executada tanto pela professora M. como pela professora B. e acolhe variadíssimos temas com o intuito de inculcar valores a serem praticados:

A meditação desta manhã abordava o autocontrolo. A PM. explicou como é importante sabermos controlar nas nossas emoções e conseqüentemente o nosso corpo. Quando estamos chateados ou irritados não podemos ser maldosos com os outros, mesmo que tenha sido esse outro que nos tenha feito ficar assim.

Exemplificou que existiam momentos em que também ela se sentia chateada, contudo não maltratava a PB. por se sentir assim e a isso se chama autocontrolo. O autocontrolo ajuda-nos a gerir melhor as situações e comportarmo-nos melhor connosco e com os que nos rodeiam (N.C. nº 103).

Um dos aspetos bastante mencionados e batalhados pela professora M. é o domínio próprio (ver anexo D - *Transcrição da entrevista realizada à Professora M.*). De facto, educar as emoções é um aspeto essencial para se viver em sociedade, regulando, deste modo, o comportamento e a personalidade (Paula & Faria, cit. Catarreira, 2015). Dificilmente um sujeito é capaz de desempenhar funções sociais e interagir com o seu par caso não seja capaz de dominar as suas emoções e munir-se de domínio próprio. Assim, a presente N.C. apresenta a meditação como uma ferramenta oportuna para exercer os diferentes valores espirituais, morais e sociais.

Outro tipo estratégia planeada para a educação para os valores, com o intuito de formar a personalidade das crianças, ocorre na sala de aula, simultaneamente com a aprendizagem académica (ver anexo F, subcategoria *Professora M.*, N.C. nº 41 e 54).

“A aula de matemática começou com uma pequena atividade com o calculador multibásico.

‘Imaginem que estas peças são ‘rebuçados’’, disse a professora M., dando os ‘rebuçados’ ao G., ao R. e à S., porém ela não deu a mesma quantidade a cada um deles.

‘Eu sou muito amiga de todos, não sou?’ , PM.

‘Não’, respondeu a turma.

‘Mas eu dei rebuçados a todos!’ , contrapôs a PM.

‘Mas não foi igual’, disseram as crianças.

‘Ok. Então vou fazer grupos de 3 rebuçados’, dando um grupo de 3 rebuçados a cada um deles.

‘E agora?’, a docente mostrava que sobravam 2 rebuçados, ‘Posso distribuir estes?’

‘Não!’

‘Então fico com eles. Quantos é que cada um recebeu e quantos é que sobram?’

‘3 e sobraram 2’.

A professora voltou a realizar a mesma atividade com todos os alunos da sala atribuindo sabores a cada peça colorida do calculador multibásico.

‘Este é de mentol. É bem bom! Gostas? Eu também gosto muito’, PM.

‘Este é de quê M.?’ perguntou um aluno.

‘De frutos do bosque. Não, não é de mirtilo!’.

A professora M. criou um ambiente dinâmico e divertido, que reflete a relação que tem com os seus alunos. Não só explicou a divisão, mas também incutiu valores como igualdade, justiça e amizade” (N.C. nº 54).

A partir do exemplo apresentado, constatamos que a docente tem por prática a interdisciplinaridade, neste caso socorrendo-se da matemática e da formação pessoal e social. Utilizou-se de um material didático, simulado de rebuçados, para repartir pelos alunos, introduzindo-lhes, não só a divisão, como também, ensinando-lhes, os valores da partilha, igualdade, justiça e amizade; valores que, gradualmente, espera-se que se arraiguem nas suas personalidades.

Contudo, a docente não se utiliza somente de atividades planeadas, mas procura retirar do inesperado elementos que possam edificar pilares que sustentam uma personalidade baseada em valores (ver anexo F, subcategoria *Professora M.*, N.C. nº 96 e122).

As aulas de bíblia são as aulas onde reconhecemos a verdadeira essência infantil. São nelas que as crianças mais questionam sobre o mundo que as rodeia e verificam que nele também existe maldade (ver anexo F, subcategoria *Corpo escolar*, N.C. nº 68 e 102). Embora a frequência das N.C. retiradas sejam menores, em todas as aulas o Pastor abordava a bíblia, segundo uma ordem cronológica, e dedicava tempo à partilha de questões que as mesmas colocavam.

“Hoje, celebrou-se os 200 anos da tradução portuguesa da bíblia completa pelo padre João Ferreira de Almeida. Para celebrar este acontecimento, foi distribuído uma bíblia nova a cada aluno, com o intuito de oferecer a algum amigo ou familiar que não tivesse.

O T. partilhou a sua ideia com o Pastor e com o resto do colégio: ‘A minha bíblia esta um pouco dobrada. Eu vou ficar com esta e dou a minha antiga’.

O Pastor respondeu de modo calmo e paciente explicando que ‘devemos de dar aos outros o melhor, tal como Jesus fez connosco. Não podemos dar aquilo que não nos interessa mais. Quando

oferecemos algo a alguém devemos de ter o cuidado de não oferecer algo que esteja estragado ou inutilizável'. O Pastor garantiu que poderia oferecer-lhe, posteriormente, uma nova bíblia, contudo aquelas eram para oferecer a outras pessoas. (N.C. nº 102).

Denotamos a sensibilidade em realçar que aquilo que oferecemos deve ser tão bom quanto aquilo que desejamos a nós próprios, mesmo que aquilo que possuímos não seja tão agradável quanto aquilo que vamos presentear. Aqui transmitiu-se a igualdade, a solidariedade, a generosidade, a cortesia e a sinceridade. Para além disso, a sua postura serena serviu igualmente de exemplo para que quando a criança observe uma circunstância menos correta saiba ser mansa e delicada em suas palavras ao invés de abrupta e punitiva.

Para terminar, também eu tive momentos em que cultivei valores e princípios orientadores que fizessem proliferar a qualidade da personalidade das nossas crianças, durante, e após, o meu período de intervenção (ver anexo F, idem, N.C. nº 87, 97, 105, 106, 109, 123, 124 e 135).

“De modo a concluir a intervenção desta manhã, li o livro “Siete Ratones Ciegos”. A turma mostrou-se ansiosa assim que observou o livro. Denota-se que existe um grande prazer na leitura e que, na sua maioria, a turma fica encantada com os livros. Em primeiro lugar, abordamos que todos nós somos diferentes e que, portanto, temos diferentes formas de ver o mundo. Em vez de discutirmos como fizeram os ratos na história, expliquei que devemos tentar ver aquilo que o outro vê para o compreender e respeitar as nossas diferenças e aquilo que vemos de diferente. Em segundo lugar, e tal como a narrativa denota, devemos ver o todo antes de fazermos juízos. Utilizei como exemplo, desta segunda situação, uma situação fictícia entre mim e a PM.

Declarei que tinha ouvido a PM a dizer à Li.: ‘Sim, a Carina’. Eu, ouvindo esta frase, ficara chateada, pois acharia que a professora estaria a falar mal de mim à Li. Contudo, eu não tivera ouvido a conversa por inteiro, mas estaria já a fazer juízos de algo que eu não saberia. Como consequência, começara a tratar a PM de modo diferente, aspeto que ela teria reparado. No final, o desentendimento ficara esclarecido ao a PM ter vindo falar comigo a questionar o que se passaria. Caso a tivesse abordado logo no começo, evitar-se-iam discussões e mal-entendidos, por essa razão é fulcral sabermos o todo antes de fazermos juízos ou comentários de algo que não sabemos. Ao interpretarmos de forma errada, podemos ser maldosos uns para os outros sem qualquer justificação. Assim, declarei que é importante conversarmos e observar os acontecimentos como um todo” (N.C. nº 123);

“O G. explicou-me que, tal como tínhamos discutido na história dos ‘Siete Ratones Ciegos’, tinha resolvido a sua desavença com a P., que na verdade não passara mesmo de um mal-entendido. Reconfortou-me, claramente, ver como uma simples história pode mudar a mente das nossas crianças” (N.C. nº 124).

Apesar o de o meu projeto de intervenção não ter tido a ver como os valores, sempre concebi um momento de leitura com posterior reflexão em grande grupo que levasse a turma a desenvolver um pensamento crítico e pessoal. Neste caso, destaquei a importância de reconhecermos as diferenças que existe entre nós e que as mesmas devem ser respeitadas. Por outro lado, é de salientar como os diferentes pontos de vista dos ratos levaram-no a descobrir o que era o “Algo Muito Raro”. Também no quotidiano, as nossas diferenças funcionam como alicerces para um trabalho cooperativo proveitoso. Por fim, ainda era possível retirar desta estória o mérito de não formularmos juízos de valor sem antes conhecermos todo o conteúdo. Este último aspeto foi tratado tendo em vista a resolução de conflitos por meio do diálogo que, como se observa na N.C. nº 124, se mostrou muito proveitoso, concedendo os frutos esperados.

Com estes vários exemplos, evidenciam-se múltiplos momentos em que a raiz dos valores proporciona, de modo consciente e orientado, a formação de uma estrutura competente e regulada da personalidade.

2.4.3. Apresentação e análise dos questionários aos pais

O questionário foi utilizado como um instrumento de recolha de dados que visou conhecer a perspetiva dos E.E. face às práticas da OS quanto à formação da personalidade dos seus educandos. Deste modo, foram analisados vinte e três questionários constituídos por oito questões de respostas abertas e doze questões de resposta fechada. Tal como nos restantes subcapítulos, a apresentação e discussão de dados foi feito com base na análise de conteúdo, sendo as questões de resposta aberta agrupadas em categorias, apresentando-se sob a forma de árvore categorial (ver anexo H).

Na investigação deste estudo considerou-se pertinente averiguar primeiramente quem foram inquiridos envolvidos no mesmo, de acordo com o sexo, a idade, o grau de parentesco e inquirir se os mesmos possuíam algum tipo de confissão cristã, de modo a caracterizar os inquiridos e compreender que relação existe entre a sua fé e a importância atribuída à formação da personalidade. Dos vinte e três inquiridos somente um pertence ao sexo masculino, sendo o seu grau de parentesco *pai*, um inquirido do sexo feminino sendo *irmã* e as restantes *mães*; no que respeita à faixa etária, os inquiridos têm idades compreendidas entre os vinte e cinco e cinquenta e um anos; por fim, treze inquiridos assumem-se como cristão, contudo de outra denominação da OS, seis pertencem à mesma denominação da organização socioeducativa e quatro não são cristãos.

Após a caracterização do grupo inquirido procurou-se saber o que os mesmos entendiam por *formação da personalidade*. Como verificámos na *Revisão da Literatura*, o conceito reflete inúmeros pontos de vista e o seu significado várias dimensões. Nesta abordagem, verificou-se que, de um modo geral, os E.E. apresentam definições bastante semelhantes entre si, referindo conceitos como *valores*, *carácter* e *traços* e apresentando a influência da *escola*, *família* e *sociedade*, que se reflete pelos comportamentos da criança, no modo de *pensar*, *agir* e *sentir*, desenvolvendo-se *temporalmente*:

“É um conjunto de características psicológicas que definem a forma de um individuo agir, de pensar, de sentir e de se relacionar com os outros e com o meio envolvente.

A mesma é formada gradualmente ao longo do nosso crescimento de acordo com as experiências e estímulos que o individuo vai tendo ao longo do seu percurso” (EI10);

“(…) A personalidade forma-se na relação com os outros com a ajuda dos valores passados pela família e a escola” (EI17).

Todas as características enumeradas pelos inquiridos e entrevistados evidenciam ideias comuns, muito concretas e objetivas quanto ao conceito de *formação da personalidade* (é formada ao longo do tempo e é caracterizada por traços que influenciam o comportamento) o que pode demonstrar, não só que são indivíduos informados, mas também que atribuem importância ao tema a ser trabalhado.

O gráfico seguinte (cf. Figura 2) retrata a opinião dos pais sobre o local em que deve ser desenvolvida a personalidade ou, ainda, se a mesma é um processo automático e/ou inconsciente:

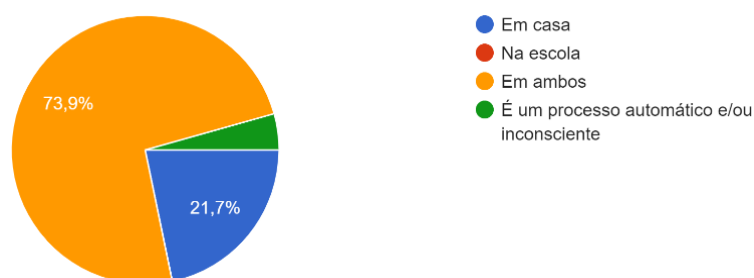


Figura 2 Respostas atribuídas à questão C2 do questionário aos E.E.

Dos vinte e três inquiridos, dezassete declaram que a formação da personalidade deve ser desenvolvida em ambos (casa e escola), cinco afirmam que deve ser

desenvolvida em casa e um alega que a mesma é um processo inconsciente, o que retrata, genericamente, as respostas fornecidas na questão anterior.

No gráfico seguinte (cf. Figura 3), verificamos onde deve ser desenvolvida a educação para os valores, utilizando as mesmas opções de resposta: a) em casa; b) na escola; c) em ambos ou d) é um processo automático e/ou inconsciente.

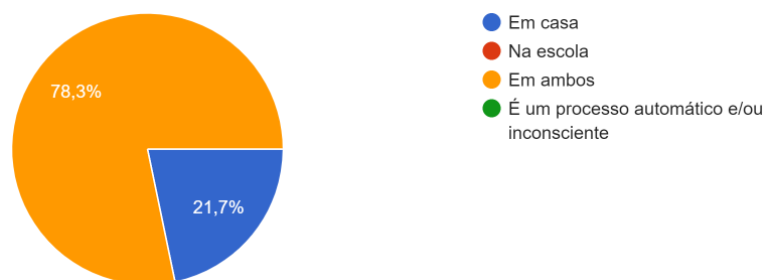


Figura 3 Respostas atribuídas à questão C3. do questionário aos E.E

Como é constado no gráfico, dezoito dos inquiridos considera que a educação para os valores deve ser desenvolvida em casa e na escola e, em contraste com a questão anterior, nenhum dos inquiridos anuiu com a hipótese de que a educação para os valores seja um processo inconsciente. Com relação à questão C4, todos os E.E. admitem existir uma ligação direta com os valores e a formação da personalidade, pois “a personalidade assenta em valores” (EI14), sendo a mesma “fruto dos valores que absorvemos” (EI17). Para os E.E. as “duas andam sempre juntas” (EI13), “determinam a formação social da criança” (EI9) e definem “o tipo de pessoa que vai ser quando chegar a idade adulta” (EI7).

Considerou-se ser apropriado verificar as razões pelas quais os E.E. tinham optado por esta OS, atendendo, ao que diz respeito às condições físicas, a que mesma apresenta algumas limitações:

- Doze E.E. justificam-se pelo tipo de educação cristã;
- Quatro afirmam por terem sido aconselhados por outros;
- Um pela proximidade de casa;
- O espaço físico reduzido e, conseqüentemente, a proximidade entre professores e alunos que contribui para um ambiente mais familiar é outro aspeto mencionado por um inquirido;

- “A forma fantástica como abordam todas as questões e pela forma maravilhosa com que os nossos filhos são tratados” (EI18) é um outro ponto de referência para um dos E.E.;

- Por fim, os últimos quatro inquiridos apontam a educação para os valores que a OS promove como a justificativa de a selecionarem para os seus educandos.

A análise destes dados permite afirmar que os E.E. procuram especificamente uma educação distinta, não somente académica, mas, e principalmente, rica em valores, “princípios” (EI17) e “disciplina” (EI6). Denota-se, desta forma, que os inquiridos valorizam a formação pessoal e social dos seus educandos e buscam um sistema de ensino completo que inclua e se preocupe com a transmissão de valores.

À questão D2, “pensa que a instituição forma os seus alunos para os valores?”, 82,6% dos inquiridos respondeu “sim” e 17,4% dos inquiridos respondeu “em parte”, não existindo qualquer inquirido a responder “não”.

Quanto ao tipo de educação cristã, todos os inquiridos responderam afirmativamente na importância da mesma no quotidiano dos seus educandos, mesmo os inquiridos que referiram no início do questionário que não eram cristãos (ver, por exemplo, anexo H, subcategoria *Educação cristã*, EI6). Vários abordam também que a educação cristã facultada pelo OS dá continuidade aos valores que os E.E. procuram transmitir no seio familiar (ver anexo H, idem, EI3, EI6, EI12, EI16, EI20), o que, mais uma vez, confirma a preocupação dos pais face à formação da personalidade dos seus filhos e a sua escolha por uma instituição que a promova. Essa insistente necessidade de formação alude também ao facto os E.E. desejarem preparar cidadãos bem formados (ver anexo H, id., EI15). Uma maioria acrescentou ainda que “(...) o maior objetivo da educação é moldar o carácter em harmonia com o de Jesus e isso só se consegue com uma educação cristã” (EI21), pois “ensina-lhes a seguir um caminho de entre ajuda, olhar para todos de forma igual e respeitar o nosso Planeta e tudo o que nos rodeia” (EI18), “valores que todos deveriam ter em conta” (EI10) e que “parece que hoje em dia cada vez mais há falta (...) na educação da geração vindoura” (EI2).

De seguida, solicitou-se aos inquiridos que classificassem a relação entre os docentes e os alunos à qual 60,9% classificou como “muito boa” e 39,1% como “boa”. Para os inquiridos, esta relação é “uma mais-valia” (EI1), pois “(...) transmite segurança, confiança, amizade, ajuda também na auto estima [*sic*]” (EI2) e “sendo poucos meninos em cada sala e turma, há a possibilidade de a professora dar mais atenção a quem a necessita” (EI3). Por seu turno, “garante um ambiente saudável, mais propício à

aprendizagem” (EI9), sendo “motivador” (EI5) para as crianças e ainda “(...) prossegue os interesses da formação da personalidade, permitindo, gradualmente, a assunção de porções de responsabilidade, condicentes com a idade de cada aluno, que lhe permite desenvolver as suas capacidades cognitivas e, conseqüentemente, crescer de forma saudável e equilibrada, tendo em vista a sua futura entrada na sociedade” (EI14).

A percepção dos E.E. quanto à possível modificação da personalidade dos seus educandos foi igualmente um aspeto valorizado no presente estudo, tendo sido incluído, igualmente, no inquérito por meio do questionário. Posto isto, à questão D6, cinco inquiridos responderam que não observaram modificações na personalidade do seu educando. Os restantes inquiridos responderam afirmativamente, exemplificando com as relações interpessoais da criança e a empatia demonstrada (ver anexo H, subcategoria *Alterações na personalidade na criança*, EI2, EI3, EI5 e EI22, EI23), o sentido da independência, responsabilidade e disciplina (ver anexo H, idem, EI6, EI7, EI9, EI14 e EI17), e a motivação, confiança e superação (ver anexo H, id., EI4, EI15, EI16, E22). Um dos inquiridos acrescentou, também, que o seu educando “partilha (...) o que aprende e como nos devemos comportar em sociedade para ser um cidadão pro activo [*sic*] e respeitador” (EI23), enfoque que se considera bastante pertinente no tocante ao papel da OS na formação da personalidade da criança.

Para os E.E. que tiveram contacto com outras organizações socioeducativas, os mesmos diferenciam a OS pela “(...) maior proximidade na relação professor/aluno e professor/encarregados de educação” (EI10) e comunicação com os mesmos (ver anexo H, subcategoria *Diferenças de outras OS*, EI17), pelo “(...) respeito pela individualidade de cada criança e (...) empatia dos adultos em relação à criança” (EI15) e pela preocupação que demonstram com o outro (ver anexo H, subcategoria idem, EI4 e EI19), “com o meio ambiente” e “com os animais” (EI19). Complementando, todos os inquiridos sugeriam esta OS para “para alguém que pretenda educar o seu educando para os valores e desenvolver uma personalidade firme e duradora” (Anexo E questão D7).

No que respeita às práticas da OS, 69,6% dos inquiridos diz conhecê-las e 30,4% diz conhecê-las em parte, i.e. dezasseis dos E.E. sabe, na totalidade, quais as metodologias utilizadas pela OS na promoção de uma educação para os valores e formação da personalidade; enquanto que sete dos inquiridos conhece somente em parte quais são essas metodologias praticadas.

A última questão de resposta aberta pretendia analisar a compreensão dos inquiridos na condição de existirem crianças que tenham sido beneficiadas pelo sistema

de ensino religioso e a que nível. O gráfico (figura 4) seguinte apresentam as respostas notificadas.

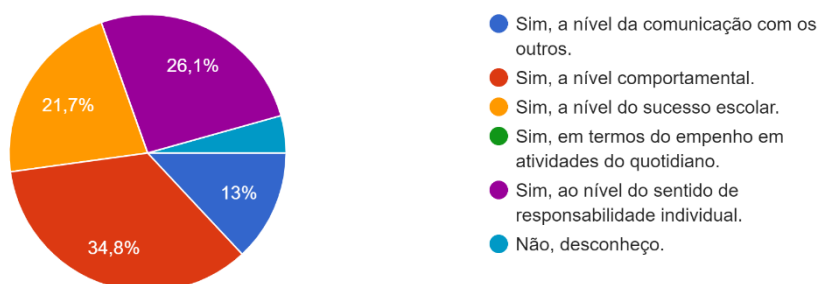


Figura 4 Respostas atribuídas à questão D9 do questionário aos E.E.

Através da leitura do gráfico, podemos constatar que oito dos inquiridos assistiram a crianças beneficiadas a nível comportamental, seis ao nível do sentido de responsabilidade individual, cinco a nível do sucesso escolar, três a nível da comunicação com os outros e um diz não conhecer nenhuma criança que tenha sido beneficiada.

A maioria dos inquiridos não possui nenhuma sugestão a fornecer à OS, relativamente ao tema a ser abordado, contudo uma das sugestões feitas é a extensão dos ciclos de ensino, nomeadamente até ao ensino secundário, de modo a “(...) ajudar jovens a reencontrar o caminho (...)” (EI4). Por outro lado, foram apresentadas mais duas sugestões que destacam a “sensibilidade, disponibilidade, atenção por parte do adulto” (EI22) e a comunicação escola-família para uma maior comunhão entre ambas (ver anexo H, subcategoria *Sugestões*, EI12).

Embora estas duas últimas sugestões pareçam contraditórias com relação ao restante do questionário e inquiridos, optou-se por expô-las na apresentação e discussão de dados, tomando como uma minoria, de maneira a ser considerada e não negligenciada.

Por fim, pretendeu-se saber qual a reação dos E.E. face ao fecho da escola, se o mesmo prejudicaria ou não a vida dos inquiridos e, em consequência, a educação dos seus educandos. Com as restantes respostas recolhidas, tornou-se previsível os dados recolhidos. Os E.E. sentiriam “Muita diferença” (EI13), pois “(...)seria uma perda de valores para a comunidade” (EI20) e “não existe mais colégios em Setúbal com os [mesmos] valores que desta instituição” (EI9), caracterizando, ainda, a OS como “uma segunda casa em qual confiamos” (EI23).

Em suma, a análise realizada a este instrumento de recolha de dados indica-nos, em primeiro lugar, que os E.E. que a escolhem fazem-no pelo tipo de educação cristã,

baseada em valores, que procura construir a personalidade das crianças que lá passam. Em segundo lugar, os inquiridos confirmam que a OS se empenha na formação da personalidade dos seus educandos, observando modificações na mesma. E, em terceiro lugar, consideram a OS uma mais-valia na educação para os valores e, por sua vez, na formação da personalidade.

2.5. Apresentação e discussão de dados – Triangulação de dados

Nos anteriores subcapítulos apresentou-se e discutiu-se os dados recolhidos através das técnicas utilizadas. De modo a facilitar a leitura da apresentação dos dados e retirar-se, posteriormente, as conclusões dos mesmos, recorreu-se à triangulação dos dados, uma vez que estes foram recolhidos em diferentes momentos do dia e com recurso a diferentes técnicas de recolha (Flick, 2013). Esta triangulação é apresentada abaixo, sob a forma de tabela (tabela 4), na qual são apresentadas as fontes mobilizadas para dar resposta aos objetivos da investigação.

Tabela 4 Triangulação dos dados: Fontes mobilizadas para dar resposta aos objetivos de investigação.

Objetivos do estudo	Fontes
<i>i) verificar a promoção da formação da personalidade por parte da OS e identificar as técnicas e instrumentos utilizados</i>	- Árvore categorial de análise das N.C. (Anexo F) - Entrevistas (Anexo C e D) - Questionários aos E.E. (Anexo E, questões D1, D2, D3, D6, D7, D8 e D9)
<i>ii) estudar e interpretar a importância e o papel da escola e do docente na formação da personalidade da criança</i>	- Árvore categorial de análise das N.C. (Anexo F) - Entrevistas (Anexo C e D) - Questionários aos E.E. (Anexo E, questões C2, C3, D2, D3, D4, D5, D7)
<i>iii) conhecer a perceção dos pais face à OS na formação da personalidade</i>	- Questionários aos E.E. (Anexo E) - Entrevista (Anexo C e D, questões E5 e E8)

2.6. Principais conclusões do estudo

Como em qualquer tipo de estudo, o investigador procura compreender melhor o seu objeto de análise e que, neste momento, se finaliza. Como tal, nesta fase final, importa salientar as principais conclusões da investigação realizada.

Em síntese, a OS em estudo promove uma educação para os valores que, por sua vez, contribuem para a formação da personalidade da criança, usando atividades planeadas (como a meditação) e não-planeadas (como a resolução de conflitos) para o efeito, o que responde ao objetivo *Verificar a promoção da formação da personalidade por parte da OS e identificar as técnicas e instrumentos utilizados.*

Com os dados recolhidos, por meio das diferentes técnicas utilizadas, foi possível constatar que o meio onde a criança está inserida, nomeadamente a organização socioeducativa, tem uma enorme influência no que toca à formação da personalidade. O docente é um veículo de transmissão de valores que, por sua vez, irão contribuir para a formação da personalidade da criança. Contudo, não só o docente tem uma parte integrante na mesma, como também a escola e todos aqueles que com ela coabitam. O papel do docente e da OS é reconhecido e aceite pelo corpo escolar e pelas famílias envolvidas, respondendo, deste modo, ao objetivo *Estudar e interpretar a importância e o papel da escola e do docente na formação da personalidade da criança.*

A ação dos pais na educação integral dos seus filhos é primordial e a escolha de uma instituição de ensino que promova uma formação pessoal e social é, sem dúvida, uma prioridade para os E.E. que optam por esta OS. A partir dos dados recolhidos, principalmente dos questionários, verificou-se que os E.E. procuram uma organização socioeducativa que eduque, não só conceitos científicos, mas também a *saber-ser*, a *saber-estar* e a *saber-fazer*, complementando a educação estimulada em casa. A avaliação desta organização socioeducativa, por parte dos inquiridos, é bastante promissora, reconhecendo a mesma como uma mais-valia na educação dos seus educandos, respondendo, por último, ao objetivo *Conhecer a perceção dos pais face à OS na formação da personalidade.*

Em tom de conclusão, com base nos dados anteriormente mencionados, constata-se que o contexto socioeducativo em questão i) promove uma educação para os valores e a formação da personalidade; ii) utiliza variadas técnicas que visam essa formação; iii) responsabilizam-se por ela; e iv) tem o reconhecimento dos encarregados de educação.

3. CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE

O processo de construção da profissionalidade comunga a teórica e a prática. A primeira distingue-se pela obtenção de conhecimentos que contribuem para a expansão do entendimento nas vertentes estudadas. A segunda, enquanto prática profissional supervisionada, “vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas [sic]. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional” (Katieli & Teixeira, s.d., p.1), onde “o estagiário tem a possibilidade de entender vários conceitos que lhe foram ensinados apenas na teoria” (Scalabrin & Molinari, s.d., p. 3).

Posto isto, o presente capítulo pretende refletir sobre a profissionalidade de professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico e, também, educador de infância, na qual identificarei princípios comuns que norteiam a minha prática pedagógica enquanto futura professora e educadora. De modo a facilitar a leitura e compreensão assumo-se, respeitosamente, “docente” ou “professor” como sinónimo de educador e “turma” como sinónimo de grupo.

Primeiramente, analisemos o papel do professor. O professor deve facilitar as aprendizagens das suas crianças (Santos, s.d.), munindo-se de métodos motivadores tendo por base os objetivos a atingir, as características da turma e do meio onde está inserido (Arends, 2008). A criança tem aptidão nata para explorar o mundo que a rodeia e a maneira eficaz de contribuir para uma aprendizagem significativa é por meio da aprendizagem pela ação (Hohmann & Weikart, 2003). Este tipo de aprendizagem procura providenciar a criança de experiências “directas [sic] e imediatas” (idem, p. 5) que, posteriormente, envolvem a reflexão sobre as mesmas e, desta forma, “constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (i.d). Deste modo, o docente deve facultar vivências ricas em aprendizagens de tal modo que a criança tenha gosto em aprender. Assim, falamos igualmente na metodologia de trabalho de projeto (MTP), em que a turma, cooperativamente, procura a resolução de um problema real e de interesse pessoal e coletivo. Para encontrar a solução ao problema a que se propõem necessitam de planificar e distribuir tarefas, assim como tratar os dados recolhidos e, conseqüentemente, apresentar um produto final (Rangel & Gonçalves, 2010). Neste método pouco tradicional, o docente assume um papel de orientador/coordenador, facultando aos seus alunos ferramentas necessárias para as suas aprendizagens, contudo, permitindo que eles sejam o centro da mesma e contribui para uma aprendizagem cooperativa e integral.

Durante as PES, adotei o MTP e observei como as aprendizagens foram mais apreciáveis e relevantes para as crianças, ajudando-as, por exemplo, a resolver conflitos:

O G. explicou-me que, tal como tínhamos discutido na história dos “Siete Ratonos Ciegos”, tinha resolvido a sua desavença com a P., que na verdade não passara mesmo de um mal-entendido. Reconfortou-me, claramente, ver como uma simples história pode mudar a mente das nossas crianças (N.C. nº 124).

Mantereí o MTP como metodologia de ensino bem presente na minha prática pedagógica, ambicionando construir um ambiente propício à participação, cooperação, flexibilidade e investigação.

Por seu turno, as nossas crianças estão inseridas num mundo em constante mudança (Domingos, Neves & Galhardo, 1987) e torna-se fulcral que o docente esteja preparado para essas mudanças.

Uma educação correcta [*sic*] deve preparar os jovens do presente para se adaptarem às transformações do futuro. Começa a tornar-se claro que muito do que os jovens aprendem neste momento nas escolas não será relevante para o mundo em que irão viver como adultos (idem, p. 22).

Nos anos oitenta, este assunto era já debatido, quanto mais não o deve ser no ano presente e nos vindouros. Porém, para que exista esta preparação de que falam Domingos, Neves e Galhardo (1987), é necessário que a formação do docente seja constante e contínua (Day, 2001). O docente deixa de ser um detentor de conhecimento permanente, para se transformar num aprendiz ativo na arte de ensinar. Tenciono, desta forma, manter a minha formação, pós ensino superior, ativa, procurando investir em novos conhecimentos e metodologias que me auxiliem “a desafiar os conceitos já aprendidos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes” (Santos, s.d., p.3) e a promover uma aprendizagem significativa e desafiante para as minhas crianças.

Promover a aprendizagem significativa é parte de um projeto educacional libertador, que visa à formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas. É impossível ensinar liberdade, cerceando idéias, oprimindo participações e ditando verdades. Apercebermo-nos dessas atitudes é essencial para que iniciemos um real processo de transformação da nossa prática (Santos, s.d., p.9).

A avaliação é um instrumento fundamental para qualquer professor. Esta não se resume a uma avaliação quantitativa aos seus alunos, mas, e principalmente, à sua própria prática profissional, de modo a refletir e adaptar a sua prática pedagógica (Siraj-

Blatchford, 2005). Também durante o período de PES esta avaliação esteve presente por meio de reflexões, que contribuíram para analisar quais os aspectos que devem ser melhorados na prática profissional. Desta forma, levo comigo o discernimento e a humildade para reconhecer falhas e aprovar virtudes. Deste modo, enquanto futura professora e educadora, anelo por manter-me fiel a este princípio, com vista a fornecer o melhor às nossas crianças.

Por fim, procurarei seguir uma prática distinta pela positiva, onde a criança abdica do papel de observador para se tornar num ator da sua própria aprendizagem. Para tal, mantereí os modelos de pedagogia ativa e de trabalho de projeto, respeitando e valorizando a criança como ser individual com interesses e características próprias do seu ser. Por seu turno, acento a minha prática num sistema de ensino completo, construindo a criança em valores morais, sociais e espirituais, que contribuam para formar uma personalidade rica, duradoura e firme, capaz de se diferenciar positivamente no seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório apresenta um esqueleto que engloba, não só o estudo aqui apresentado, mas também tudo o que envolveu a prática de ensino supervisionada. Esta fez-se caracterizar pela elaboração de um projeto de intervenção, que compreendia um conjunto de atividades e dinâmicas desenvolvidas para a turma, especificamente, seguindo um fio condutor do interesse da mesma e que se fazia corresponder às aprendizagens essenciais. Posteriormente, e à medida que as intervenções foram feitas, incluiu-se a reflexão e avaliação, com vista a destacar os aspetos positivos e a aprimorar os menos positivos. Desta forma, são desenvolvidos o sentido crítico e a introspeção cujos objetivos são melhorar a prática profissional. Embora o presente relatório apresente apenas uma parte do que foi elaborado durante a PES de ensino do 1.º Ciclo do ensino Básico, a mesma não deixou de se caracterizar por um vasto trabalho, e compromisso, para com a OS e, principalmente para com as crianças.

Desta forma, a PES de ensino do 1.º Ciclo do ensino Básico e, embora num período curto, a PES em Educação de Infância foram marcos na construção da minha conceção de professora e educadora e, conseqüentemente, na minha profissionalidade. Durante a observação, adquiri estratégias pedagógicas às quais me pretendo providenciar, apreendi sobre a postura ética e profissional do docente e, acima de tudo, reconheci que o respeito pela individualidade da criança, o amor para com ela e o exemplo do docente são pilares fundamentais para qualquer profissional de educação, independentemente da vertente escolhida. Caracterizo a minha presença em ambos os locais como uma simbiose, em que dei, mas recebi; onde acrescentei e colhi; no qual contribuí para a aprendizagem das crianças e elas contribuíram para a minha.

Assim, a elaboração desta investigação mostrou ser-se muito enriquecedora. Por um lado, pela exigência que a mesma requer. A procura de informação, o contacto com os intervenientes e a análise dos dados recolhidos são aspetos que obrigam a desenvolver o pensamento crítico e a análise reflexiva, fulcrais para qualquer docente. A investigação, seja ela de que cariz for, será sempre uma técnica a ser utilizada por um professor que não pretenda “dar a aula”, mas “construir a aula”. “(...)Os professores eficazes usam a investigação sobre o ensino e aprendizagem para seleccionar [sic] as práticas que se sabe que melhoram a aprendizagem dos alunos” (Arends, 2008, p. 1). Observo a educação como um processo de *transformação*, onde as nossas crianças são agentes ativos das suas próprias aprendizagens e nós, enquanto docentes, somos moderadores das mesmas,

promovendo ambientes não só ricos e diversificados, mas prazerosos, para que o ato de aprender não se torne penoso.

Por outro, por ter tido a oportunidade de observar e analisar a abordagem prática de uma educação para os valores e formação da personalidade. A educação para os valores e a formação da personalidade são, para mim, colunas de suporte e segurança; que providenciam à criança, e à sua família, uma educação integral, especialmente, com vista à formação pessoal e social. Conclui que a transmissão de valores não necessita de ser planeada, sendo importante aproveitar cada oportunidade que surja para responder às necessidades das nossas instituições e sociedades.

Para terminar, pretendo, ainda, enunciar algumas limitações da presente investigação e possíveis elementos de análise que poderiam ter sido adicionados. Por constrangimentos de tempo, não foi possível realizar inquéritos por questionários a dois grupos aos quais era de interesse analisar: 1) antigos alunos da OS e 2) encarregados de educação fora da OS. A análise dos mesmos enriqueceria o estudo na medida em que teria uma perspetiva dos antigos alunos que frequentaram a OS, dando-lhes voz para se exprimirem sobre este tema e como a OS influenciou nas personalidades dos mesmos. Para além disso, a análise dos questionários realizados a E.E. exteriores ao OS ajudaria a compreender o valor atribuído pelos mesmos à formação da personalidade e ao papel das escolas na mesma.

Outra condicionante foi o facto do estudo ser referente a uma única turma, embora contenha algumas N.C. das crianças da turma do 1.º e 2.º anos. Contém, também, informações recolhidas no início do ano escolar, estando limitado por refletir um pequeno período e não um ano inteiro, do qual poderia retirar maior número de inferências e aprofundar com maior cuidado o estudo. No que se refere aos questionários aos E.E., esperava ter recolhido em maior número, contudo não creio que a investigação tenha sido afetada por isso. Gostaria ainda de ter realizado uma entrevista com os pais do G.C., por ter sido inúmeras vezes mencionado a sua mudança de comportamento e teria todo o proveito, para esta investigação, a contribuição dos mesmos, porém, e mais uma vez por constrangimentos de tempo, tal não foi possível. De modo a completar o estudo, junto da mesma turma, e num período mais alargado, seria igualmente interessante analisar a perspetiva da comunidade envolvente a cerca do trabalho desenvolvido na OS.

REFERÊNCIAS

APEI (2011). Carta de princípios para uma ética profissional. Consultado a 24 de agosto de 2020, em <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>

Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Espanha: McGraw-Hill.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). São Paulo: Edições 70.

Barros, A. J. S. & Lehfeld, N. A. S. (2000). *Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica*. Brasil: MAKRON Books.

Bernardy, K. & Paz, D. M. T (s.d.). *Importância do estágio supervisionado para a formação de professores*. Consultado a 25 de agosto de 2020, disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>

Bissoli, M. F. (2005). *Educação e desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da teoria histórico-cultural* [Dissertação de Pós-Graduação, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102230>

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora.

Bornemann, (1981). A formação da personalidade. In. *Psicologia pedagógica* (pp. 153 - 165). Fundação Calouste Gulbenkian.

Carmo, H. & Ferreira, M., M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Casanova, M. P. S. M. (2011). Educação em valores: necessidade ou obrigação?. Actas do XVIII Congresso da AFIRSE “Deontologia, Ética e Valores na Educação - Utopia e Realidade”. Lisboa: AFIRSE, (pp. 473-481). Consultado a 27 de agosto de 2020, em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5154/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Valores%20Necessidade%20ou%20Obriga%C3%A7%C3%A3o.pdf>

- Catarreira, C. S. S. R. (2015). *As emoções das crianças em contexto de educação pré-escolar* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Portalegre]. Repositórios Científico de Acesso Aberto de Portugal. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9201/1/C%C3%A1tia%20Sofia%20S%C3%A1%20Rato%20Catarreira.pdf>
- Chueke, G. V. & Lima, M.C. (2012). Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. *Revista Espaço Académico*. 128, 63-69. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d156/bcd57fa7146723e58f7b9222e1ee381035a2.pdf>
- Cunha, P. D. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica editora.
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento de profissionais de professores*. Porto: Porto Editora.
- Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de novembro. *Diário da República*, 1.ª série – N.º 237.
- Domingos, A. M., Neves, I. P. & Galhardo, L. (1987). As grandes metas do ensino. In. *Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem*. (pp. 21- 26). Lisboa: Livros Horizonte.
- Fernandes, J. V. (2001). Educação axiológica para uma sociedade democrática, num contexto globalizado. In. *Saberes, competências, valores e afetos: necessários ao bom desempenho profissional do/a professor/a*. Lisboa: Plátano Edições técnicas.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Penso.
- Fontana, D. (1984). *Personalidade e educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Fontana, D. (1991). Personalidade. In. *Psicologia para professores* (pp. 221-265). São Paulo: Editora Manole LTDA.
- Freitas, D.S. et. al. (2012). Genética: um fator de influência na formação da personalidade. *J Manag Prim Health Care* 3(1), 26-33.
- Freixo, M., J., P. (2011). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Edições Piaget.

- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*, 35(3), 20-29. Disponível em: <http://pead2tcc00257202.pbworks.com/w/file/fetch/133126980/Pesquisa%20qualitativa%20Texto%20geral.pdf>
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2003). Os princípios básicos do currículo pré-escolar high/scope. In. *Educar a criança*. (p. 5-8). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kniaseff, C. B. G. (2010). A interferência do professor de educação infantil na formação da personalidade. [Dissertação de pós-graduação. Universidade Candido Mendes].
- Marchão, A. J. (2016). Ativar a construção do pensamento crítico desde o jardim-de-infância. *Revista Lusófona de Educação*. 32, p.48-58. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5512>
- Marques, R. (2002). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Minayo, M. C. S. & Costa, A. P. (s.d.). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Lisboa*, 40,139-153. Disponível em: [file:///C:/Users/ACER/Downloads/6439-Texto%20do%20artigo-19398-1-10-20180827%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/ACER/Downloads/6439-Texto%20do%20artigo-19398-1-10-20180827%20(2).pdf)
- Patrício, M. F. (org.) et. al.(1997). *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora.
- Pires, M. I. V. (2007). Educar para os valores na escola. In. *Os valores na família e na escola*. (pp.115-125). Lisboa: Celta Editora.
- Rangel, M. & Gonçalves, C. (2010). *A metodologia de trabalho de projeto na nossa prática pedagógica*. Consultado a 26 de agosto de 2020 em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/68>
- Santos, J. C. F. (s.d.). *O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa*. Consultado a 26 de agosto de 2020 em: <http://juliofurtado.com.br/papeldoprof.pdf>
- Scalabrin, I. C. & Molinari, A. M. C. (s.d.). *A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas*. Consultado a 25 de agosto de 2020 e disponível

em:

http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf

Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2013). Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. IV Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade. Brasília: EnEPQ.

Siraj-Blatchford, I. (2005). Capítulo 1: Critérios para determinar a qualidade na aprendizagem das crianças entre os três e os seis anos. In I. Siraj-Blatchford (coord.). Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância. (pp.10-20). Lisboa: Texto Editores.

Tomás, C. (2011). Há muitos mundos no mundo...direitos das crianças, cosmopolitismo infantil movimentos sociais de crianças: diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. [Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho] RepositórioUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6269/2/Tese%20Doutoramento%20Catarina%20Tom%c3%a1s.pdf>

Trombeta, L. H. A. P. (1997). Características do bom professor segundo a percepção de estudantes de psicologia. *Estudos de psicologia*, 14(2), 71-74.

Vala, J. (1986). Capítulo IV: A análise de conteúdo. In A.S. Silva & J.M. Pinto (orgs.). Metodologia das ciências sociais (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Valente, M. O. (2016). A educação para os valores. Consultado a 24 de junho de 2020, em:

https://www.researchgate.net/publication/303895594_A_Educacao_para_os_Valores

Vasconcellos, V. M. R. (s.d.) *Wallon e o papel da imitação na emergência de significado no desenvolvimento infantil*. Disponível em: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v01n04a04.pdf>

Anexo A. Questionário respondido pela PM – Caracterização do contexto socioeducativo

Questionário à P.T. – Caracterização do Contexto socioeducativo

O presente questionário destina-se à obtenção de informações fundamentais para a caracterização do contexto socioeducativo sobre o qual o presente estudo se insere. Posto isto, as respostas, e conseqüente análise das mesmas, serão utilizadas **apenas** para efeitos investigativos e académicos.

A. Ambiente Educativo

A1. Como caracteriza o espaço físico da instituição? Quais as vantagens e as desvantagens do mesmo?

Espaço pequeno com muitas limitações para orientação de mesas e cadeiras. Pequeno espaço exterior e espaço verde quase inexistente.

A2. Sendo a instituição de pequenas dimensões, como caracteriza as relações interpessoais entre criança-adulto e adulto-adulto?

Ambiente familiar e de maior proximidade entre criança-adulto e escola-família.

A3. Antes das crianças entrarem nas salas, existe um momento chamado Meditação. Explique em que consiste e que contributos pode trazer para a educação da criança.

A meditação é um momento em que as crianças se sentam no local assinalado, cantamos em conjunto músicas de índole cristã. Faz-se a leitura da bíblia e á lida uma história baseada na leitura bíblica e aplicada ao dia-a-dia. Para além de ser um momento de calma e introspeção, cria-se um círculo de pertença e de partilha que ajuda a consolidar os valores ensinados.

A4. Como caracteriza o espaço físico da sala? Quais as vantagens e as desvantagens do mesmo?

O espaço físico é pequeno e é dividido entre dois anos escolares. As vantagens e poder ver tudo o que se passa e poder ajudar mais facilmente as crianças as desvantagens é o pouco espaço pessoal que pode originar desconforto e até situações de conflito.

A5. De que modo organiza a sua sala e por que critérios?

As carteiras estão divididas e dois grupos de filas viradas para o quadro com iluminação lateral. A secretária da professora está atrás das carteiras e as paredes laterais têm cartazes de consolidação da matéria. Os dois grupos dividem os dois anos letivos e a secretária da professora está na parte de trás para poder haver uma melhor observação das crianças enquanto trabalham.

A6. Existe uma área na sala onde se encontram diversos jogos e livros. Em que momentos são utilizados e com que intuito?

Os jogos e livros são utilizados quando as crianças terminam alguma tarefa e estão à espera dos colegas ou para descontraír no final do dia.

B. Caracterização das famílias

B1. Qual o tipo de família que prevalece na sua sala? (nuclear, alargada, monoparental...)? E qual o tipo de família menos recorrente ou inexistente?

Prevalece o tipo nuclear e o menos recorrente é o monoparental.

B2. Quantas crianças são filhos únicos?

Três crianças em vinte são filhos únicos.

B3. Quantas famílias existem de origem não portuguesa? De que nacionalidade são elas?

Seis crianças em 20 são de origem brasileira.

B4. Como avalia o relacionamento escola-família? É frequente o contacto entre as duas partes e a partilha de *feedback*? Porquê?

Relacionamento próximo. Existe um grupo Whatsapp de turma unilateral (somente a professora envia mensagens para o grupo) e uma plataforma educativa online – Educabiz para facilitar o acompanhamento em tempo real da família com a escola. Sempre que necessário as famílias têm a possibilidade de contactar diretamente com a professora titular de turma.

B5. Considera que existem barreiras linguísticas ou culturais que dificultam o relacionamento escola-família? Se sim, porquê?

Existem barreiras linguísticas e culturais, mas não acho que dificultem o relacionamento escola-família. Tentamos ser uma escola inclusiva em tudo, e tem havido uma aproximação recíproca dos dois lados.

B6. Crê ser importante o envolvimento das duas partes no percurso educacional da criança? Porquê?

Importantíssimo o envolvimento da escola com a família e acrescento ainda a sociedade e o meio inserido que neste caso é a Igreja. Uma ilustração para entender a importância do envolvimento é um banco de três pernas, se uma das pernas falha, o banco cai. Cada parte tem a sua tarefa e responsabilidade na educação e formação de caráter de cada criança.

C. Caracterização da turma

C1. Quantas crianças da turma já tinham frequentado a instituição no ano anterior?

Em 20 crianças, 17 delas já tinham frequentado a instituição no ano anterior.

C2. Das crianças que não frequentaram a instituição no ano anterior, que aspetos destaca, positivos ou negativos, quanto ao desenvolvimento e aquisição de aprendizagens?

Segundo as famílias destas crianças, estes alunos desabrocharam. Sentiram-se mais seguras na aprendizagem devido a uma melhor estabilidade emocional. Não destacaram nenhum aspeto negativo.

C3. Quais as dificuldades que enfrenta ao ter de lecionar a uma turma de 3.º e 4.º anos? Como procura colmatar essas dificuldades?

Nem sempre é fácil. Temos de gerir dois níveis de aprendizagem. Temos de impor algumas regras desde o início para gerir a situação. Dar tarefas a um ano enquanto se dá aula a outro e vice-versa.

C4. Existem criança com NEE na sua sala. É fácil mantê-los incluídos? Porquê?

Existem crianças com NEE na sala e não é fácil incluí-los porque cada criança é individual e exige muita atenção. Não é fácil dar a atenção que todas as crianças da sala precisam.

C5. Como caracteriza a sua turma no que diz respeito não só ao desenvolvimento escolar, mas também à relação entre pares?

Neste colégio preocupamo-nos com a criança como um todo. O conhecimento e desenvolvimento curricular segue a par e passo com o crescimento e fortalecimento de caráter, a entreatajuda e compaixão com o próximo. Ao longo do ano preocupo-me em que haja um crescimento em todas estas as áreas.

C6. Qual é a área do conhecimento de maior interesse para a turma? E de menor interesse?

Estudo do Meio e História constituem as áreas de maior interesse. Tudo o que dê muito trabalho é de menor interesse: cópias, expressões escritas e funcionamento da língua.

C7. Quantas crianças e as suas famílias cristãs constituem a turma?

Em 20 crianças, 10 pertencem a uma família cristã.

Conclusão do questionário

Caso considere pertinente, peço que acrescente alguma ideia que possa ter ficado por explorar no presente questionário em relação aos aspetos abordados.

Agradeço a sua disponibilidade!

Anexo B. Questionário respondido pela Diretora Administrativa –
Caracterização do contexto socioeducativo

Questionário à D. A. – Caracterização do Contexto socioeducativo

O presente questionário destina-se à obtenção de informações fundamentais para a caracterização do contexto socioeducativo sobre o qual o presente estudo de insere. Posto isto, as respostas, e conseqüente análise das mesmas, serão utilizadas **apenas** para efeitos investigativos e académicos.

A. Caracterização socioeducativa

A1. Em que ano foi fundada a instituição?

Foi fundada em 1982

A2. Qual foi o propósito da fundação desta instituição?

O Colégio Adventista de Setúbal surge em resposta ao pedido de algumas famílias que após os seus filhos terem usufruído de um programa especial de verão para crianças (Escola Cristã de Férias), a satisfação foi tão grande que os pais solicitaram uma continuidade no mesmo género para o ano letivo.

A3. Nos dias de hoje, o propósito mantém-se ou existiram modificações? Caso tenham existido, por que razão e o que alterou?

O propósito mantém-se pois, o CAS procura ser parceiro com a família e, com a ajuda da comunidade religiosa, civil e educativa, construir, em cada aluno, as bases sólidas do seu carácter e do seu intelecto para uma cidadania positiva e ativa. Proporcionando a cada criança uma vivência escolar baseada em parâmetros que permitem um crescimento equilibrado e integral de todas as suas faculdades: física, psicossocial, ética, espiritual e mental.

A4. Existe uma Rede Escolar sobre o qual esta instituição está inserida. Com que finalidade? E de que forma trabalha?

O CAS faz parte da Rede Escolar Adventista Mundial (REASD), mas a nível nacional está sob a tutela e direção da União Portuguesa dos Adventistas do 7º Dia que tem como objetivo assegurar a coerência e harmonia de procedimentos, recursos e gestão de cada instituição.

Cada estabelecimento escolar tem a sua direção e gestão próprias mas sob a orientação da União.

A5. Enquanto Diretora Administrativa, como vê esta instituição?

Vejo esta instituição como um exemplo na cidade, pois ao longo de cerca de quase 40 anos, com as mesmas condições com que iniciámos, instalações diminutas e antigas e com orçamentos limitados é motivo para darmos graças a Deus por ainda nos encontrarmos a funcionar.

Isto prova que continuamos a exercer a nossa função de formar crianças pedagogicamente bem preparadas, distinguindo-se nas escolas para onde transitam e cidadãos bem formados no seu todo, candidatos ao reino dos céus.

B. Caracterização da Equipa Pedagógica

B1. Quais os elementos que fazem parte da Conselho Pedagógico? E quais as suas funções?

O Conselho Pedagógico é formado pelos diferentes professores que compõem o corpo docente do Colégio e pela Direção Administrativa. Tem como função gerir e administrar as atividades escolares, comportamentos e avaliação dos alunos.

B2. Quais os elementos que fazem parte do Conselho Escolar? E quais as suas funções?

Os elementos que fazem parte do Conselho Escolar são: um Presidente, eleito pela Igreja que tem a função de dirigir e orientar as reuniões de Conselho e responder perante o Conselho de Igreja.

O diretor da instituição que responde pelo estabelecimento de ensino e que apresenta os assuntos relacionados com a instituição.

O Capelão da instituição, um representante dos funcionários, que responde pela classe dos funcionários da instituição e um representante dos pais, que responde pelos interesses dos pais.

B3. De que modo é a instituição regida por estes dois conselhos?

O CAS é uma escola de Igreja que, primeiramente responde perante o Conselho Escolar, que é um órgão consultivo e de gestão da instituição, depois perante o Conselho de igreja e por fim perante a União

B4. Como caracteriza o *trabalho desempenhado* e a *relação* entre toda a equipa pedagógica (docentes internos e externos, não docentes e conselho)? Porquê?

O trabalho desempenhado entre toda a equipa pedagógica é feito com base num bom relacionamento e um bom espírito de equipa. No entanto, por vezes denota-se uma falta de partilha e maior interajuda entre as 2 professoras titulares das turmas. Talvez se deva ao facto de serem 2 profissionais com temperamentos e formas de trabalhar muito diferentes.

Penso que a Diretora Pedagógica deveria delegar mais as responsabilidades e não acarretar sozinha as responsabilidades todas.

Conclusão do questionário

Caso considere pertinente, peço que acrescente alguma ideia que possa ter ficado por explorar no presente questionário em relação aos aspetos abordados.

Agradeço a sua disponibilidade!

Anexo C. Transcrição da entrevista realizada à professora B.

Legenda:

- **Entrevistadora: Carina Rodrigues**

- Entrevistada: Professora M. (professora cooperante da PES em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico).

- AAAA – Nome da OS

- BBBB – Denominação religiosa;

- CCCC – Denominação de uma das atividades religiosas

- DDDD – Denominação de uma das atividades religiosas

- EEEE – Denominação da Creche e Jardim-de-Infância da igreja

BLOCO A

Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de dados informativos para a realização do relatório final. A entrevista é confidencial, o anonimato dos dados é garantido, sendo somente utilizados para fins investigativos e académicos.

BLOCO B

B1. Fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional e académico.

Mas queres que eu fale sobre o percurso académico... no sentido de só da faculdade ou antes da faculdade?

Tudo aquilo que tu quiseres partilhar.

O geral?

O geral, sim. Podes fala do teu percurso na faculdade, do teu percurso antes e após a faculdade.

Bom, então em relação ao meu percurso académico... assim que terminei a faculdade... não fui logo diretamente para a faculdade embora desde cedo tenha a noção daquilo que queria ser. Não te vou dizer que queria ser professora, logo, mas sempre estive ligada à área do desporto. O desporto sempre foi algo muito importante para mim e desde o secundário eu estive na área do desporto. Não estive na área das humanidades, acho que ainda hoje se chama assim, estive na parte das ciências e realidade o que eu queria tirar era no sentido do desporto... tive um percalço com a natação e acabei por não

entrar na área do desporto. Como fiquei... terminei o 12.º e quis ficar mais um ano a subir as notas para poder depois entrar na faculdade, esse ano eu fiz um voluntariado no Colégio AAAA de Oliveira do Douro e foi aí que me deu o *click* realmente para aquilo que queria fazer no futuro. Porquê? Porque, embora eu estivesse como voluntária ‘tava o dia inteiro e quando faltava uma professora do 1.º Ciclo eu ia substituir uma das docentes e aí eu percebi: “bem, já que não posso ir para desporto pela vertente da educação física vou pela vertente do 1.º Ciclo e assim foi. Acabei esse ano de voluntariado e ao final desse ano concorri à faculdade, Piaget, e entrei logo na primeira tentativa para o 1.º Ciclo. Ao longo do meu percurso académico tive alguns percalços... pelo meio...e... fui uma trabalhadora-estudante devido a uma situação da minha vida, mas posso por assim dizer que aprendi, sim, alguma coisa... toda a técnica, obviamente, isso era só quando estávamos em campo. Em termo de estágio, gostei do estágio independentemente de ser um colégio de freiras; gostei do estágio que fiz...e ... Como eu costumo dizer o nosso curso não é um curso difícil, mas nem todas as pessoas têm o dom para estar dentro de uma sala de aula. Não criticando, obviamente, nenhum colega ou nenhuma colega; não julgando o procedimento profissional de cada um, porque não, apenas acho que ser professor nos dias de hoje é teres um dom; não é só propriamente boas notas. Entretanto acabei o meu curso e devido à situação de ser trabalhadora-estudante não é que tivesse sido com uma média má... não foi a média em si que me fez não concorrer... ou melhor... ficar colocada no Porto, mas, sim, o facto de eu concorrer apenas para uma zona muito pequena; só mesmo cidade do Porto, porque os meus pais nunca me deixaram sair para estudar fora do distrito do Porto e então acabei por concorrer só ao distrito do Porto. Comecei a ficar desesperada e acabei por concorrer ao país inteiro. Já em novembro soube de uma vaga aqui em Setúbal, no Colégio AAAA de Setúbal. Vim à entrevista por descargo de consciência (risos) porque achava que vir desterrada da cidade do Porto a 350Km onde eu ia ter uma entrevista com alguém que já tinha entrevistado duas pessoas, uma do Barreiro e uma aqui de Setúbal... pensei que as minhas hipóteses eram quase nulas, porque duas pessoas aqui perto não seria propriamente se calhar a escolhida. Mas o que é certo é que olha... assim foi. Vim à entrevista a uma segunda, na terça à noite perguntaram-me se na quarta podia vir logo para baixo, porque quinta-feira tinha que começar a dar aulas.

Apanhei uma turma de 1.º e 2.º anos como ainda temos. Rebelde mais os do 2.º ano no sentido de que eles gostavam muito da professora Ba., a quem eu tenho um grande

carinho e com quem falo ainda hoje. Ainda há pouco tempo a encontrei num centro comercial e fazemos sempre uma grande festa, porque eu vim substituir uma professora que estava com um cancro e ela depois ficou inválida e essa turma foi propriamente a minha apresentação. Eles fizeram-me completamente a vida negra. A ponto de me dizerem que eu não sabia falar e que deveria de ir para a minha terra. Foi assim um ano muito difícil e eu jurei que mais nenhuma turma me faria aquilo que aquela turma me fez.

Se calhar por isso é que eu hoje em dia sou um bocadinho rígida, como tu sabes, porque passei muito e o meu 1.º ano foi mesmo muito difícil. Posso dizer que... saí muitas vezes da sala a chorar. Não que eles reparassem, mas sim, e a L. era a minha salvação. Ou seja, eu vim para cá com 24 anos acabados de fazer, tive que sair de casa e foi uma experiência assim... um bocadinho estranha. Sem conhecer ninguém, sem ter amizades, mas depois com o tempo as coisas foram se compondo e hoje posso dizer que o meu percurso académico tem uma fasquia alta e que eu exijo muito dos meus alunos, mas também exijo um bocadinho de mim mesma para poder dar sempre o melhor. Eu acho que... aquilo que eu aprendi desde sempre foi colocar, em tudo aquilo que eu faça, o melhor que eu sei. Esse é um dos meus lemas e em tudo o que eu faço, independentemente do que seja na minha vida, académica e profissional, tudo em que me proponho a fazer faço o melhor que sei.

E acho que fazes muito bem... dessa forma; a dares o melhor que tens, porque nós... ou melhor a educação deles depende de nós e se nós não dermos o nosso melhor eles também não terão as condições necessárias para aprenderem, crescerem, para se desenvolverem enquanto seres humanos.

A professora B. partilhou algo pessoal que não queria que fosse exposto. Posso apenas referir que diz respeito à exigência e ao desgaste que esta profissão nos traz.

Depois, se calhar mais para a frente, vou pegar nesse teu parêntesis

(risos)

Porque achei interessante, mas antes disso eu gostava de... porque vem ao encontro do tema que vamos aqui debater e por isso daqui a bocado vamos falar um bocadinho sobre isso.

BLOCO C

C1. Mas antes disso eu gostava de saber: o que é que entende por formação da personalidade?

A formação da personalidade..., mas... o que é que é formar uma personalidade é isso?

Por exemplo, se é algo inconsciente, que é nato no ser humano... Se é algo que tem uma formação que é desenvolvida ao longo do tempo... Como é que se processa esta questão da personalidade?

Eu diferencio aquilo que é a nossa personalidade e a nossa...

Carácter.

Como?

Carácter.

O carácter, a nossa essência, normalmente eu utilizo a palavra essência que acaba por ser o nosso carácter. Porque a nossa essência e o nosso carácter é o que nós já trazemos desde berço, desde barriga porque isso está no nosso ADN, não é? A personalidade, sim, a personalidade é algo que pode ser formada segundo o meio, segundo os valores, segundo os princípios, segundo os modelos. Não me lembro do nome do autor, mas eu lembro-me que li já há algum tempo um psicólogo que dizia “dêem-me para as mãos uma criança e eu farei dela aquilo que eu quiser”. Farei dela um polícia, farei dela um ladrão, um vagabundo, ou seja, mesmo podendo mexer no carácter da criança, a personalidade essa sim, essa vai se formando ao longo da nossa vida. Já sabemos que é nos primeiros anos que essa personalidade é formada e que se pode trabalhar futuramente. A nossa essência já não, é aquilo que nós somos e por isso é que nós, enquanto pessoas religiosas, sabemos que na nossa essência só o Espírito Santo é que trabalha. Na nossa personalidade também, mas é mais fácil trabalhar na nossa personalidade, porque existem psicólogos para nos ajudarem, e técnicos de saúde, e essa personalidade devido a vários efeitos na nossa infância ela poderá sofrer alterações a ponto de se, tornar de tal ordem, doenças do foro psicológico.

É verdade. É verdade sim, senhor, foi muito interessante e completa a tua resposta.

(risos)

C2. Por outro lado, eu gostava que me dissesse, também, o que são para si os valores morais e sociais? O que é que... o que é que são os valores para si?

... Os valores morais e sociais... valores morais para mim é aquilo que os pais transmitem em casa, a moral de casa, e sociais são aqueles que a sociedade nos transmite. Nós na nossa profissão, temos os nossos valores morais perante as situações que foram os nossos pais, ou os nossos avós, que nos transmitiram, com quem nós fomos criados. E sociais é aquilo que a sociedade tem para cada um e depois nós aí fazemos a escolha, não é? Eu posso estar no meio de pessoas a dizerem palavras, mas o meu valor moral diz-me para eu não o fazer, mas o valor da sociedade está ali implícito. É feito, mas não quer dizer que eu o faço porque os meus valores morais têm sempre que se sobrepor àqueles que são os valores sociais.

É verdade e isso realmente é de extrema importância e cada vez nós vemos menos, não é? Nós temos a capacidade de escolher por nós próprios que caminho é que queremos seguir, porque o ser humano é naturalmente uma pessoa muito influenciável e então cabe-nos a nós, enquanto indivíduos, enquanto seres individuais, fazer essa escolha; a querer realmente permanecer com os nossos valores, os valores que nos foram inculcados, que nos foram ensinados, ou acabar por seguir valores não tão bons e acabarmos por... Lá está, temos essa influência negativa também do meio onde estamos inseridos.

Exatamente, embora esse meio possa ser negativo... lá está se a nossa personalidade estiver bem formada nos valores morais que os nossos pais nos deram, nós não vamos ser influenciados.

Exato.

Novamente a professora partilhou uma experiência pessoal à qual pediu para que não fosse relatada. De forma sucinta, e sem expor a professora, a mesma partilhou que teve experiências na sua juventude que lhe mostraram que não tinha que se submeter a outros valores contrários aos seus para ser aceite pela sociedade.

C3. Exatamente, e pensa que estas duas noções, a formação da personalidade e os valores, estão interligados?

Sim, sim, sim.

E de que forma é que caracteriza essa ligação?

À medida que a tua formação da personalidade vai sendo feita, vai sendo feita com os valores que te vão passando, não é? Se os teus pais te dizem não, ou se os teus pais te dizem que quando alguém te dá alguma coisa tu tens que agradecer, dizer “obrigado”, vais ser uma pessoa grata. Ou se os teus pais te dizem que com uma pessoa idosa tu tens que ter algum cuidado ou se vais a correr e eles te advertem “tem cuidado com aquela pessoa idosa, porque a podes magoar”, sabes que futuramente o teu valor vai ser de cuidadora, OK? Vais ter esses valores implicitamente ligados à tua personalidade, vai fazer parte de ti e quando essas situações vêm tu vais fazer como algo que está implicitamente em ti e não porque os teus pais... “Ah agora vou me lembrar que os meus pais me disseram”, se calhar fica ali a formar uma ou duas vezes ou três, mas depois automaticamente aprendes. Por isso sim, para mim sem dúvida que a formação da personalidade está interligada aos valores.

Sim, senhor.

BLOCO D

D1. Então agora eu vou citar-lhe uma afirmação e quero que a comente, conforme a sua opinião, se fazes o favor. “A formação da personalidade é apenas da responsabilidade dos pais e/ou encarregados de educação”.

A formação da personalidade vem de casa, sem dúvida. Vem de casa. Tudo o resto, para mim, é uma ajuda que se possa dar nessa questão. Eu costumo dizer que eu sou paga para ensinar, não sou paga para educar, mas sei que tenho a responsabilidade de um exemplo que indiretamente vai ser uma espécie de educação que vou dar aos meus alunos. Agora, nunca, jamais, em tempo algum, alguém pode responsabilizar outro daquilo que os pais não foram capazes de fazer. Não só serão os pais... Como é lógico, a criança não vive apenas ligada aos pais, mas se pensarmos que os pais são o modelo, são o padrão de vida que aquela criança vai ter... então aí sim, os pais são os únicos responsáveis pela formação do carácter da criança, na personalidade neste caso.

D1.1 Então e... Por exemplo, cada vez mais nós vemos as crianças a passarem mais tempo nas escolas, nos colégios, nas creches, o que for, cada vez nós temos pais que trabalham mais ou mais tempo e as crianças acabam por passar mais tempo na

escola do que propriamente com a família. Como é que colocaria, então, esta questão da personalidade?

É assim... a escola acaba por ajudar nessa questão da personalidade, porque por exemplo... nós temos exemplos e casos e tu sabes, porque já assististe, em outras situações, não só ali no colégio... eu costumo dizer: durante a semana nós vimos educar, entre aspas, as crianças numa certa direção... assim que elas têm umas férias de quinze dias, tu percebes que todo o teu trabalho de um período inteiro foi por água abaixo, quase! E há ali uma adaptação sobre aquilo que elas sabem de como se podem comportar na escola. Ou seja, sabendo nós que as crianças... eu não digo que elas sejam oportunistas, porque elas não o são deliberadamente, mas elas sabem como é que se podem comportar num sítio e no outro, OK? Elas sabem que ali portam-se assim e ali portam-se daquela maneira. Com os períodos alongados cada vez mais nas escolas é normal que nós tenhamos uma responsabilidade acrescida, mas nunca tendo essa responsabilidade como um pai ou uma mãe tem. Claro que nós temos que ser uns ajudadores, mas não temos que ser os cuidadores dessa formação da personalidade. Porque é assim, por mais que eu diga a um aluno “não fumes quando saíres daqui do 4.º ano”, se ele tem uma mãe ou um pai em casa que fume, ele automaticamente poderá, quase de certeza absoluta fumar. É um valor que tu lhe podes passar em relação... àquilo que ... não é perturbar a sociedade. O facto de ele fumar não quer dizer que vai fazer mal a alguém diretamente, indiretamente, sim. Já vai fazer mal a ele próprio e a primeira palavra que vai prevalecer é sempre a dos pais. Tu até podes querer fazer, mas nunca nos podemos esquecer que eles têm uns pais por de trás, ou uns avós, não interessa, os cuidadores deles, os tutores, e eles vão sempre fazer aquilo que eles mostram fazer no pouco tempo que têm. Nós temos... não é a formação direta da personalidade, mas nós somos uns continuadores, digamos assim, daquilo que se faz em casa.

Sim, senhor.

Não sei se respondi.

Respondeu e respondeu muito bem.

D2. Nós falámos um bocadinho sobre o papel da escola na formação da personalidade e vimos ainda há bocado também que existe uma ligação entre esta

formação da personalidade e os valores... então a escola também tem um papel fundamental na educação para os valores?

Sim, tem, tem. Porque nós aí os valores podemos passar e ajudamos a passar dando uma continuidade à formação da personalidade. Claro que se eu estou a contar uma história a uma criança e o valor é, por exemplo, o da amizade, aí, sim, estamos a educar para os valores. E o colégio é uma das coisas que tem, educa e tenta mostrar valores onde eles possam um dia mais tarde... e aqui se calhar já te estou a responder ao porque é que o colégio educa para os valores... porque nós também queremos que eles sejam um dia cidadãos do mundo como deve de ser, não é? Não quer dizer que eles não o possam ser por nossa culpa, mas tentamos direcioná-los pelo caminho, fora da vida deles, sim. Educa para os valores, sem dúvida. O valor da amizade, o valor... sei lá outros valores que possas estar a pensar. Sim, educa, sem dúvida.

BLOCO E

Eu vi, enquanto lá estive, da parte da manhã antes de começaram as aulas têm um momento de louvor, um momento de meditação. E de que forma é que acha... embora já tenha tocado muito sobre aquilo que já partilhou... que este momento de meditação beneficia as nossas crianças?

Beneficia na medida em que é sempre bom colocá-las a pensar. Eu acho que a nossa sociedade de hoje em dia não coloca as crianças a pensar. Nós também temos alguma culpa, dentro das salas de aula, por vezes, como queremos logo as respostas imediatas às vezes somos nós que as damos ou então não lhes damos o tempo certo para eles se tornarem pensadores. As vezes temos tanta matéria para dar que eles não conseguem divagar sobre certos assuntos. A própria sociedade, hoje em dia, não está a fazer seres pensadores, mas seres com... um pensamento acelerado, a meu ver. E quando nós fazemos a meditação com eles... um dos motivos pelos quais eu sempre achei que era importante a meditação era para eles refletirem naquilo que eles estavam a ouvir, independentemente dos distraídos, dos que estão a olhar para o ar, os que estão a falar sozinhos... eu acho que fica sempre alguma coisa nas suas cabecinhas. E outra coisa que nós sentimos é que eles ali conseguem ter um momento de sossego, porque eu acredito que quando eles saem de casa... e eu vejo por mim aqui em casa... não é que a Le. seja uma criança muito agitada, mas conheço realidades em que a criança já vem de casa com os gritos dos pais, com um “despacha-te”, se calhar com uma palmada, com visualização

de televisão... ou seja, é aquele momento ideal para eles estarem sentados em silêncio, a ouvirem, e depois irem com muito mais paz, se assim o possamos dizer, vão muito mais sossegados para dentro da sala de aula. O cérebro deles desacelerou enquanto estávamos ali a fazer a meditação.

Músicas. Todos nós gostamos de cantar, não interessa se é no duche porque nós cantamos mal, mas todos nós gostamos de cantar, porque cantar faz bem à alma e sabemos todos disso, não é? Não estou a dizer que temos que estar sempre a dançar, mas todos nós gostamos da música. Não conheço ninguém que não goste de um tipo de música, independentemente do estilo: música clássica, música *jazz*, música... sei lá, Metallica... Isso faz-nos sempre sentir bem e a música está mais que comprovado que mexe aqui com os nossos químicos do cérebro e aliás pela alegria de cantar tu vias que eles gostavam. E esses dois momentos unidos ao último momento, que é o da oração, penso que se sente uma passividade, não de estarem quietos e não lhes apetecer fazer nada, mas notória e muito notória, de como eles desaceleraram de todo o processo que lhes aconteceu em casa.

É muito interessante a tua resposta, porque de facto nunca tinha pensado dessa formar; na agitação em que eles já vêm a partir de casa e chegarem ali e terem um momento de pausa e sossego para realmente depois estarem preparados para começarem a atividade escolar.

Nós nunca sabemos o que se passa em casa, não é? E há crianças que já vêm com meia dúzia de palmadas no lombo e isso agita-os logo... ou o nervosismo de não ter a mãe ali. E o cantar transmite uma alegria, não é?(...) há crianças que choram, que lhes custa, que temos que os arrancar dos pais e o cantar faz sorrir. Sabes, eu ao longo da minha vida, talvez pela minha história de vida, eu aprendi uma coisa: não sou perfeita e aprendi a não julgar os outros. Hoje em dia, a nossa sociedade tende muito a fazer julgamentos... julgamos o porquê de aquela pessoa chega ao trabalho com aquela cara, julgamos o porquê de uma pessoa ter aquele comportamento, julgamos o porquê da pessoa ser assim... é algo que está dentro de nós. Nunca te esqueças: qual o motivo pela qual as pessoas são o que são. E nas crianças é exatamente a mesma coisa. Eu costumo dizer que as crianças só se portam mal por dois motivos: ou porque são mal-educadas ou porque estão a chamar a atenção... eu não vejo nenhum motivo, para além destes dois pelas quais as crianças se portam mal.

Estou a responder às vezes... fico tão em silêncio que eu fico aqui com o coração apertado e fico a pensar “é isto que a Carina quer?”.

Eu quero tudo! Estou a gostar imenso de a ouvir falar, fale à vontade! Ajuda-me também a mim na minha prática profissional futura, para além de me estar a ajudar no relatório final. É uma mais valia para nós ouvir-vos enquanto professores mais experientes, mais maduros e também conseguir levar alguma bagagem comigo.

E3. Para além desta, que outras ações são executadas pelo colégio que promovem também a formação da personalidade baseada nos valores que o colégio defende?

Temos a oferta curricular... as aulas de bíblia, as histórias que são contadas também ajudam as crianças a refletir, a perceberem que por detrás de cada história bíblica há um valor... o facto de, por exemplo, orarem antes das refeições... vão ter sempre o valor de serem gratos. Hoje, o nosso mundo, carece de pessoas gratas. Somos mais refilões porque está calor, porque está chuva, porque não temos aqueles sapatos a condizer com a mala ou porque não temos aqueles lápis de cor... acho que hoje em dia somos muito pouco gratos e esse poderá ser um valor bastante importante. E a forma de como eles se comportam quando saem da escola, em visitas de estudo, por exemplo, não são alunos perfeitos não, mas temos o orgulho de já termos ouvido muitas vezes a dizer que são crianças que sabem estar, que sabem ser e sabem fazer o que é pedido e dito. Temos várias questões que ajudam as crianças a terem valores que lhes poderão ser muito úteis no futuro.

E4. Muito bem, então vamos passar para a próxima que de certa forma já respondeu, mas se quiser acrescentar mais alguma coisa pode sempre fazê-lo. Os valores espirituais têm influência na personalidade da criança? Já respondeu que sim, pelo seu discurso, mas agora queria saber de que maneira.

Olha eu costumo dizer muitas vezes que as crianças não precisam de ter uma religião. Eu sei que isto parece um bocadinho mal de se ser dito, mas eu acho que todas as crianças precisam de ter valores espirituais, independentemente da religião. E isto porque, o facto de nós acreditarmos em algo superior a nós vai fazer toda a diferença na nossa vida. Não é porque as pessoas dizem, normalmente as que não têm fé: “Ah isso é porque vocês têm de sentir sempre uma tábuca de salvação, porque nós também conseguimos ser crentes”... nelas próprias e está mais do que visto e revisto, até na própria ciência e medicina, que o facto de as pessoas terem crenças espirituais faz a

diferença em meio, por exemplo, a uma doença, quanto mais na personalidade, na formação da personalidade. Eu não tenho qualquer dúvida de que toda a criança que cresça com valores espirituais, vai ter uma forma de estar perante a sociedade, perante a vida, perante o mundo, perante aquilo que a rodeia completamente diferente. Todos nós temos instintos menos bons dentro de nós e na formação da personalidade ao termos a questão espiritual, percebermos de termos Alguém, que independentemente de tudo o que temos na Terra, se preocupa connosco e com a nossa pessoa, única e individual... percebermos que existe Alguém que se preocupa connosco vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas... Às vezes podemos não sentir isto nas crianças da nossa faixa etária, mas talvez ali na adolescência e enquanto adultos, sim. Os valores espirituais que vêm dessa idade tão pequenina fazem toda a diferença na nossa vida. Todos sabemos que os adultos que nós somos tem a ver com a infância que tivemos e então os valores espirituais que forem passados... ninguém está a dizer que temos que passar crenças ou injeções de moral, mas sim valores espirituais. Solidariedade, amizade, benignidade, de amor para com os outros, sem dúvida que isso vai fazer toda a diferença. Os frutos do Espírito [referência bíblica] ponto.

Também concordo consigo... mesmo que possamos não ver esses frutos enquanto mais novos, enquanto são crianças, embora muitos sejam vistos, um dia mais tarde eles irão florir e irão demonstrar, pelo menos é assim que a gente espera, a educação que tiveram enquanto crianças.

E5. Agora quero saber o que é que pensa sobre o que os pais procuram quando inscrevem os seus filhos nesta instituição.

Eles procuram isso mesmo: uma educação diferente baseada em valores. Coisas que eles não sentem fora do colégio e por isso é que temos muitas vezes crianças que chegam, porque os seus pais ouvem falar que o filho de um amigo tinha, por exemplo, problemas de integração com outras crianças, e ali no colégio, por ser pequenino também, obviamente, nós fazemos a integração das crianças. Não há um afastamento só porque a criança é diferente ou tem um comportamento diferente e tentamos enquadrá-la no meio e são os valores sem dúvida. Porque os pais não procuram a religião; os pais procuram os valores que a religião transmite. Naquilo em que eles se podem tornar e em que nós podemos ajudar. Nós temos O maior exemplo na sociedade e no mundo que foi o exemplo de Jesus Cristo. Ele foi o maior exemplo na nossa sociedade. Não somos nós os únicos

que os estudamos, entre aspas, existem muitos psicólogos que olham para o comportamento de Jesus. Temos o Augusto Cury, que para mim é um dos psicólogos mais fantásticos, e quem tiver a oportunidade de ler os livros que ele escreveu “O Mestre dos mestres”, “A vida de Jesus”, a personalidade de Jesus, o carácter a resiliência que Ele tinha... Sem dúvida que Cristo é o modelo supremo de tudo aquilo que existe aqui, no nosso planeta.

E5.1. E agora vou colocar-lhe outra questão que me surgiu: Para os pais que não são BBBB ou que não se dizem cristãos, como é que acha que este tipo de educação, baseada em valores cristãos influencia também nos pais, diretamente nos pais?

Notas que há alguns pais... Por exemplo, a questão de eles orarem à refeição. Eles chegam a casa e querem fazer à refeição também e os pais não dizem que não. Às vezes tenho pais que dizem que à hora de jantar que antes de comer todos têm que orar, porque, lá está, trazem isso do colégio. Eles acham que isso é importante, é importante ser grato pelo que se tem, e os pais aceitam. Nunca tivemos pais, e estou ali há quase vinte e um anos, nunca tivemos reclamações por nada do que foi dito em relação àquilo que lhe passamos. Nunca, nunca. Não me lembro. Curiosamente, não. Tendo em conta que 1% da comunidade escolar é BBBB e o resto é não BBBB. Há muitas pessoas que acham que nós por sermos Colégio AAAA que só existem BBBB lá, não. Só temos 1% e às vezes nem a 1% chega. Por isso, os pais que os colocam lá já sabem para aquilo que vão e alguns até acabam por os levar à CCCC ou aos DDDD, porque acham interessante ou porque aconselhamos para determinado tipo de comportamento... os DDDD seria bom para implementar regras e formas de estar. Às vezes são as próprias crianças que pedem para ir à igreja e ouvir mais histórias... temos vários casos assim. Acima de tudo é também, enquanto agente educativo, ter a noção que também podemos fazer a diferença na vida de alguns pais.

Por exemplos, eu sou muito amiga dos pais da J. ao ponto de sermos frequentadores das casas uns dos outros e já não é a primeira vez que a mãe da J. me liga com uma dúvida da bíblia. Portanto há algo, ou qualquer coisa que ela faça em casa, que faz aquela mãe ficar curiosa... a C., por exemplo, os seus filhos foram meus alunos e ela às vezes também ia à igreja. A certa altura teve um cancro e ela reconhece que as nossas orações por ela era a ajuda de que ela precisava. Marcamos sem dúvida diferença na vida de muitos pais. Já tivemos também pais que faleceram e... pronto algum conforto e algum consolo pudemos dar.

É bom poder ver, dessa perspectiva, na prática, como o vosso tipo de educação chega também às famílias, não só à criança. E como acaba por moldar essas famílias...

E6. Ora bem, conhece... eu sei que conhece, mas eu farei na mesma a pergunta porque quero que fale um bocadinho a cerca disto... existem crianças que têm sido beneficiadas a nível comportamental e social neste colégio?

Sim, sim... temos muitas, o G.C. não é a única criança... o R., por exemplo... e outras. Não foi no segundo... foi no meu terceiro ano, quarto ano no máximo, de lecionar tive um aluno que a mãe era prostituta e tu perguntas assim: "Como é que a mãe pagava o colégio?" Pagava. E foi para lá porquê? Para tentar mudar o comportamento dele. Temos muitos casos em que os pais nos procuram... às vezes na brincadeira digo que acham que ali há autocorreção... e de certa forma há, não é? Por exemplo, o G.C. é uma criança que... cada uma de nós desenvolveu uma forma de estar com ele e ele reage de maneira diferente a cada uma das pessoas. Não quer de dizer que por uma ser mais rija ou menos rija que ele não vai ceder, mas, sim, o comportamento dele melhorou muito, porque eu acredito que ele, numa escola oficial... se ele já antes de ir para o colégio tinha a polícia lá à porta e ele até à polícia se virava, por isso... o comportamento dele não tem nada a ver, embora por vezes ele queira se sobrepor. Tivemos alguns casos em particular há uns onze anos atrás tínhamos o T. que bateu em todas... a Li. chegou a partir saltos altos e a rasgar saias... chegámos a ir a uma visita de estudo em que eram quatro homens a segurá-lo e não tinham força para coloca-lo no autocarro... veio a dormir debaixo dos bancos do autocarro... depois de conversarmos com ele e termos atitudes bastante assertivas, ele hoje é bastante diferente da criança que foi.

E6.1. Desses episódios todos que já partilhaste qual foi aquele que mais a marcou?

Foi ter levado um murro na cara do G.C. e me ter arranhado os braços todos. Na minha mente não há uma explicação, a não ser claro que haja uma deficiência mental, para bater num adulto, sobretudo com seis anos de idade. Os tais valores que deviam ter sido dados em casa não foram. Estão distorcidos. Não é porque ele tem uma dislexia... isso para mim são desculpas. Porque ele já no jardim-de-infância dizia à P. que ia levar a metralhadora e ia matar toda a gente no EEEE.

Ah! Ele esteve no EEEE, não sabia...

Sim, sim. Estes comportamentos que ele tem no colégio era o que ele tinha na EEEE, Carina. Dizia que ia matar toda a gente, que ia destruir toda a gente... aquilo são mesmo valores invertidos. Tu és o rei de casa, tu fazes o que tu queres, chegas cá fora e és contrariado e não sabes lidar com a frustração. Para mim, o G.C. é uma criança que vai ter uma psicose quando for crescido. Ele vai somatizar, demasiado o comportamento dele e, a meu ver, de tal ordem que ele vai ser um futuro psicótico. Deus queira que eu me engane.

Esperemos que sim. Mas acha que, apesar da idade que ele já tem, acha que ele ainda consegue ter alterações a nível da personalidade? Tem vindo a ter, desde que entrou no colégio, mas acha que ainda consegue alterar mais?

Ele pode alterar a personalidade, mas a essência dele não, está lá. A não ser que haja uma boa terapia nele e nos pais que o ajudem realmente a direcionar o caminho dele para outro sítio e perceber que na vida vai ter muitos “nãos”. Vai ter que perceber que na sociedade ele não se vai poder passar cada vez que lhe apetece, porque é isso que ele não percebe. Não é dizer “faz uns exercícios de respiração e autocontrolo” que o vai ajudar a controlar... Não, de todo. Está demasiado no inconsciente dele. Não é normal que um aluno se virar para ti, como ele se virava o ano passado para mim a dizer que me ia matar e cortar às tiras... Porque lá está, eu era a figura de...

Autoridade

Que lhe fazia frente. Exato. E tu vez que o comportamento dele perante uma M. [professora do 3.º e 4.º anos] é completamente diferente. Mas, pronto... continuando.

E7. OK, então vamos continuar. Na tua sala de aula consideras que trabalhas com os teus alunos a aquisição de valores e que contribuis para a formação de uma personalidade estável e duradoura?

Sim, considero que sim. Dentro da sala de aula temos vários momentos em que eles percebem que sim. Lá está através das leituras dos textos das histórias que se contam, dos exemplos do dia-a-dia que nós vamos dando. Situações que ocorrem connosco ou que ocorreram connosco quando tínhamos a idade deles. E eles percebem que, embora sejamos adultos, e possamos, e digo mais eu, com um ar mais austero, que fui criança e que também saltei para cima de possas de água... e isso faz parte... para muitas vezes

eles não sentirem que... faz parte de determinadas situações e levam à formação dessa sua personalidade. Julgo que sim.

E8. Vamos voltar um bocadinho... à percepção dos pais... e pelo que eu entendi esta resposta também é positiva. Tem *feedbacks* de pais ou encarregados de educação à cerca de comportamentos dos seus educandos dentro e fora da escola no que respeita a si próprio e aos outros?

Sim, nós temos pais que dizem que notam que nós inculcamos formas de eles estarem. Os próprios pais sabem que eles são diferentes na escola daquilo que são em casa. E isso tu vês quando eles dizem assim: “ah quando ele se porta menos bem eu digolhe que ligo à B. e eles mudam logo o comportamento” (risos). Eu digo na brincadeira: “Olha eu não sou a bruxa má, está bem? Vocês têm que impor a vossa própria autoridade, não é?”... sim, eles têm respeito por eles próprios e pelos outros. Até pelos comportamentos que eles têm perante as outras pessoas... O ajudarem alguém... O ajudarem os pais, quando dizemos que eles em casa também têm que ajudar os pais... pronto. Temos alguns *feedbacks*.

E9. OK. Considera que uma educação cristã é uma mais valia para as crianças que por aqui passam? Acho que também já respondemos um bocadinho a esta questão... De qualquer das formas se quiser acrescentar, pode acrescentar se não passamos para a próxima.

Podemos passar, Carina. Porque já... foi aquilo que eu te disse uma educação espiritual é sempre importante. Vão sempre acreditar que há algo superior a eles e aos pais, que mesmo que um dia os pais falhem eles têm um Ser que está sempre disposto. Mesmo que nós não consigamos ver, está lá sempre.

E10. É verdade... Como classifica a resolução de conflitos por parte das crianças? Como se situa o grau de autonomia, capacidade de negociação na relação entre pares e nível de egocentrismo?

Como eles já não estão, embora sejam crianças por vezes imaturas, eles já não estão naquela fase tão egocêntrica. A não ser que aquilo que lhes transmitem em casa é que eles são únicos e que o mundo gira à volta deles. O que eu costumo dizer é que eles não têm que ter um trono com pajens a dar louvores e eu acho que a nossa sociedade hoje em dia perde muito por isso. Por fazer das crianças os reis e isso quando acontece eles

olham só para eles próprios. Mas no colégio, devido aos valores que alguns pais transmitem, e nós também tentamos que eles percebam que nem sempre a forma como eles querem resolver os conflitos, como eles veem na televisão e nos jogos de computador, é a mais indicada... eles conseguem... eles conseguem negociar... perceber que há certas formas de resolverem as briguinhas deles. Eles conseguem. Alguns melhores que outros. Há uns que têm mais receios, outros que são mais inseguros, mas eles naturalmente conseguem. Quando não conseguem, procuram ajuda ou então tornam-se crianças, como eu costumo dizer, queixinhas que se estão sempre a queixar por tudo e por nada. Lá está, nisso aí já não têm qualquer autonomia, porque têm sempre alguém que gere os conflitos por eles.

E12. Por último, refletindo sobre a sua prática, mudaria alguma coisa para ajudar a construir uma personalidade notável nas suas crianças?

Mudaria muita coisa. Primeiro a prática... O meu ideal de prática curricular é numa escola com um grande campo, um grande jardim... não existiriam manuais escolares (risos). Acho que já tinha partilhado isto contigo.

Já (risos).

E eles iriam aprender pela reflexão... O refletir sobre as coisas... O refletir sobre o porquê de a flor desabrochar daquela maneira, o porquê do céu ter várias cores ao final do dia e... claro que isso iria induzir nas aprendizagens devidas, não é? Seria uma utopia quando eles saíssem dessa escola iriam para uma escola dita normal. E isso também uma das coisas que me tem desagradado... A prática de ensino que somos obrigados a ter nas escolas. Ou segues a norma ou então mais vale saíres. Porque esforçaste para seguir uma norma diferente, mas não tens uma sociedade pronta para essa norma diferente... E eles iriam aprender segundo as suas capacidades... Não existiria nada de cinquenta e quatro... Artigo cinquenta e quatro que diz que cada criança tem que fazer isto, aquilo e aqueloutro, mas teríamos ali quatro anos de aprendizagem. Ter estruturado o que seira necessário ao fim desses quatro anos; o que é que eles precisariam em termos práticos para a sua vida. Porque o meu *Mindset* tem mudado um bocadinho em relação à nossa sociedade. Cada vez mais me convenço que para teres sucesso na vida não precisas de fazer aquilo que a sociedade te diz. Décimo segundo, faculdade, canudo e teres um trabalho até morreres. Porque ao interiorizarmos isso na nossa vida muitos dos nossos sonhos podem ser cortados e apagados. Por isso, iria induzir os meus alunos sempre na parte onde eles

pudessem empreender um dia mais tarde. E o empreender não te ensinam na escola com os livros à tua frente e estares ali sempre a debitar matéria aos teus alunos e chegas aqui [cérebro], entra, põe e fecha e depois, desculpa-me o termo, comesças a vomitar por todos os lados, porque a informação eu te colocam é tanta que tu não tens a capacidade de assimilar e ela tem que sair por algum lado. Por isso mudaria, mudaria muito na minha prática e tenho a certeza de que eles iriam construir uma personalidade muito mais forte, muito mais bonita, assim, na prática da teórica que nós temos. Por mais que tu queiras mudar tu percebes que não consegues, porque ou tens uma direção de um colégio, ou de escola, tens uns pais... vais ter sempre alguém a sabotar o que tu pretendes fazer. Depois às vezes também vem o desânimo e a descrença sobre aquilo que é o ensino. Que também é um bocadinho o meu caso.

E12.1 Então vou voltar àquilo que disse no início e acabou de tocar: no teu desânimo e no teu desgaste. Vai ao encontro daquilo que disse agora de querer uma metodologia diferente e que nem sempre é aceite ou vê que as suas crianças, e as suas personalidades, por sua vez, são muito diferentes de quando começou e de como é agora? Ou é uma junção das duas?

Sim, as crianças de outrora não têm nada a ver com aquilo que são agora. Mas tudo tem a ver com a questão da sociedade. A sociedade cada vez acelera mais, os pais cada vez têm que trabalhar mais... há pais que trabalham para sobreviver, há pais que trabalham para ter mais que os vizinhos. Cada um sabe pelo que luta e as crianças ficam sempre para trás. Ponto. Cada vez se vê mais crianças de pais separados, cada vez mais monoparentais. Existe uma série de fatores nos dias de hoje que não existiam há uns anos atrás. As pessoas eram mais tolerantes, mais resilientes... as crianças hoje em dia não sabem lidar com a frustração, porque há uma compensação em casa: “não faças isto, porque te podes magoar eu faço” e “eu dou-te isto para compensar o tempo que faltou”... eu entendo que não é fácil. Eu não sou mãe, mas eu vivo com uma criança e eu sei como é. Sei como é não termos tempo para nós enquanto pais. E eu conheço pais que deixam os filhos sozinhos em casa, porque querem ir ao ginásio, depois de um dia de trabalho e passa o tempo. Às vezes as pessoas não percebem que as crianças não querem horas de atenção. Um pai e uma mãe se fizerem a experiência de chegarem a casa, arrumar as tralhas e darem meia hora de atenção, já estão a encher o depósito do amor, do afeto, do carinho que as crianças esvaziaram ao longo do dia, porque foram vários os casos que apareceram ao longo do dia que os fizeram... criar... tipo uma panela de pressão e elas

precisam de descomprimir. E é em casa que elas têm de descomprimir. E essa descompressão dá-se lentamente com carinho, atenção, afeto... Que eu entendo que não há paciência para isso no final de um dia de trabalho e sei que não é fácil. Mas, por isso é que cada vez há menos filhos. Cada vez mais a sociedade tem consciência de que cada vez mais há menos tempo para eles... e ainda bem que assim o é.

Terminamos então a nossa entrevista. Gostei muito de falar consigo e saber a tua perspectiva sobre este tema. Tal como também já te tinha dito, não só por ser um trabalho académico, mas principalmente para a minha própria aprendizagem individual e para quando for futura “professora, Carina” (risos).

Reforço ainda que não será identificada em nenhuma parte do relatório, nem qualquer criança que mencionou ao longo desta entrevista e esta será somente utilizada para efeitos investigativos.

Anexo D. Transcrição da entrevista realizada à professora M.

Legenda:

- **Entrevistadora: Carina Rodrigues**

- Entrevistada: Professora M. (professora cooperante da PES em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico).

- AAAA – Nome da OS

- BBBB – Denominação religiosa

BLOCO A

Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de dados informativos para a realização do relatório final. A entrevista é confidencial, o anonimato dos dados é garantido, sendo somente utilizados para fins investigativos e académicos.

BLOCO B

B1. Fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional e académico.

Eu estudei em Itália e a partir do 9.º ano lá mudamos de escola e, não por minha vontade, mas por vontade do diretor de turma do 8.º ano, porque a escolaridade obrigatória era até ao 8.º ano, ele sugeriu aos meus pais que eu seguisse a carreira de magistério, porque na altura... é um bocadinho como as áreas. Havia a escola científica, a escola clássica, a escola de línguas... e eu estava mais focada para a escola de línguas. Ele [o diretor] sugeriu à minha mãe para seguir pelo magistério e eu fui um bocadinho contra vontade, porque não queria passar a minha vida na escola, o tempo todo, mas fui. Segui o conselho do diretor de turma e fui para o magistério e a partir daí começou a criar-se aqui um bichinho de ensinar. Portanto, logo na altura nós tínhamos... estágios, eram poucos, mas tínhamos estágios com crianças do pré-escolar e... foi a partir daí que eu senti uma empatia em estar com as crianças, em poder lidar com elas. Houve ali logo um *click*. Depois vim para Portugal e tive alguma dificuldade em terminar o 12.º ano e quando terminei sempre pensei em trabalhar com crianças, mas estava sempre na área de psicologia. Mas depois, por vários motivos, não consegui entrar em psicologia e entrei... no politécnico, na Escola Superior de Educação João de Deus. E nessa altura eu já estava um bocadinho em baixo, porque me vi grega para terminar o 12.º ano, mas depois senti-me muito à vontade com toda a parte da licenciatura. Gostei muito... foi trabalhosa, mas gostei muito e tive boas notas. Senti mesmo que era aquilo que eu queria fazer. Terminada a parte académica, convidaram-me para trabalhar na associação... trabalhei o meu

primeiro ano letivo em Leiria, no Jardim-Escola João de Deus de Leiria, lecionei no 2.º ano. Apesar de estar longe da família, e por isso é que só lá fiquei um ano, gostei muito de começar o meu percurso profissional lá por a diretora... ensinou-me várias coisas; era muito acessível. Ensinou-me muito em termos pedagógicos. A lidar com os pais, com os colegas, com os alunos... foi ali uma parte de aprendizagem pós-faculdade. Depois vim para Lisboa e estive lá durante seis anos, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Foi muito mais difícil, porque tinha que lidar diariamente, não só com as crianças, com os pais e a direção não era tão acessível quanto a outra. E depois tive que lidar diariamente com estagiários e inspeções. Entretanto, surgiu a oportunidade de trabalhar em Setúbal, num colégio muito pequenino com valores que me dizem muito. Na altura, senti uma grande diferença nos comportamentos das crianças entre Lisboa e Setúbal. Vi uma grande diferença em vários aspetos e estou lá desde 2010... 2011... sim, março de 2011.

B1.1. Disse que notou uma grande diferença a nível do comportamento. Consegue exemplificar essas diferenças que observou?

Sim. Diferenças de boa educação, de cumprimentar as pessoas e a maneira como se cumprimentar... não é um “bom dia” frio, é um “bom dia” afável, feliz de nos ver. Podem não transparecer através de palavras, mas vê-se que estão contentes por estarmos ali. Gostam do nosso desempenho, gostam daquilo que estamos a transmitir... muito interessados no que eu dizia... e regra geral boa educação e outros valores: saber respeitar o outro, ficar em silêncio quando é para ficar... vê-se logo uma grande diferença nesse aspeto.

B1.2. E essa diferença que observou foi relativamente ao colégio de Setúbal? Que tinha esses comportamentos que exemplificou agora.

A diferença entre o Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, um colégio muito maior com quatrocentas e tal crianças e isso também influência, para um colégio muito mais pequenino, mas... vê-se uma diferença entre o início de aulas de um... Por exemplo, o início de aulas como nós temos com a meditação eles entram em silêncio depois para a sala. Era um entrar mais calmo do que muitas vezes nos outros sítios por onde passei que já era, muitas das vezes um entrar muito agressivo, zangado. Depois tinha eu, como professora, tentar fazer alguma atividade para poder acalmá-los antes de começar a dar aulas. Depois, também na hora do almoço... todo o dia. Sente-se um ambiente muito mais calmo.

B1.3. E esse ambiente muito mais calmo de que fala... consegue identificar a causa?

A que se deve este ambiente diferente?

Acho que são vários fatores. O facto de ser um colégio pequenino, com menos crianças, ajuda. Vejo que os pequenos grupos funcionam melhor, mesmo heterogéneos, eles muito mais facilmente beneficiam e têm empatia uns pelos outros... os do 4.º ano com os do 1.º ano... do que se for uma escola muito grande e em que os do 4.º ano não querem saber dos do 1.º ano: “Vocês são do 1.º ano e nós somos do 4.º ano”. Isso é uma causa. Outra causa é o processo do dia-a-dia. Eles entram com o objetivo de se sentarem e ficarem calmos para fazer aquele momento de músicas de ouvir uma história e isso, para mim, é uma grande influência para quando passam para a sala de aula estarem muito mais calmos. Há, também, um momento de partilha em que eles partilham um bocadinho do dia-a-dia, então descarregam algum tipo de frustração ou alguma outra coisa que possam ter. Também nos cabe a nós, professoras, poder gerir e identificar logo as crianças que estão a chegar que estão bem ou outras que estão um bocadinho mais tensas ou nervosas, e podemos logo resolver ali alguns possíveis conflitos. Nem sempre isso acontece, mas se estivermos atentos podemos logo identificar quem não chegou bem à escola e tentar resolver isso antes de entrar na sala de aula e depois já é muito mais fácil entrar na sala de aula sem problemas. Portanto, aquela meia hora, que pode parecer gasta em formação pessoal e cívica, mas para mim é meia hora muito valiosa.

BLOCO C

C1. O que é que entende por formação da personalidade?

A personalidade é aquilo que vamos construindo ao longo da vida. E como é que nós construímos a nossa personalidade? Uma parte é aquilo que nós imitamos da nossa família... temos uma parte hereditária... a parte hereditária do nosso carácter, que é diferente, consoante aquilo que estamos a viver vai também mudando a nossa personalidade. E depois as dificuldades da vida, e as alegrias, mas mais as dificuldades fazem-nos moldar ainda mais a nossa personalidade, de uma maneira ou de outra.

C2. E em relação aos valores morais e sociais? Como é que os define?

A própria palavra valor é alguma coisa que tem... é preciosa, não é? Os valores são algo precioso que não está visível, está dentro de nós. Podem erguer, construir, solidificar, ajudar a criar empatia... portanto os valores morais são algo muito precioso à qual temos que ter em atenção e são muito importantes. Hoje em dia fala-se muito da inteligência emocional... tudo isso é muito importante, porque tudo o resto é fácil de adquirir. A parte cognitiva é muito importante de se adquirir, mas como vi uma vez num

cartoon em que o menino dizia para a mãe “porque é que eu vou para a escola se o google diz mais a respostas do que a professora?” (risos). É verdade... Hoje em dia o google pode saber mais do eu, mas a parte moral e social não é o google que dá. Há sempre uma parte humana imprescindível que, como educadora, eu dê à criança.

C3. E pensa que estas duas grandes noções, a parte da formação da personalidade e da formação em valores, estão interligadas? De que forma?

Sim. Quer dizer, deveriam de estar. Eu posso formar a minha personalidade sem qualquer tipo de valor. Elas podem não estar ligadas entre si. Mas para que eu forme uma melhor personalidade tem que estar interligada com os valores morais, sociais. Sim. De que forma?(...) lá está, como é que nós formamos a nossa personalidade? Imitando um bocadinho aquilo que está à nossa volta e consoante o nosso carácter e formação intelectual nós vamos construindo... ou não, podemos optar por não fazer essa construção. E consoante os valores que nos são transmitidos... dessa parte preciosa de saber agir com o outro, de respeitar, de ter empatia, de ser educado... tudo isso são tijolinhos que vamos formando a nossa personalidade, se assim o quisermos.

BLOCO D

D1. Agora necessito que comentes a afirmação que vou citar: “A formação da personalidade é apenas da responsabilidade dos pais e/ou encarregados de educação.”

Não concordo. A formação da personalidade é responsabilidade de toda a sociedade. Portanto de todos aqueles que envolvem a criança... nós somos uma aldeia, não é?(...) hoje em dia, as pessoas não se metem muito com as outras, porque têm muito receio; ainda lhes põem um processo em cima. Mas o ideal para a formação de um bom carácter é de toda a aldeia educar uma criança. Eu tenho memória de uma vez, deveria ter menos de cinco anos, e atirei qualquer coisa para o chão e uma senhora que eu não conhecia de lado nenhum, virou-se para mim, arregalou os olhos e disse: “Menina, apanhe já aquilo. Não tem nada que sujar a rua”. Eu sei que eu fiz logo isso. Eu não conheço a senhora de lado nenhum, mas eu sei que fiquei com aquilo na memória gravada (risos) e nunca mais atirei nada para o chão. E falta-nos um bocadinho isso, não é só a família, embora tenha uma parte importante, mas todos nós temos lacunas, falta-nos alguma coisa. Se for uma aldeia a criar uma criança as lacunas vão ser compensadas uns pelos outros. Portanto a escola pode compensar numa coisa que a família não consegue dar tanto e vice-versa. A família dá uma parte, a escola dá outra parte e a sociedade e todos aqueles que interagem com a criança têm que dar outra parte. Há coisas que não podem dar. Se

calhar se fosse a minha mãe a dizer-me para eu apanhar o papel do chão, pela familiaridade que eu tenho pela minha, talvez não tivesse ficado tão...

Marcada

Marcada. Parecia que tinha cometido um crime e tinha que ir para a prisão (risos), mas como foi uma senhora que eu não conheço de lado nenhum marcou-me. Nunca mais. E isso são coisas que se calhar a família não poderia fazer naquele aspeto e vice-versa. Há coisas que a família tem que fazer que a sociedade não consegue. Portanto a formação da personalidade é de toda a aldeia. Todos aqueles que interagem com a criança.

Gostei muito dessa ideologia de aldeia

Não é minha, penso que é um provérbio que diz algo como “é preciso uma aldeia para criar uma criança”.

D2. Tu já respondeste um pouco a esta questão, mas eu vou fazê-la na mesma para que possas acrescentar alguma coisa que queiras, se não passamos para a próxima. Que função tem a escola na formação da personalidade? E na educação para os valores?

É isso que eu estava a dizer. Tem uma parte importantíssima, não pode ser substituída pela parte familiar, nem pode ser substituída pela sociedade. E eu fico muito orgulhosa de tomar parte dessa função.

BLOCO E

E1. A esta também já respondeu, mas quero que me explique o porquê... pensa que o Colégio educa para os valores?

Sim. Porquê? Na educação BBBB nós achamos que a educação é um todo. A criança como um todo e, portanto, temos que educá-la em todos os sentidos, não apenas cognitivos, mas em termos físicos e espirituais. Se eu vou fazer um vaso não me basta fazer o barro, depois tenho de o limar, de o pintar. Portanto temos que pensar que um projeto final precisa de várias etapas. Uma criança precisa de várias etapas e então educamos também para os valores.

E2.1. Também já falou um pouco sobre este momento e apresentou o seu parecer, mas de qualquer das formas se quiser acrescentar mais alguma coisa ao seu raciocínio acrescente. De manhã têm por hábito de realizar um momento de louvor e meditação. E disse uma coisa muito curiosa que tem a ver com o facto de eles [as crianças] entrarem na sala muito mais relaxados, descomprimidos. Tu vês que isso acaba por beneficiar as tuas crianças na parte académica. Como é que acha que também pode beneficiar noutros aspetos? Isto porque referiu que a educação AAAA

é um todo, um conjunto de várias partes: cognitiva, física, espiritual... pensa que nas outras vertentes também beneficia?

Também. É ali um momento de terapia logo no início do dia. Conversamos um bocadinho e muitas das vezes as crianças que possam estar angustiadas com alguma coisa, algum problema, mesmo que a história não tenha nada a ver com a situação que eles estão a viver, elas sentem-se à vontade para poder partilhar, naquela altura, as suas ansiedades. É nesta altura em que eles podem partilhar e acabamos por fazer um pouco de terapia e eles sentem que pertencem a um grupo. O facto de fazermos ali a meditação e sentir que se pertence a um grupo é muito importante, hoje em dia. Eles não são mais um, são um grupo em que estamos ali em conjunto, cantamos em conjunto e lemos uma história que nos vai beneficiar a todos. Muitas vezes damos exemplos pessoais para que eles percebam que nós também passamos por dificuldades que eles passam ou que irão ainda passar. Eles sentem-se à vontade, por saberem que pertencem a um grupo, para poderem partilhar as ansiedades que têm, tristezas... e também alegrias. Ajuda para que a parte emocional seja um bocadinho trabalhada. Fisicamente... não é um arranque abrupto, mas mais calmo que ajuda a iniciar o dia. Só tem coisas a beneficiar.

E2.2. E diga-me outra coisa, por favor... No que diz respeito à formação da personalidade e na transmissão de valores, considera este momento um instrumento para estas duas vertentes?

Sim. Não é só. Porque eu posso dizer muitas palavras bonitas, mas se eu agir de maneira contrária aquilo que eu estou a dizer... esquece! As crianças são muito mais perspicazes do que nós pensamos. Às vezes muito mais do que nós. Portanto, aquilo que eu digo tem que coincidir com aquilo que eu faço. Eles podem não conseguir formular o porquê, mas passam automaticamente a não confiar em nós e a ter um pé atrás. Portanto, é uma parte... Não é só essa parte, mas é uma parte muito importante.

E3. E para além do exemplo, porque no fundo isso é o exemplo que transmitimos às crianças, que outras ações são executadas no colégio promovem uma formação da personalidade baseada nos valores que este defende?

Tentamos promover ajudas sociais. Este ano era a ajuda a animais de um centro de abrigo. Muitas vezes colaboramos com as ONG's para poder ajudar na recolha de várias coisas, como cobertores para os sem-abrigos ou alimentos para os animais. Portanto tentamos colaborar em termos sociais para que as crianças tenham empatia e solidariedade para com o próximo. Também temos como oferta da escola as aulas de bíblia, onde as crianças aprofundam um pouco mais sobre o estudo da bíblia e apesar da

maior parte das crianças não ser BBBB, grande parte é cristã de várias denominações e não há ali nenhuma transmissão de doutrinas, mas há transmissão dos valores que a bíblia nos ensina. E para elas, principalmente aquelas em que a bíblia não é trabalhada em casa, vê-se a grande sede que têm por saber um pouco mais sobre a mesma. Basicamente é o dia-a-dia que fazemos com eles; tem que estar intrínseco. Às vezes não são coisas muito planeadas, mas tem que estar intrínseco naquilo que fazemos no dia-a-dia... pelo menos tentamos.

Exatamente e disse algo que eu acho muito importante. Às vezes não é preciso planejar atividades ou rotinas focadas neste tema, mas basta haver uma coisa espontânea que tenha acontecido naquele momento e podemos aproveitar esse mesmo momento para transmitir algum valor, algum ensinamento, e acaba por ajudar na construção da personalidade da criança.

Sim, é muito importante nós aprendermos a planificar, porque... não é que o sucesso esteja garantido, mas muitas coisas que podiam correr mal não correm. Mas o acaso também é muito importante nós o aproveitarmos e não ficarmos rígidas à planificação. Com isto eu não quero dizer que a planificação não seja importante, é muito importante, mas a rigidez da planificação não tem que ser seguida e é muito importante aproveitarmos o acaso. É imprescindível sermos maleáveis.

E4. Vamos então falar sobre os valores espirituais que são defendidos pela instituição. Os valores espirituais têm influência na formação da personalidade da criança? De que maneira?

Têm. Elas começam a pensar de uma maneira muito menos egoísta e hoje em dia as pessoas estão muito egoístas e a pensar no nosso próprio umbigo... é muito fácil nós sermos egoístas, mas os valores espirituais ajuda-nos a ver o que está além disso. Por exemplo, quando nós estamos muito centrados nos nossos problemas, mas aprendemos a descentralizar, não nos preocupamos tanto com as coisas más que nos acontecem. Portanto os valores espirituais ajuda-nos muito no domínio próprio, no saber esperar, na empatia... hoje em dia há muita dificuldade em termos do domínio próprio e eu vejo que as crianças têm muita dificuldade nesse aspeto, em saber esperar, em receber um não e aceitá-lo, resiliência... por exemplo, a criança senta-se à mesa e não começa logo a comer. Ela espera que todos se sentem e ela agradece os alimentos que estão ali à frente. Isto vai ajudá-la no domínio próprio e na gratidão, que são valores espirituais. Estamos a agradecer o que temos, pode não ser muito, mas é bom, e estamos a saber esperar. Tudo isso influência a personalidade.

E5. O que pensa que os pais procuram quando inscrevem os seus filhos nesta instituição?

Tranquilidade. Querem se sentir seguros e que estão a ser entregues da melhor maneira. Que vamos fazer os possíveis para lhes poder dar a melhor educação académica e ao mesmo tempo que transmitimos bons valores para formar uma personalidade. Querem se sentir tranquilos nesse aspeto e querem uma boa equipa. Eles querem sentir que os seus filhos vão ser amados e bem cuidados e querem uma equipa para ajudar a construir a personalidade das crianças.

E6. Existem crianças que tenham sido beneficiadas a nível comportamental e social neste colégio? Descreva alguns casos em particular.

Eu acho que sim. Ainda hoje encontrei uma antiga aluna e tínhamos um aluno que era o Ru. que era um aluno muito problemático. Ele não mudou da noite para o dia e ele ainda tem ali alguns problemas, mas ele tem um coração muito nobre. Mudou muito quando estava lá. Ele tinha problemas de domínio próprio... problemas de abandono do pai, revolta interior, agressividade... Falta de domínio próprio. Qualquer coisa ele explodia e ainda hoje falávamos dele que já deve ter uns dezoito anos, mas tem um bom coração, embora esta questão. E há outros casos. Ainda há dois anos, uma criança estava noutra escola em que tiveram que chamar a escola segura, porque ele batia em todos e mais alguns... essa criança também não está nenhum anjo hoje em dia... que é o G.C., tu conheces, mas ele sente-se amado naquela escola e por mim e isso influenciou o seu comportamento. Já consegue ter mais domínio próprio apesar de ainda estar muito longe do ideal, mas também está muito longe daquilo que ele era. Isto é um caminho e nós temos que ver o copo meio cheio e não meio vazio. Depois temos em termos sociais, estou a recordar-me agora do C. que teve muitas dificuldades, porque ele veio do Brasil e era uma criança muito tímida, muito introvertida. Deu-se muito mal no primeiro ano que cá esteve, no caso da linguagem, por exemplo, que apesar de ser a mesma há muitos termos muito diferentes. E este ano ele teve segurança para colocar as suas dúvidas e a mãe estava muito agradecida no final do ano, porque ele sentiu-se, lá está, parte do grupo, que estamos lá todos para ajudá-lo e ele então consegue desabrochar e teve uma evolução, em termos sociais, muito grande. Ele não brincava com ninguém, estava sozinho num canto no recreio da outra escola e agora tem amigos, brinca e é uma criança bastante sociável e consegue já partilhar a sua parte emocional.

Eu recordo-me... Já não sei bem quem é que mo disse, mas recordo-me de terem falado do R. por causa da Hiperatividade.

Ah! Sim, também. A mãe um dia disse-me que ele teve um professor escolhido a dedo. Portanto ele foi para uma escola específica e para aquele professor. A mãe conseguiu, através de um familiar que trabalhava na secretaria, coloca-lo com aquele professor específico. E mesmo assim as coisas não resultaram, porque realmente o R. não é uma criança fácil de se lidar. Apesar de estar medicado, a medicação ajuda, mas não faz milagres... e, pronto, o domínio próprio do R. ... o não interferir tanto com os colegas, porque ele está sempre a tocá-los e a aborrecê-los. E a mãe também dizia que tinha sido uma grande diferença e disse que sentia segurança em deixá-lo aqui, porque sabia que ia ser bem tratado e que ia ficar bem.

Ainda bem que os pais têm essa perceção.

E7. Na sua sala de aula, considera que trabalha com os seus alunos a aquisição de valores e que contribui para formação de uma personalidade estável e duradoura? De que forma? Refira as suas abordagens (Seja por meio de leituras, de debates, de testemunhos ou ações de solidariedade, entre outros).

Olha, eu acho que posso sempre fazer mais. Eu espero que sim, mas na realidade eu gosto muito de ser professora, porque eu chego do final de um ano e consigo fazer uma avaliação e tentar manter o que está bom, o que fiz de bem, e melhorar o que fiz de mal. Eu acho que sim, que contribuo para a formação de uma personalidade estável e duradoura... é assim eu não estou sempre com eles eu fico sempre (suspiro)... fico sempre preocupada com o que vai acontecer a seguir. Eu coloco ali uma semente e tento cuidar bem da semente. De que forma? Lá está, há sempre coisas que são planificadas que eu faço de propósito para eles entenderem, mas muitas coisas surgem com os problemas do dia-a-dia. Por exemplo, quando fazemos leituras e eu já conheço o texto e sei o que podemos retirar desse texto, o que podemos falar... também no dia-a-dia como podemos ajudar. Portanto há muitas coisas planificadas e outras que não, e às vezes as melhores são as que não o são... espero contribuir... é uma sementinha só que fica lá. Eu só estou com eles... poucos anos, mas eles sabem que podem sempre voltar. Estou sempre disposta a que eles possam pedir ajuda. Mas realmente é uma coisa em que fico sempre... “o que é que eu podia ter feito mais” e “o que é que eu posso fazer mais”.

É o peso da responsabilidade

É, exatamente, é o peso da responsabilidade que é muito bom, mas que também é muito assustador.

Mas isso também é assim, da tua parte, porque, e pelo que vejo, é algo importante para ti. Transmitiesse isso às crianças. Porque se não te fosse importante não te daria esse peso e nem irias fazer esse tipo de reflexão.

Pois, é verdade... mas importo-me.

E ainda bem.

E8. Tem *feedback* dos pais ou encarregados de educação acerca dos comportamentos dos seus educandos dentro e fora da escola, no respeito por si próprio e pelos outros? Justifique a sua resposta.

Sim. Recordo-me da gratidão à hora das refeições. Isto é algo praticamente automática à refeição o agradecer pelo que têm. O respeito pelos pais, tento focar muito nisso. Por exemplo, o dizer “bom dia” ou “boa tarde” aos pais quando chegam. Lembro-me de uma criança, no ano passado, em que os pais relataram, que ela começou a fazer bolos para vender aos vizinhos para poder angariar dinheiro para dar aos mais necessitados e depois não ficou por aí. Ela gostou, também era uma criança bastante sociável, e continuou a fazer assim alguns trabalhos para beneficiar os que mais precisam. Gostei muito e ouvir.

E9. Considera que uma educação cristã é uma mais-valia para as crianças que por aqui passam? Porquê?

Quando a educação cristã é bem dada é uma mais valia, sim. Pelo menos quando é dada de coração. Todos nós temos defeitos, mas quando tentamos dar de coração e vemos isto como uma missão é uma mais valia. As crianças sentem-se mais amadas, protegidas, sente que fazem parte de um grupo, com um propósito muito maior que elas... elas sentem-se importantes, sentem-se valorizadas... sentem que podem fazer a diferença na vida dos outros... percebem que as dificuldades delas não são nada em relação às dificuldades de outros; conseguem ultrapassar todas as dificuldades que tiverem quer em termos escolares ou outros, com a ajuda de uma comunidade que as apoia... crescem, ultrapassam, sentem que são apoiadas nas dificuldades e não as deitamos mais abaixo... não dizemos “não percebes, não percebes. Fica por aí que outros percebem”, espera-se por elas quando é necessário, arranjam-se estratégias para ultrapassar as dificuldades e elas sentem que valem alguma coisa e aos elas sentirem que valem alguma coisa elas aprendem a transmitir esses valores aos outros.

E10. Como classifica a resolução de conflitos por parte das crianças? Como situa o grau de autonomia, capacidade de negociação na relação entre pares e nível de egocentrismo?

Acho que é muito importante eles resolverem os conflitos entre eles, nós temos que ser só os mediadores. A mãe da D. disse uma vez uma frase de que eu gostei muito. Lembro-me da D. pequenininha entrou lá com a A. e as duas estavam a fazer a inscrição para o 1.º ano. Estava a mãe a inscrevê-las na secretaria e houve logo um conflito entre as duas. A D. foi logo fazer queixas à mãe a A. vinha atrás. E eu lembro-me que a mãe da D., muito calmamente, que ela tem uma voz muito calma, disse: “você são crianças; isso é um problema de crianças, então vão resolver as duas crianças. Resolvam que vocês são capazes” (risos). E eu gostei muito da maneira de como ela respondeu. E ela tem razão... Temos de ser mediadores, dar ferramentas para eles resolverem, mas eles também têm que ser autónomos, porque nós não vamos lá estar sempre para resolver os problemas deles. Têm que ser eles a resolverem e a tentar perceber como resolver. É preciso, às vezes por água na fervora, mas dar-lhes as ferramentas para serem autónomos nos seus conflitos. Ferramentas criativas. Muitas vezes é só “desculpa”. Não, não! Não é só desculpa e virar as costas. Dar ferramentas, como por exemplo, “falaste mal dele, agora vais escrever uma carta a falar bem dele” ou então “vais passar o recreio a brincar só com esse colega ou juntinho a ele”. Eu lembro-me de uma vez duas meninas que estavam sempre a zangar-se uma com a outra e, isto foi antes da pandemia (risos) ficaram dez minutos abraçadas uma à outra e depois elas ficaram logo muito amigas. Quem é que não gosta de um abraço? (risos).

E10.1. E com essas ferramentas que dás, ou que vocês dão, sentes que são crianças muito mais autónomas?

Olha, eu acho que hoje em dias as crianças têm muita dificuldade em termos de autonomia. Em relação aos meus alunos de quando comecei a dar aulas, não sinto que as crianças sejam mais autónomas. Portanto em comparação, não o sinto, são muito pouco autónomas. Agora eu penso que podem levar estas ferramentas para a vida, em termos de autonomia. Autonomia é uma coisa que eu vejo menos e isso é um “problema” meu, porque eu já vejo isto a decrescer há tempo.

E10.2. E juntamente com essa falta de autonomia, independência, tu também sentes que são mais egocêntricas agora? Em relação ao passado.

Sim, sim. Falta de concentração, egocentrismo, e falta de autonomia... é o que eu sinto mais de diferença de há dezassete anos para cá.

Bem, esta pergunta também já respondeu que tem a ver com a diferença entre o Colégio AAAA e com as restantes instituições por onde passou, portanto vamos passar para a seguinte.

E12. A última pergunta, a não ser que depois quer acrescentar mais alguma coisa que tenha ficado por dizer. Refletindo sobre a sua prática, mudaria algo para ajudar a construir uma personalidade notável nas suas crianças? O quê?

Há sempre coisas a mudar... Eu vejo que quando as crianças estão no meio da natureza estão muito mais calmas. Se estivesse na minha mão (risos), se eu pudesse, ia ser muito bom que elas pudessem passar mais tempo fora destas paredes. Terem mais espaço era algo que ia ajudar muito na construção da personalidade. Calma... ia ser muito mais calma a dar as coisas. Não dar as coisas à pressa, porque muitas vezes, infelizmente... nós temos metas a cumprir, não é? E como temos metas a cumprir muitas das vezes vamos a correr e as crianças precisavam dali de um outro compasso de aprendizagem mais *slow living*. Fazer as coisas com mais calma, de uma maneira mais lúdica, fora de paredes acho que ia ajudar muito. Agora, se é possível... às vezes não é. Temos que viver com aquilo que temos.

Às vezes temos eu nos adaptar aquilo que temos. Não quer dizer que não ambicionemos sempre melhor.

É verdade. Parar é morrer.

Pronto. Tem mais alguma coisa que queira acrescentar ou podemos dar por terminada a entrevista?

Não tenho mais nada para dizer.

Agradeço, então, a sua participação nesta entrevista.

Ora essa. Foi um gosto (risos).

Reforço ainda que não será identificada em nenhuma parte do relatório, nem qualquer criança que mencionou ao longo desta entrevista e esta será somente utilizada para efeitos investigativos.

Anexo E. Inquérito por questionários aos E.E.

BLOCO A

O presente questionário mantém o anonimato de quem dele participa. Desta forma, peço ao questionado que não coloque o seu nome ou qualquer outro conteúdo que o possa identificar. O presente documento será utilizado exclusivamente para fins investigativos e acadêmicos.

BLOCO B

B1. Sexo M/F

B2. Idade

B3. Grau de parentesco

B4. A sua família é cristã? Sim, da mesma denominação da do colégio / Sim, mas de diferente denominação da do colégio / Não

BLOCO C

C1. Faça uma curta descrição sobre o que entende por personalidade e como a mesma se forma:

C2. A formação da personalidade deve ser desenvolvida: em casa / na escola / em ambos

C3. Os valores morais devem ser desenvolvidos: em casa / na escola / em ambos

C4. Pensa que estas duas noções (formação da personalidade e valores) estão interligadas? Porquê?

BLOCO D

D1. Porque razão colocou o seu educando no Colégio AAAA: Proximidade de casa / Tipo de educação cristã / Aconselhado por outros / Proximidade do emprego / Outros: Quais?

D2. Pensa que a instituição forma os seus alunos para os valores? Sim / Não

D3. Pensa que uma educação cristã é uma mais valia para o seu educando? Porquê?

D4. Como caracteriza a relação entre os docentes e os alunos? Inexistente / Boa / Muito Boa

D5. Com relação à pergunta anterior, de que maneira pensa que esta relação beneficia ou prejudica a educação do seu educando?

D6. Observou mudanças na personalidade do seu educando desde que este entrou para a instituição? Exemplifique.

D7. Recomendaria a instituição para alguém que pretenda educar o seu educando para os valores e desenvolver uma personalidade firme e duradora? Sim / Não

D8. Conhece as práticas da instituição no que respeita o desenvolvimento da personalidade e a educação para os valores: Sim / Não

D9. Conhece crianças que tenham sido beneficiadas por este tipo de ensino? (a nível comportamental, social, entre outros) Sim / Não

D10. Caso o seu educando tenha passado por outras instituições que diferenças observa entre esta e as outras?

D11. Se pudesse sugerir uma mudança no colégio, face ao tema aqui a ser tratado, o que sugeriria?

D12. Se o colégio fechasse faria diferença na sua vida? Sim / Não

Anexo F. Árvore categorial de análise das N.C.

Tema: Estratégias da instituição na formação da personalidade e transmissão de valores

Tabela 5. Árvore categorial de análise das notas de campo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Frequência absoluta
Crianças	Relação criança-criança	<p>Enquanto a professora M. escrevia o sumário no quadro, o G.C. batucava com a sua caneta na mesa. A A. voltou-se para ele com ar sério e ordenou: “Para lá com isso. Achas que consigo trabalhar com este barulho?” (N.C. nº 10).</p> <p>Após o almoço, alguns rapazes começaram a criar B.D. em conjunto e individualmente (N.C. nº45).</p> <p>Num momento da manhã, o M. ficou encarregue de verificar se a turma se estava a comportar bem na ausência da professora M. O M. passou a maioria do tempo a dizer “<i>shiu</i>”, quando os alunos conversavam, mas o comportamento persistia (N.C. nº53).</p> <p>As crianças do 4.º ano que já tinham terminado os seus exercícios estiveram a ajudar os meninos do 3.º ano, por sua iniciativa (N.C. nº58).</p>	16

		<p>No período do almoço, eu e os rapazes estávamos a brincar com o lego e a construí um barco. Um menino do 2.º ano aproximou-se e mostrou-se interessado na brincadeira. Todavia, o G.D. não queria que ele brincasse juntamente com o grupo, pois afirmava que já havia muita gente a brincar. Expliquei-lhe que não haveria problema se aceitássemos mais uma pessoa para brincar connosco, visto que todos nós estávamos a fazer partes diferentes do barco para depois juntar. O G. concordou com a minha afirmação e perguntou ao G.D. “Olha lá, tu gostavas que não te deixassem brincar?”. O F. afirmou ainda que ele não iria gostar de ficar de fora da brincadeira e o G.D. acabou por aceitar a opinião dos amigos e convidar o menino a brincar connosco (N.C. nº59).</p> <p>Com a intervenção, reparei que a turma tem bastantes dificuldades em trabalhar em grupo, tendo havido alguns momentos de maior agitação (N.C. nº88).</p> <p>Antes da professora M. chegar à sala, a Sr. perguntou se podia ler um livro, que ela tinha trazido, para toda a turma. Ela leu o seu livro, mostrando as suas imagens. Estava muito entusiasmada por poder partilhá-lo com a turma. No final, todos bateram palmas e ela agradeceu com um grande sorriso. Congratulei-a pelo seu excelente desempenho (N.C. nº114).</p> <p>Durante a aula, o G. deixou cair o seu lápis, o G.C. apressou-se para o apanhar e lhe devolver e o G. agradeceu (N.C. nº 115).</p>	
--	--	---	--

	<p>No meu período de intervenção, verifiquei que, durante o jogo “O Dominó do Grau dos Adjetivos”, a S.A. e o G. trabalharam muito bem em equipa, embora jogassem um contra o outro. Anteriormente, os dois não possuíam uma relação muito afável, contudo ajudaram-se mutuamente, sem se preocuparem se ganhavam ou perdiam.</p> <p>Em contrapartida, a L. e o R. voltaram a ter problemas e continuam a demonstrar dificuldades em jogarem um com o outro, em especial o R. (N.C. nº 119).</p> <p>A turma jogou o jogo “Uma Viagem pelo Espaço”, decorrente do projeto de intervenção. Era um jogo realizado a pares que teriam que realizar contra outras equipas. A turma mostra-se cada vez mais apta para trabalhar uns com os outros.</p> <p>O GC. trabalhou muito bem com a N. e foi uma mais valia para ele ter ficado com este par. A P. e o S. também demonstraram trabalhar muito bem em equipa. O G. e a A., embora com personalidades bem distintas e com algumas desavenças, trabalharam igualmente bem em equipa e mostraram um grande nível de maturidade.</p> <p>Algumas exceções foram verificadas, como no caso R. que trabalhava sozinho e a J. e a M.B. que se apoiavam muito no seu par (N.C. nº 125).</p>	
--	---	--

		<p>Com a atividade realizada a partir do projeto de intervenção, o R. compreendeu o que era pretendido e terminou o seu trabalho sozinho, questionando-me se podia ajudar quem tinha dificuldades, assenti e agradei a sua disponibilidade (N.C. nº 128).</p> <p>Mais uma vez, a turma mostrou melhorias na capacidade de trabalhar em grupo. Nesta sessão, do projeto de intervenção, poucas vezes os grupos necessitaram da minha ajuda, sendo eles próprios a definir como queriam fazer e a distribuir tarefas e, pela primeira vez, não houve qualquer episódio de desavença ou discórdia (N.C. nº 129).</p>	
	<p>Relação criança-professor titular (v.v.)</p>	<p>Os alunos ajudam a professora a arrumar a sala antes da aula, pois durante o sábado é utilizada por outras crianças. Por essa razão todos os elementos da sala têm que ser arrumados na sexta (N.C. nº 5).</p> <p>Um aluno de cada ano de escolaridade recolhe os t.p.c.'s do seu ano (N.C. nº 9).</p> <p>Os alunos tratam a professora pelo nome próprio (N.C. nº 11).</p> <p>Um aluno perguntou à M.: “M. gostaste da minha letra?” e a M. respondeu “Ainda não vi com atenção, querido” (N.C. nº14).</p>	<p>18</p>

	<p>O t.p.c. era descrever uma divisão da casa. A M. não pareceu satisfeita com a descrição do quarto da A. e questionou-lhe o que se passava, à qual ela respondeu que este estava em obras. A M. declarou que poderia ter escolhido outra divisão da casa e que teria que ficar no intervalo da manhã a fazer uma nova descrição (C.N. nº15).</p> <p>O G. C. perguntou à professora se ela podia ver os lápis novos dele. Os lápis tinham vários padrões e juntos identificaram a que animais correspondiam os mesmos. Depois questionou se mos podia mostrar, à qual a professora respondeu “Tens que lhe perguntar se ela quer ver”, sorrindo-lhe (N.C. nº18).</p> <p>A professora sempre se mostra muito paciente com as questões dos seus alunos.</p> <p>O R. perguntou “M. o telemóvel que temos aqui [no colégio] tem <i>internet</i>?”</p> <p>“Não querido, porquê?”</p> <p>“Aqui [no manual] diz que o telefone fixo ficou sem rede”</p> <p>A M. explicou o que era essa rede de que falava o manual (N.C. nº30).</p> <p>A professora dá muitos <i>feedbacks</i> às crianças (N.C. nº31).</p>	
--	--	--

		<p>A professora explicou ao 3.º ano o que era um genograma, enquanto o 4.º ano tinha uma outra tarefa para realizar. Utilizou o exemplo do seu filho para o explicar (N.C. nº37).</p> <p>A M. corrigiu um exercício de pontuação no quadro. Conforme ela ia lendo o texto, os alunos faziam gestos para dizerem qual era a pontuação de determinado local:</p> <p>Ponto final – 1 palma;</p> <p>Vírgula – estalido de dedos;</p> <p>Dois pontos – pressionar os indicadores nas bochechas cheias de ar;</p> <p>Travessão – pressionar os braços um contra o outro na horizontal (N.C. nº 50).</p> <p>A M. estava a escrever a tabuada no quadro para os auxiliar na da divisão que iam fazer em conjunto. A dada altura um aluno afirma que a M. está a fazer a tabuada ao contrário.</p> <p>“Eu faço diferente de vocês [3x1]. Sei que vocês aprenderam de maneira diferente [1x3], mas não coloco errado. Não faz mal, porque é a mesma coisa”. A professora aceita que façam de modo diferente, importando apenas, que esteja bem feito. (N.C. nº55).</p> <p>Depois de explicar a divisão, os alunos do 3.º ano teriam que passar para o caderno o exercício que fizeram em conjunto e um outro exercício para fazer. O grupo contestou que era muito.</p>	
--	--	---	--

	<p>“Mas vocês já começam o dia preguiçosos? Aquilo [parte do quadro] é só para saberem como é que se faz”, respondeu a M. sorrindo da situação (N.C. nº 56).</p> <p>“Sabem como se diz ilha em latim? Insula. Sabemos que uma ilha é um pedaço de terra rodeado de água. Então, uma península é quase uma ilha...”, explicou a M.</p> <p>Os alunos deram várias sugestões e o F. foi o único que esteve mais perto na definição de península: “Uma parte ligada ao mundo”.</p> <p>“Sabiam que a nossa península não é só Portugal?”</p> <p>“Tem Portugal, Espanha e Andorra!”, respondeu o F. entusiasmado.</p> <p>“Muito bem! Obrigada, F. pela tua especificidade”, congratulou a professora, gargalhando com a rápida resposta do F. (N.C. nº64).</p> <p>A J. estava a mostrar dificuldades na realização dos exercícios e a M. chamou-a ao quadro para realizarem as duas o algoritmo da divisão (N.C. nº 78).</p> <p>A professora B., ao iniciar a sua aula, escreve uma frase no quadro diferente todos os dias. Hoje ela colocou a seguinte: “Hoje é segunda-feira. Temos de ser mais calmos”, desenhando um sorriso a seguir à frase (N.C. nº82).</p>	
--	---	--

	<p>A professora B. coloca <i>smiles</i> nos livros das crianças e autocolantes nos cadernos quando terminam o seu trabalho (N.C. nº 84).</p> <p>Antes de iniciar a divisão com dois algarismos a professora M. referiu: “É um momento muito difícil, mas ainda não tive ninguém que tivesse morrido. Vão conseguir passar por isto. Coragem! Nem sempre vai ser fácil, mas vão conseguir! Na história houve momentos negros, o 4.º ano também vai ter um”.</p> <p>A professora M. brincava com a turma, pois sabia que as divisões com dois algarismos são exigentes para os alunos do 4.º ano. Desta forma, ela criou um ambiente descontraído e animado para poder falar da divisão (N.C. nº 101).</p> <p>Durante o trabalho que estava a ser realizado, a Sr. perguntou se a palavra “chegou” era com “x” ou com “ch”.</p> <p>“Que grande facada no meu coração, Sr!”, respondeu a professora M. e toda a turma se riu.</p> <p>“Com ‘ch’?”, tentou a Sr.</p> <p>“Ah já não está a sangrar”, e mais uma vez todos se riam (N.C. nº 111).</p>	
--	--	--

	<p>Relação criança-adulto (v.v.)</p>	<p>O G.C. aproximou-se da mesa onde estava sentada e perguntou-me, timidamente, se gostaria de ver os seus novos lápis e eu respondi-lhe “Claro!”. Ele mostrou-mos e, tal como fez com a professora, partilhámos a que animal pertencia cada padrão desenhado no lápis (N.C. nº 19).</p> <p>O R. perguntou-me se o podia ajudar a resolver os exercícios. Respondi-lhe que era a hora do intervalo e que ele podia ir brincar, contudo ele quis resolver aquele exercício e insistiu para que eu o ajudasse. Apesar de lhe explicar, ele não aceitou e proferi “Então deixas ficar como tens e esperas pela correção da professora” (N.C. nº 20).</p> <p>O Pastor veio à escola, embora a aula de bíblia seja às quartas-feiras. Cumprimentou ambas as salas e os alunos ficaram muito entusiasmados com a sua presença. O G.C. perguntou-lhe o porquê de a luz verde fazer mal às nossas células e o Pastor não hesito em responder (N.C. nº 39).</p> <p>De modo a planear o projeto de intervenção, questionei aos alunos o que gostariam de trabalhar e, em conjunto, fizemos uma votação sobre os temas escolhidos e seleccionámos o que a turma mais gostou (Culinária, pintura, desenho, croché, experiências químicas, <i>parkur</i>, dança, futebol, artes marciais, animais, plantas, corpo humano, universo, dinossauros) (N.C. nº 51).</p>	<p>15</p>
--	--------------------------------------	---	-----------

	<p>As aulas com o professor de expressão físico-motora são mais barulhentas e agitadas (N.C. nº 60).</p> <p>A instituição teve dificuldades em contratar um professor qualificado de inglês. A nova professora tem uma franja curta, tatuagens e piercings. Não é natural de Portugal. Os alunos percebem que a professora Ba. ainda possui algumas dificuldades na língua portuguesa e repetem as coisas mais de vagar. Quando mesmo assim não resulta, eles utilizaram outras palavras sinónimas. Foi muito interessante ver os vários alunos a trabalhar em conjunto para que a nova professora os entendesse (N.C. nº 72).</p> <p>A refeição do almoço era almondegas de soja com molho. A Li. distribuiu molho pelas crianças que o queriam. A dada altura, percebi que a S. não estava a comer e perguntei-lhe o que se passava, respondendo-me que não gostava das almondegas. Com isto, perguntei-lhe se queria molho para disfarçar mais o sabor e ela consentiu. Porém, a Li. não mo deixou dar-lhe, pois já tinha passado com o molho e distribuído por quem queria e se a S. queria, ela deveria de ter pedido (N.C. nº 79).</p>	
--	--	--

		<p>Alguns alunos vinham ter comigo tirar dúvidas sobre as operações da divisão e eu adorava ajudá-los. Reparei que a maioria dos alunos me agradecia depois de os ter ajudado: “Obrigada por me ajudares com a matemática, Carina,” agradeceu o M. (N.C. nº 80).</p> <p>A turma continua a mostrar-se muito agitada nas aulas de expressão físico-motora, mostrando-se desobediente ao professor (N.C. nº 90).</p> <p>Na aula de inglês, o comportamento da turma manteve-se muito agitado. O R. acertou com a borracha na J. ao tentar passa-la ao S.</p> <p>O G.C. bateu no Rodrigo porque este estava sempre a dizer “it”.</p> <p>Noutra situação, o R. dizia os meses do ano, embora a professora não estivesse a trabalhar sobre eles. O T. afirmou que também sabia e repetiu-os a seguir ao R. e este quis mostrar que os sabia dizer mais depressa. A professora referiu que eles os diziam muito bem, mas que não era essa a atividade que estavam a realizar.</p> <p>O G.C. recusou-se a fazer as atividades propostas da aula. A professora Ba. mostrou-se muito paciente com ele e sugeriu formas para ele realizar os exercícios, mas apesar disso, ele não os fez.</p>	
--	--	--	--

		<p>A turma, no geral, apresentou um comportamento pouco apropriado, não respeitando as regras de sala de aula (N.C. nº 91).</p> <p>Durante a minha intervenção, verifiquei que o R. e a L. tiveram muitas dificuldades ao jogarem juntos. O R. estava constantemente a dizer que a L. estava a fazer batota e a L. começou a chorar.</p> <p>O R. continuava a insistir “Não lhe calhou 10! Ela está a mentir”. Conversei com ambos acerca do que se estava a passar e que eram o único par que estava a ter problemas com o jogo. Pedi que parassem de jogar e quando ambos estivessem prontos e mais calmos retomassem. Advertisse-os de que se a discórdia continuasse não poderiam continuar a jogar, pois não tinham condições para tal (N.C. nº 99).</p> <p>A dona E. veio conversar com a professora M. Cumprimentou todos os alunos à porta da sala e a professora M. pediu que passasse e que aguardasse um pouco no gabinete. Quando a dona E. estava a passar a Sr. apressou-se para tirar a sua mochila do caminho. Quando a dona E. passou dei-lhe os parabéns pelo seu bondoso ato. Toda a turma quis saber o porquê e o G.C., que é um grande observador, explicou o que a Sr. tinha feito. A professora M. deu-lhe também os parabéns e vários outros alunos da turma congratularam-na pela sua ação (N.C. nº 116).</p> <p>Durante o período do almoço, estive a jogar xadrez, a convite dos rapazes da turma. Joguei com o T. e ele ganhou-me. Correu pelo colégio inteiro a dizer que me tinha ganho e passou o resto</p>	
--	--	--	--

		<p>da semana a dizer “Carina, lembrás-te daquela vez em que te fiz xeque-mate?”. Após ter jogado com o T. joguei com o M. que mostrou um comportamento bastante diferente. O M. torna-se uma criança muito reflexiva e concentrada nos jogos de xadrez. Também ele me ganhou na partida, mas ao invés de se vangloriar, como havia feito o T., ele esticou-me a mão, deu-me um aperto e disse “Bom jogo, Carina” (N.C. nº 130).</p> <p>Durante a aula de inglês, a A. levantou-se muitas vezes para mostrar o seu trabalho realizado diretamente à professora de inglês. Mostrou-lhe, inclusive, um trabalho que ela realizou em casa autonomamente à qual a professora congratulou. A A. mostrou-se muito contente com o <i>feedback</i> (N.C. nº 131).</p>	
	Relação escola-família (v.v.)	<p>“Eu sou muito rígida, mas tento saber sempre o porquê de não se portarem bem. E, apesar de ser um trabalho com as crianças, trabalho muito com os pais. Falo muito com eles e tento ajudá-los na educação dos seus filhos”, afirmação da professora B. (N.C. nº 127).</p>	1
	Atitudes e Comportamentos	<p>A sala mantém-se em silêncio durante a resolução dos exercícios (N.C. nº 17).</p> <p>O T. viu um caderno no chão, verificou de quem era e entregou-o ao dono (N.C. nº 21).</p> <p>A professora. B. estava atrasada e a professora M. foi distribuir o trabalho pelos alunos do 1.º e 2.º anos. Enquanto isso, os alunos do 3.º e 4.º anos fizeram a cópia do texto trabalhado no dia</p>	

	<p>anterior. O M. ficou responsável pela sala e assentava no quadro o nome dos alunos que conversavam, que por sinal eram escassos (N.C. nº 29).</p> <p>Os meninos do 3.º ano estavam muito interessados e entusiasmados com a nova matéria. Por outro lado, 5 crianças do 4.º ano estavam mais interessadas na explicação da professora do que na sua tarefa (N.C. nº 38).</p> <p>Durante a conversa com o Pastor, o F. afirma com muita convicção: “5% da população do seixal é meu primo” o que fez, ao Pastor, à professora M. e a mim gargalhar (N.C nº 40).</p> <p>Na aula de expressão físico-motora, a turma mostrou-se agitada o tempo todo. No começo, o professor pediu para que fizessem o aquecimento enquanto este preparava a sala, contudo a maioria brincava, corria e gritava pelo pavilhão. Depois de terem sido chamados à atenção apenas o G.C., o G. e o F. continuavam a brincadeira.</p> <p>O professor não interveio na situação. Ao correr, eles desviavam os colchões do sítio onde o professor os tinha arrumado, porém a P. ia arrumá-los de seguida.</p> <p>Enquanto o professor explicava os exercícios, o F. e o G. conversavam um com o outro, enquanto o G.C. e a M.B. batiam nos <i>steps</i>.</p>	17
--	---	----

	<p>Durante as estações e os jogos, a turma mostrou-se muito inquieta e gritava muito. No final, somente 4 alunos ajudaram a arrumar o material (N.C. nº 42).</p> <p>O M. explicou à professora que não estava a perceber e esta elaborou uma tabela no quadro e retomou a explicação de uma outra forma. O G.C. referiu que também não tinha percebido, contudo fê-lo num tom de gracejo. A professora M, mesmo assim, voltou a explicar; “Agora já sabes. Está bem?” (N.C. nº 44).</p> <p>A aula de bíblia terminou também com uma oração e o Pastor procurou saber se a turma tinha algum pedido de oração. Várias crianças pediram para orar por familiares que estavam doentes e inclusive pela família da semana (N.C. nº 48).</p> <p>O G.C. estava apoiado apenas em dois pés da cadeira e quando a deixou cair bateu na mesa onde estava sentada. A M. chamou-o à atenção, mas ele ignorou e não pediu desculpa (N.C. nº 52).</p> <p>O G.D. pediu à professora Ba. para ir buscar uma folha, justificando que ainda não tinha caderno. Como havia mais crianças que ainda não tinham caderno de inglês, o G.C. prontificou-se a trazer folhas para todos aqueles que não tinham. Contabilizou quantos alunos eram e trouxe uma folha para cada um deles (N.C. nº 74).</p>	
--	--	--

	<p>A seguir à meditação, realizámos a atividade “Mirmecologistas por um dia”, pertencente ao projeto de intervenção. Antes da atividade, sensibilizei a turma para que fizessem o menor barulho possível e andassem com cuidado pelo salão, pois as formigas são seres muito sensíveis ao ruído e movimento. Durante toda a atividade a turma revelou um grande autocontrolo e um enorme cuidado para com as formigas. Sempre que havia alguma criança que levantava um pouco mais a voz, os colegas chamavam-na a atenção e, em conjunto, contribuíram para um ambiente calmo, sendo possível elaborar todas as atividades que se pretendiam (N.C. nº 93).</p> <p>A aula de inglês voltou a ser muito agitada, e embora a professora pedisse delicadamente para que se comportassem os alunos do 3.º ano não alteravam o seu comportamento. Contrariamente, os alunos do 4.º ano mostravam respeito pelas ordens da professora.</p> <p>A M.B. batia na mesa, enquanto o G.D. cantarolava “silêncio” e “calem-se” e, mais uma vez, o G.C. recusara-se a fazer os trabalhos N.C. nº 95).</p> <p>Hoje o almoço tinha uma sobremesa muito desejada: mousse de <i>oreo</i>.</p> <p>“Eu queria a tua sobremesa J.”, disse-lhe</p> <p>“Disseste bem, querias! Mas podes tirar o dedo”, respondeu a rir-se. Todos os que estavam a ouvir gargalharam com a nossa conversa.</p>	
--	---	--

	<p>“Podes ficar com a minha”, ofereceu o To., do 1.º ano.</p> <p>“Mas tu não gostas?”, questionei-lhes.</p> <p>“Gosto, mas eu não me importo de te a dar”.</p> <p>Fiquei muito contente ao perceber que o To. Não se incomodava por oferecer algo seu a outra pessoa, apenas para que esta ficasse feliz; foi um dos atos mais bonitos que já presenciei no colégio (N.C. nº 107).</p> <p>A turma trabalhou bastante bem nos pequenos grupos, durante a construção do livro de aventuras. Não existiram as discórdias vistas anteriormente e todos estavam mais envolvidos na tarefa. A professora M. concordou com o meu parecer e constámos que os trabalhos que têm sido desenvolvidos em pequenos grupos têm sido muito benéficos para as crianças (N.C. nº 112).</p> <p>O M., que sempre se mostrou muito inseguro, insistiu que não conseguia jogar, embora tivéssemos feito, em grande grupo, no quadro, um esquema demonstrativo (N.C. nº 119).</p> <p>Durante a minha intervenção, a turma pintou dois olhos através da simetria. Desta vez, o M. soube apreciar o seu trabalho, mostrando-se feliz com a sua obra (N.C. nº 120).</p>	
--	--	--

		<p>O M. demonstrou-se constantemente ansioso e afirmava que não sabia as respostas ao jogo – “Eu não sei”, mesmo tendo o manual na mão e podendo ir procurar as respostas (N.C. nº 125).</p> <p>Em conversa com a professora B. em relação à sua prática e experiência profissional, esta revelou-me que o G.C., quando chegou à escola, ameaçava-a de morte e que ainda lhe iria cortar aos pedaços. Chegou, inclusive, a esmorrar a professora B. (N.C. nº 132).</p>	
Conduta escolar	Organização da instituição	<p>Todos os meses há dois meninos responsáveis pela sala, usualmente são os aniversariantes desse mês (N.C. nº 12).</p> <p>No final da manhã, antes de saírem da sala para o almoço, todos arrumaram as malas em cima das suas cadeiras (N.C. nº 25).</p> <p>Todas as crianças levam o chapéu do colégio para o recreio (N.C. nº 32).</p> <p>Antes do almoço, um dos alunos da instituição faz uma oração, agradecendo o alimento e pedindo uma bênção pelo mesmo, podendo incluir outros aspetos se assim o desejar (N.C. nº 35).</p> <p>Quando terminam a refeição, mostram o prato à Li. E voltam a mostrá-lo depois de o rasparem (N.C. nº 36).</p>	6

		Na sala do 1.º e 2.º anos, que tem dimensões maiores que a do 3.º e 4.º anos, está organizada por ilhas e os alunos têm por hábito trabalhar em grupo (N.C. nº 83).	
Formação da personalidade e transmissão de valores	Repreensões	<p>“M., posso ir buscar papel das mãos?”, G.C.</p> <p>“Podes sim”</p> <p>Quando o C.G. voltou a professora M. perguntou para que precisava de tanto papel. Explicou-se que tinha sujado a mesa com a tinta da caneta. Repreendeu-o afirmando que no intervalo teria que limpar o que sujou.</p> <p>“E depois de limpar posso ir?”, G.C.</p> <p>“Podes”, M. (N.C. nº 57).</p> <p>A D. pegou numa caneta e perguntou ao Sa. se era dele. O Sa. retirou-lhe a caneta da mão e a D. mostrou-se confusa. A M. viu e interveio, repreendendo o Sa. pelo seu comportamento, visto que a D. tinha encontrado a caneta e perguntou se lhe pertencia com o intuito de a devolver (N.C. nº 62).</p>	6

	<p>No dia anterior, o R. troçou do G.D e a M. reuniu-se com ambos para conversar. A M. questionou o R. sobre a razão pela qual ele não queria cortar o cabelo e ele respondeu ser por causa da sua cicatriz.</p> <p>“Então, se tu tens uma, porque estás a gozar com a do G.?”.</p> <p>O G. tem uma cicatriz que rodeia a cabeça, proveniente de uma operação à qual foi submetido na infância.</p> <p>As duas crianças iniciaram uma discórdia, recordando outros episódios de que não tinham gostado um no outro. A M. terminou de imediato essa discussão, afirmando que essas são situações passadas e que já estariam resolvidas; contudo, se não estavam então teriam que tratar de resolver, mas não naquele momento. Acrescentou, ainda, que nada é motivo para gracejarmos uns dos outros, muito menos quando ambos estão na mesma situação e que não admitia que no colégio fossem rudes uns com os outros (N.C. nº 69).</p> <p>A professora M. soube do comportamento inadequado da turma e repreendeu-a por isso. Reforçou as regras da sala e recordou que, apesar de ser outro professor a dar a aula isso não implica que o seu comportamento altere (N.C. nº 92).</p>	
--	---	--

	<p>Afirmar que iria ficar de castigo como consequência do seu ato à qual ele se recusou, dizendo “Estou a ser posto de castigo por uma professora que nem é professora”.</p> <p>Ao saber, a professora M. perguntou-lhe se tratava de forma diferente os alunos do 3.º e 4.º ano; se o tratava de forma diferente por ser do 3.º ano, à qual ele respondeu que não. Deste modo, a professora M. explicou-lhe que se ela não faz distinção ele também não o deve fazer. Acrescentou, ainda, que naquele colégio todos são iguais e todos são tratados e respeitados da mesma forma, não sendo admissível de outro modo (N.C. nº 104).</p> <p>O G.C. mostrou-se violento depois do almoço, dando murros no armário dos jogos e brinquedos. Aproximava-me dele quando a Li. Me pediu para que deixasse estar.</p> <p>“A Li. Já sabe lidar com ele quando ele está assim”, referiu-me a J.</p> <p>A Li. Falava com ele calmamente, questionando-lhe a razão de ele estar daquele modo. Demorou-se na conversa com ele; ouviu-o e explicou-lhe que independentemente da razão pela qual ele estaria chateado, não era motivo para andar a esmurrar no armário, pois podia magoar-se a si e aos outros (N.C. nº 133).</p>	
--	---	--

	Resolução de conflitos	<p>A professora incentiva à resolução de problemas, não só “fazendo as pazes” e/ou pedir desculpas, mas fazendo algo, demonstrando que se está arrependido.</p> <p>Duas crianças chatearam-se e a professora M. propôs que cada um fizesse algo uma para a outra, por exemplo uma carta. Um dos meninos fez uma carta, o outro, visto que tem dislexia, a professora sugeriu que fizesse um desenho, se assim o preferisse. Desta forma, os dois elaboraram algo físico um para o outro, de modo a resolver o seu problema (N.C. nº 33).</p> <p>A professora M. chamou o G. e o F. para que pudessem conversar sobre a hipótese de eles andarem a dizer aos meninos do colégio para não brincarem com o G.C. A professora M. questionou-os se essas declarações eram verdade e ambas as crianças não se mostraram à vontade com a abordagem, não confirmando nem negando, permanecendo em silêncio durante algum tempo. A docente voltou a abordá-los, mas fê-lo de uma forma mais direta: “Estão a fazer <i>bullying</i> a alguém?”</p> <p>O G. respondeu prontamente: “Não, <i>bullying</i>, não!” à qual a professora perguntou “Então?”.</p> <p>“<i>Bullying</i> não estou a fazer”, respondeu o G.</p> <p>“Mas se eu digo a alguém que não quero brincar com ela isso não é <i>bullying</i>?”, PM.</p> <p>“Não. <i>Bullying</i> é quando chamamos a alguém de feio, por exemplo”, G.</p>	2
--	------------------------	---	---

		<p>Deste modo, a PM. explicou o que realmente significava o termo <i>bullying</i>; que não era somente quando atribuímos nomes impróprios a alguém, mas também quando excluímos a pessoa do nosso núcleo de amigos, mesmo quando ela, nalgum momento, agiu mal conosco.</p> <p>Com a explicação da docente., o G. e o F. ficaram atônitos e o F. mostrou-se verdadeiramente preocupado.</p> <p>A professora M. voltou a perguntar se as duas crianças andavam a fazer isso a alguma outra no colégio. Após alguns momentos de reflexão, o G. confirmou que o estava a fazer, contudo o F. negou. Face à posição do F., o G. diz-lhe que ele o fez juntamente com ele e o F. confessou que também o tinha feito. Justificaram as suas ações devido ao comportamento do G.C. que lhes andava a bater. À vista disto, a professora M. perguntou-lhes se esses comportamentos do G.C. tinham sido recentes e o F. respondeu que em outubro lhe tinha apertado o pescoço. Ela recordou que esse episódio tinha sido uma brincadeira menos sensata entre eles e que, na altura, os envolvidos foram castigados, tiveram a sua consequência, e que já tinha sido resolvido. Posteriormente o G. afirmou que a P. também andava a fazer o mesmo com eles, excluindo-os da brincadeira e olhando-os de modo “estranho”.</p> <p>“Se é assim, vêm falar comigo. Não fazem o mesmo aos outros. Se não gostam que vos façam a vocês, não fazem aos outros”.</p> <p>A PM voltou a perguntar se eles tinham agido bem e reforçou a definição de <i>bullying</i>.</p>	
--	--	---	--

		<p>Eu acrescentei, ainda, que o <i>bullying</i> também ocorre quando nós não agimos na presença de algum acontecimento que não é correto, quando, por exemplo eu bato na M., a Li. vê, contudo não faz nada.</p> <p>Por fim, e para complementar, a professora M. abordou a parábola do Bom Samaritano, que o F. não conhecia, mas o G. conhecia bem, explicando-lhe, inclusive, do que se tratava.</p> <p>Após a explicação, a docente perguntou-lhes se a ação do fariseu, nessa parábola, tinha sido correta, à qual ambos responderam que não. De seguida, perguntou se o sacerdote, dessa parábola, tinha agido corretamente e mais uma vez reponderam que não.</p> <p>A PM reforçou uma última vez que o comportamento de ambos não era o correto e que não era coerente deixarem de brincar com o G.C. e influenciarem outros a fazerem o mesmo por algo que já tinha ocorrido há dois meses atrás, sendo que, após isso, eles continuavam a brincar com ele diariamente (N.C. nº 121).</p>	
--	--	--	--

	Professora M.	<p>Enquanto o 3.º ano fazia o genograma, a PM. fez algumas questões ao 4.º ano sobre a pele.</p> <p>“Todos nós somos castanhos. Todos nós somos formados do barro, do pó da terra. Quanto mais melanina temos, mais castanhinhos somos. O sol ajuda a ativar essa melanina”, professora M.</p> <p>“Mas temos partes mais claras”, PM.</p> <p>“Sim, porque temos zonas com mais melanina que outras e zonas mais expostas ao sol que outras. Se em casa se olharem ao espelho, para o vosso rabinho, vão ver que é mais claro do que os vossos braços. Porquê? Porque não está exposto” (N.C. nº 41).</p> <p>A aula de matemática começou com uma pequena atividade com o calculador multibásico.</p> <p>“Imaginem que estas peças são rebuçados”, disse a professora M., dando os “rebuçados” ao G., ao R. e à S., porém ela não deu a mesma quantidade a cada um deles.</p> <p>“Eu sou muito amiga de todos, não sou?”, PM.</p> <p>“Não”, respondeu a turma.</p> <p>“Mas eu dei rebuçados a todos!”, contrapôs a PM.</p> <p>“Mas não foi igual”, disseram as crianças.</p> <p>“Ok. Então vou fazer grupos de 3 rebuçados”, dando um grupo de 3 rebuçados a cada um deles.</p>	
--	---------------	--	--

	<p>“E agora?”, a docente mostrava que sobravam 2 rebuçados, “Posso distribuir estes?”</p> <p>“Não!”</p> <p>“Então fico com eles. Quantos é que cada um recebeu e quantos é que sobram?”</p> <p>“3 e sobraram 2”.</p> <p>A professora voltou a realizar a mesma atividade com todos os alunos da sala atribuindo sabores a cada peça colorida do calculador multibásico.</p> <p>“Este é de mentol. É bem bom! Gostas? Eu também gosto muito”, PM.</p> <p>“Este é de quê M.?”, perguntou um aluno.</p> <p>“De frutos do bosque. Não, não é de mirtilo!”.</p> <p>A professora M. criou um ambiente dinâmico e divertido, que reflete a relação que tem com os seus alunos. Não só explicou a divisão, mas também incutiu valores como igualdade, justiça e amizade (N.C. nº 54).</p> <p>A turma vai realizar um teste e a M. coloca lado a lado uma criança do 3.º ano e uma criança do 4.º ano.</p>	7
--	---	---

	<p>Depois dos testes distribuídos, a professora lê os dois textos (do 3.º e 4.º anos) para a turma e explica-lhe que ainda vai ler perguntas do enunciado, para o G.C., que tem dislexia.</p> <p>Esclarece que como o G.C. troca com muita facilidade as letras, devido à sua condição, vai ler as perguntas para ele (N.C. nº 70).</p> <p>No recreio do almoço, o G.C. baixou as calças da M.B. e o F. mostrou-lhe o seu órgão reprodutor. A M. falou com o F. individualmente, de modo a quele lhe explicasse o porquê de ele ter feito isso: “Mostrei as partes íntimas à M.B. para ela não ficar zangada”.</p> <p>A M. declarou que essa não era a forma de resolver o problema e que não devemos de mostrar as partes íntimas às outras pessoas “por isso é que se chamam íntimas”.</p> <p>Após falar com o F. e o G.C., a M. aproveitou o momento para conversar com a turma sobre os seus corpos. Explicou-lhes, em primeiro lugar, que os seus corpos tinham sido gerados por Deus. Em segundo lugar, falou da importância de tratarmos bem do nosso corpo; de termos uma alimentação saudável e de adquirirmos bons hábitos de higiene. E, em terceiro lugar, de respeitarmos o nosso corpo e pelo dos outros. A professora falou de um modo muito descontraído e respondeu inclusive às perguntas dos alunos.</p> <p>Declarou que não devemos andar a mostrar os nossos corpos principalmente as zonas onde usamos roupa interior. Um dos alunos perguntou o porquê e a M. esclareceu que essas zonas</p>	
--	---	--

	<p>são tão especiais que até possuem roupas especiais para elas. Acrescentou que ninguém deve tocar no nosso corpo sem a nossa permissão; que só eles e os pais podem tocar para lavar, por exemplo: “Ninguém pode mexer nas vossas maminhas, para as meninas, nem na vagina, nem no pénis”.</p> <p>Os alunos ouviam atentamente a explicação da professora e o F. começou a chorar compulsivamente. A M. explicou-lhe que não precisava de chorar, mas que agora, como já sabia, não podia voltar a fazê-lo. O F. voltou-se para trás, para a M.B. e pediu-lhe desculpa e ela aceitou. O G.D. também lhe pediu desculpa, contudo a pedido da professora (N.C. nº 96).</p> <p>A meditação desta manhã abordava o autocontrolo. A PM. explicou como é importante sabermos controlar nas nossas emoções e conseqüentemente o nosso corpo. Quando estamos chateados ou irritados não podemos ser maldosos com os outros, mesmo que tenha sido esse outro que nos tenha feito ficar assim.</p> <p>Exemplificou que existiam momentos em que também ela se sentia chateada, contudo não maltratava a PB. por se sentir assim e a isso se chama autocontrolo. O autocontrolo ajuda-nos a gerir melhor as situações e comportarmo-nos melhor connosco e com os que nos rodeiam (N.C. nº 103).</p> <p>Na aula de história, a M. falou de D. Sanches II, referindo que este tinha de costume usar um hábito. Uma das crianças questionou a professora a cerca da razão pela qual ele o usava. A PM</p>	
--	---	--

	<p>explicou que esta prática vinha de sua mãe que acreditava que se ele se vestisse deste modo Deus iria alegrar-se. A PM. explicou que ainda hoje existem pessoas que se autoflagelam na procura do perdão de Deus ou do Seu amor. Porém, isto não é verdade e a professora evidenciou que o amor de Deus é igual para todos independentemente do que possamos vestir. Concluiu dizendo que Ele nos pede que O amemos e que amemos os outros que nos rodeiam, como a nós mesmos (N.C. nº 122).</p> <p>As crianças visualizaram um episódio da série “Magic for humans”, cujo título era “Influencing the Influencers”. Este vídeo veio com o objetivo de complementar a meditação da manhã que abordava o tema da influência que os outros podem causar em nós. Este vídeo, dublado, mostrou-lhes de forma prática e real como o ser humano é facilmente influenciável. Em grupo, concluiu-se que se seguirmos pessoas menos boas podemos ser negativamente influenciados. Assim, é importante observar e ter como modelo pessoas com comportamentos corretos para que possamos ser positivamente influenciados (N.C. nº 134).</p>	
--	---	--

	Corpo escolar	<p>“Tu disseste que os nossos animais não iam para o céu”, A.</p> <p>“Só vai para o céu aquele que se arrepende do mal que faz. Os nossos animaizinhos de estimação não são racionais, então não podem ir.”, Pastor</p> <p>“Mas isso é injusto”, A.</p> <p>“Deus vai dar-nos animais muito parecidos com aqueles que tivemos e estes nunca morrerão”, Pastor.</p> <p>Neste caso em particular, a A. demonstra o valor que ela atribui à vida, neste caso em particular à vida animal, preocupando-se em saber se um dia os retomaria a ver.</p> <p>“Porque Deus não perdoou Eva?”</p> <p>“Deus perdoou Eva, mas ela teve uma consequência. Tal como nós também temos consequências quando fazemos alguma coisa que não está certa. Por exemplo, quando vocês fazem mal a um amigo, aqui no colégio, vocês são castigados pelo que fizeram, recebem uma punição, uma consequência, mas isso não quer dizer que não possam ser perdoados. Alias, é muito importante nós sabermos perdoar, porque todos nós cometemos erros. Até nós, adultos, fazemos coisas menos boas e, claro, recebemos consequências. Assim, como Deus nos perdoou, também nós devemos perdoar os outros quando não agem tão bem connosco”, Pastor. (N.C. nº 68).</p>	
--	---------------	--	--

	<p>Nesta manhã, iniciei o meu projeto de intervenção “Viagem ao Mundo Natural”.</p> <p>Com este projeto, a turma vai trabalhar muitas vezes em grupo. Como tal, optei por iniciar com a leitura de uma meditação sobre formigas (o tema a ser trabalhado) do mesmo livro utilizado nos períodos da Meditação que abordasse o trabalho cooperativo e de como as formigas eram mais fortes quando trabalhavam em equipa (N.C. nº 87).</p> <p>No decorrer da produção do Livro de Aventuras, dentro do projeto de intervenção, constatei que a turma apresenta algumas dificuldades no trabalho em grupo e os grupos começaram a ficar muito agitados e conflituosos.</p> <p>O grupo do R. foi o que mostrou melhor desempenho em grupo, começando menos bem no começo, mas terminando de uma forma excelente, onde todos contribuíram para a construção da página.</p> <p>No grupo do J., a L. não quis participar por não aceitarem as suas ideias.</p> <p>No grupo da D., apenas ela estava empenhada e envolvida na tarefa.</p> <p>No grupo da Sr., a M.B. e a A. conversavam entre si, enquanto o restante grupo contribuía na realização do seu trabalho.</p>	11
--	--	----

		<p>No final, congratulei o grupo do J. como tendo sido o grupo que melhor trabalhou em conjunto. Mostrei o trabalho realizado por eles e explique-lhes que eles só conseguiram elaborar uma página tão bonita devido ao esforço e dedicação que demonstrou todo o grupo (N.C. nº 97).</p> <p>No dia 8 de novembro, realizou-se uma auditoria Eco-Escolas. Iniciou-se com um pequeno questionário para todas as crianças da escola sobre os seus hábitos em casa (poupança de água, reciclagem...). De seguida, as crianças partilharam de que forma podias sensibilizar as famílias e a comunidade para a importância de cuidarmos do nosso planeta. O G.D. sugeriu que se fizessem panfletos para distribuir e esta ideia foi muito bem aceite para todos (N.C. nº 98).</p> <p>Hoje, celebrou-se os 200 anos da tradução portuguesa da bíblia completa pelo padre João Ferreira de Almeida. Para celebrar este acontecimento, foi distribuído uma bíblia nova a cada aluno, com o intuito de oferecer a algum amigo ou familiar que não tivesse.</p> <p>O T. partilhou a sua ideia com o Pastor e com o resto do colégio: “A minha bíblia esta um pouco dobrada. Eu vou ficar com esta e dou a minha antiga”.</p> <p>O Pastor respondeu de modo calmo e paciente explicando que “devemos de dar aos outros o melhor, tal como Jesus fez connosco. Não podemos dar aquilo que não nos interessa mais. Quando oferecemos algo a alguém devemos de ter o cuidado de não oferecer algo que esteja</p>	
--	--	--	--

		<p>estragado ou inutilizável”. O Pastor garantiu que poderia oferecer-lhe, posteriormente, uma nova bíblia, contudo aquelas eram para oferecer a outras pessoas. (N.C. nº 102).</p> <p>No decorrer do projeto de intervenção, li à turma o livro “A árvore generosa”. Durante a leitura, foi notório, pelas suas expressões faciais, de que compreenderam o que o livro narrava. A J. mostrou uma expressão de pena pela árvore; a P. demonstrou que não compreendeu o porquê de a árvore ter dado tudo dela mesma ao menino, ficando somente o toco; e o R. mostrou-se pensativo e cabisbaixo. Por meio de palavras e da sua expressão corporal a turma foi clara ao afirmar que sentiam não só pena desta árvore, mas apresentavam uma grande questão: “Porquê?”.</p> <p>Em grande grupo, debatemos sobre ambas as personagens – a árvore e o menino – e explorámos as suas características. Concluimos que a árvore tinha um grande amor pelo menino e oferecia tudo o que tinha, mesmo sabendo que não iria receber nada em troca. Por outro lado, verificamos que o menino, ao crescer, só ia ter com a árvore quando dela precisava e que nunca lhe fora grato.</p> <p>Perguntei à turma se nós também não tínhamos momentos em que erámos mais parecidos com o menino. Foi evidente que os alunos tiveram um momento de introspeção.</p> <p>Comparámos a estória com a narrativa bíblica, nomeadamente no que diz respeito à pessoa de Jesus. Em conjunto, concluimos que precisamos ser mais gratos uns aos outros e saber dar sem</p>	
--	--	--	--

	<p>esperar nada em troca; sermos mais parecidos com a nossa Árvore Generosa e com Jesus (N.C. 105).</p> <p>No recreio da manhã, o G.C. e o G.D. vieram conversar comigo acerca de uma discussão que estavam a ter. O G.D. queria brincar com o G.C., porém ele afirmava que este último nunca brincava com ele, estando sempre com o F. e o G. O G.C. contra-argumentava declarando que brincava com ele e que inclusive naquela manhã já tinha brincado com ele.</p> <p>Abordei com eles dois aspetos fundamentais: 1) que devemos brincar com todos e 2) que era normal gostarmos de brincar mais com alguns amigos do que com outros, sendo importante aprendermos a respeitarmos essas decisões (N.C. nº 106).</p> <p>Esta manhã, a PM. convidou-me para fazer a meditação. Escolhi uma meditação que falasse de caracóis, visto que era um tema que andava a ser do interesse de toda a escola.</p> <p>A meditação falava de como o caracol tinha a capacidade de ser flexível, mas simultaneamente firme. Ela fez o paralelo entre o caracol e o ser humano, abordando a importância de sermos flexíveis e/ou firmes consoante as situações que nos apresentam. Como exemplo, devemos ser firmes face à utilização de bebidas alcoólicas, que prejudicam a nossa saúde, mas podemos ser flexíveis e emprestar aquilo que é nosso (N.C. nº 109).</p>	
--	---	--

		<p>Este dia foi dedicado à ExpoKid, dinamizado pelo Pastor D., com o intuito de abordar com as crianças os oito remédios natural – descanso, temperança, ar, água, luz solar, confiança, alimentação saudável e exercício físico (N.C. nº 117).</p> <p>De modo a concluir a intervenção desta manhã, li o livro “Siete Ratonos Ciegos”. A turma mostrou-se ansiosa assim que observou o livro. Denota-se que existe um grande prazer na leitura e que, na sua maioria, a turma fica encantada com os livros. Em primeiro lugar, abordamos que todos nós somos diferentes e que, portanto, temos diferentes formas de ver o mundo. Em vez de discutirmos como fizeram os ratos na história, expliquei que devemos tentar ver aquilo que o outro vê para o compreender e respeitar as nossas diferenças e aquilo que vemos de diferente. Em segundo lugar, e tal como a narrativa denota, devemos ver o todo antes de fazermos juízos. Utilizei como exemplo, desta segunda situação, uma situação fictícia entre mim e a PM.</p> <p>Declarei que tinha ouvido a PM a dizer à Li.: “Sim, a Carina”. Eu, ouvindo esta frase, ficara chateada, pois acharia que a professora estaria a falar mal de mim à Li. Contudo, eu não tivera ouvido a conversa por inteiro, mas estaria já a fazer juízos de algo que eu não saberia. Como consequência, começara a tratar a PM de modo diferente, aspeto que ela teria reparado. No final, o desentendimento ficara esclarecido ao a PM ter vindo falar comigo a questionar o que se passaria. Caso a tivesse abordado logo no começo, evitar-se-iam discussões e mal-entendidos, por essa razão é fulcral sabermos o todo antes de fazermos juízos ou comentários</p>	
--	--	--	--

	<p>de algo que não sabemos. Ao interpretarmos de forma errada, podemos ser maldosos uns para os outros sem qualquer justificação. Assim, declarei que é importante conversarmos e observar os acontecimentos como um todo (N.C. nº 123).</p> <p>O G. explicou-me que, tal como tínhamos discutido na história dos “Siete Ratones Ciegos”, tinha resolvido a sua desavença com a P., que na verdade não passara mesmo de um mal-entendido. Reconfortou-me, claramente, ver como uma simples história pode mudar a mente das nossas crianças (N.C. nº 124).</p> <p>Antes de iniciar a atividade com as plasticinas, peguei em cada cor individualmente e perguntei ao grupo quem gostaria de utilizar aquela mesma cor.</p> <p>A N. questionou porque não poderia cada criança retirar as cores que gostaria de utilizar, à qual respondi que se houvessem duas ou mais crianças a querer a mesma cor teríamos que repartir igualmente. Enquanto brincavam, o R.B. perguntou à Jo. se esta lhe podia oferecer um pouco da plasticina verde para criar a sua melancia. A Jo. já tinha utilizado todo o verde que tinha para construir uma taça. Sem hesitar, a Jo. destruiu a sua taça verde e, com um palito, partiu metade da plasticina para dar ao R.B. e este agradeceu-lhe. Em nenhum momento a Jo. se demonstrou descontente em partilhar a sua plasticina.</p>	
--	---	--

		De seguida, a Jo. precisou de vermelho e questioneei o R.B., propositadamente, se lhe podia dar parte da sua plasticina. Seguindo o exemplo da Jo., o R.B. cortou, também com um palito, metade da sua plasticina para lhe oferecer e a J. também lhe agradeceu (N.C. nº 135).	
--	--	--	--

Nota. Tabela construída com base nas notas de campo recolhidas durante a PES do 1.º Ciclo em Ensino Básico

N.C. corresponde a “notas de campo” e o que está sublinhado a amarelo são os registos que demonstram a minha participação nos momentos de transmissão de valores e formação da personalidade.

Anexo G. Árvore categorial de análise das entrevistas

Legenda:

EPB: Excerto retirado da transcrição da entrevista à professora B.

EPM: Excerto retirado da transcrição da entrevista à professora M.

Tabela 6. Árvore categorial de análise das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Registo	Frequência
Caracterização da professora	Formação	Ensino Superior	- “concorri à faculdade, Piaget, e entrei logo na primeira tentativa para o 1.º Ciclo” (EPB). - “entrei... no politécnico, na Escola Superior de Educação João de Deus” (EPM).	2
	Experiência profissional		- “soube de uma vaga aqui em Setúbal, no Colégio AAAA de Setúbal” (EPB). - “Vim à entrevista a uma segunda, na terça à noite perguntaram-me se na quarta podia vir logo para baixo, porque quinta-feira tinha que começar a dar aulas” (EPB). - “trabalhei o meu primeiro ano letivo em Leiria, no Jardim-Escola João de Deus de Leiria” (EPM).	5

			<p>- “estive lá durante seis anos, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade! (EPM).</p> <p>- “Entretanto, surgiu a oportunidade de trabalhar em Setúbal” (EPM).</p>	
<p>Conceções gerais sobre formação da personalidade e a educação para os valores</p>	<p>Definição de formação da personalidade</p>	<p>Personalidade</p> <p>Carácter</p> <p>Hereditariedade</p> <p>Meio</p> <p>Formação da personalidade</p>	<p>- “Eu diferencio aquilo que é a nossa personalidade e a nossa... essência, normalmente eu utilizo a palavra essência que acaba por ser o nosso carácter.” (EPB).</p> <p>- “o nosso carácter é o que nós já trazemos desde berço (...) a personalidade é algo que pode ser formada segundo o meio, segundo os valores, segundo os princípios, segundo os modelos.” (EPB).</p> <p>- “que li já há algum tempo um psicólogo que dizia ‘dêem-me para as mãos uma criança e eu farei dela aquilo que eu quiser’” (EPB).</p> <p>- “Já sabemos que é nos primeiros anos que essa personalidade é formada e que se pode trabalhar futuramente. A nossa essência já não, é aquilo que nós somos e por isso é que nós, enquanto pessoas religiosas, sabemos que na nossa essência só o Espírito Santo é que trabalha.” (EPB).</p>	<p>8</p>

			<ul style="list-style-type: none"> - “A personalidade é aquilo que vamos construindo ao longo da vida” (EPM). - “Uma parte é aquilo que nós imitamos da nossa família” (EPM). - “a parte hereditária do nosso carácter, que é diferente, consoante aquilo que estamos a viver vai também mudando a nossa personalidade” (EPM). - “E depois as dificuldades da vida, e as alegrias, mas mais as dificuldades fazem-nos moldar ainda mais a nossa personalidade, de uma maneira ou de outra” (EPM). 	
	Definição de valor	Valores Valores morais	<ul style="list-style-type: none"> - “Valores morais para mim é aquilo que os pais transmitem em casa, a moral de casa, e sociais são aqueles que a sociedade nos transmite” (EPB). - “E sociais é aquilo que a sociedade tem para cada um e depois nós aí fazemos a escolha, não é?” (EPB). - “Eu posso estar no meio de pessoas a dizerem palavrões, mas o meu valor moral diz-me para eu não o fazer, mas o valor da sociedade está ali implícito” (EPB). 	8

			<p>- “os meus valores morais têm sempre que se sobrepor àqueles que são os valores sociais” (EPB).</p> <p>- “se a nossa personalidade estiver bem formada nos valores morais que os nossos pais nos deram, nós não vamos ser influenciados” (EPB).</p> <p>- “A própria palavra valor é alguma coisa que tem... é preciosa” (EPM).</p> <p>- “Os valores são algo precioso que não está visível, está dentro de nós. Podem erguer, construir, solidificar, ajudar a criar empatia... Portanto os valores morais são algo muito precioso à qual temos que ter em atenção e são muito importantes” (EPM).</p>	
	Relação entre a formação da personalidade e os valores	<p>Sim</p> <p>Personalidade</p> <p>Valores</p> <p>Interligação entre valores e</p>	<p>- “Sim, sim, sim” (EPB).</p> <p>- “À medida que a tua formação da personalidade vai sendo feita, vai sendo feita com os valores que te vão passando” (EPB).</p> <p>- “se os teus pais te dizem que quando alguém te dá alguma coisa tu tens que agradecer, dizer ‘obrigado’, vais ser uma pessoa grata. Ou se os teus pais te dizem que com uma pessoa idosa tu tens que ter algum cuidado ou se vais a correr e eles te advertem ‘tem cuidado com aquela pessoa idosa,</p>	7

		<p>formação da personalidade</p>	<p>porque a podes magoar’, sabes que futuramente o teu valor vai ser de cuidadora, OK? Vais ter esses valores implicitamente ligados à tua personalidade, vai fazer parte de ti e quando essas situações vêm tu vais fazer como algo que está implicitamente em ti” (EPB).</p> <p>- “para mim sem dúvida que a formação da personalidade está interligada aos valores” (EPB).</p> <p>- “Sim. Quer dizer, deveriam de estar. Eu posso formar a minha personalidade sem qualquer tipo de valor. Elas podem não estar ligadas entre si. Mas para que eu forme uma melhor personalidade tem que estar interligada com os valores morais, sociais” (EPM).</p> <p>- “Imitando um bocadinho aquilo que está à nossa volta e consoante o nosso carácter e formação intelectual nós vamos construindo... ou não, podemos optar por não fazer essa construção” (EPM).</p> <p>- “E consoante os valores que nos são transmitidos... dessa parte preciosa de saber agir com o outro, de respeitar, de ter empatia, de ser educado... Tudo isso são tijolinhos que vamos formando a nossa personalidade, se assim o quisermos” (EPM).</p>	
--	--	----------------------------------	--	--

	<p>Função da escola na formação da personalidade</p>	<p>Formação da personalidade</p> <p>Responsabilidade da escola</p> <p>Responsabilidade da família</p> <p>Criança</p>	<p>- “A formação da personalidade vem de casa (...) Tudo o resto, para mim, é uma ajuda que se possa dar nessa questão” (EPB).</p> <p>- “sei que tenho a responsabilidade de um exemplo que indiretamente vai ser uma espécie de educação que vou dar aos meus alunos” (EPB).</p> <p>- “Agora, nunca, jamais, em tempo algum, alguém pode responsabilizar outro daquilo que os pais não foram capazes de fazer” (EPB).</p> <p>- “a criança não vive apenas ligada aos pais, mas se pensarmos que os pais são o modelo, são o padrão de vida que aquela criança vai ter... então aí sim, os pais são os únicos responsáveis pela formação do carácter da criança, na personalidade neste caso” (EPB).</p> <p>- “a escola acaba por ajudar nessa questão da personalidade” (EPB).</p> <p>- “Com os períodos alongados cada vez mais nas escolas é normal que nós tenhamos uma responsabilidade acrescida, mas nunca tendo essa responsabilidade como um pai ou uma mãe tem. Claro que nós temos que ser uns ajudadores, mas não temos que ser os cuidadores dessa formação da personalidade” (EPB).</p>	<p>15</p>
--	--	--	---	-----------

			<p>- “Porque é assim, por mais que eu diga a um aluno ‘não fumes quando saíres daqui do 4.º ano’, se ele tem uma mãe ou um pai em casa que fume, ele automaticamente poderá, quase de certeza absoluta fumar” (EPB).</p> <p>- “primeira palavra que vai prevalecer é sempre a dos pais” (EPB).</p> <p>- “Tu até podes querer fazer, mas nunca nos podemos esquecer que eles têm uns pais por de trás, ou uns avós, não interessa, os cuidadores deles, os tutores, e eles [crianças] vão sempre fazer aquilo que eles [pais] mostram fazer no pouco tempo que têm” (EPB).</p> <p>- “Nós temos... não é a formação direta da personalidade, mas nós somos uns continuadores, digamos assim, daquilo que se faz em casa” (EPB).</p> <p>- “como vi uma vez num <i>cartoon</i> em que o menino dizia para a mãe ‘porque é que eu vou para a escola se o google diz mais a respostas do que a professora?’ (risos). É verdade... Hoje em dia o <i>google</i> pode saber mais do eu, mas a parte moral e social não é o <i>google</i> que dá” (EPM).</p> <p>- “A formação da personalidade é responsabilidade de toda a sociedade. Portanto de todos aqueles que envolvem a criança” (EPM).</p>	
--	--	--	---	--

			<p>- “Nós somos uma aldeia (...) . o ideal para a formação de um bom carácter é de toda a aldeia educar uma criança” (EPM).</p> <p>- “Eu tenho memória de uma vez, deveria ter menos de cinco anos, e atirei qualquer coisa para o chão e uma senhora que eu não conhecia de lado nenhum, virou-se para mim, arregalou os olhos e disse: ‘Menina, apanhe já aquilo. Não tem nada que sujar a rua’. Eu sei que eu fiz logo isso. Eu não conheço a senhora de lado nenhum, mas eu sei que fiquei com aquilo na memória gravada (risos) e nunca mais atirei nada para o chão” (EPM).</p> <p>- “não é só a família, embora tenha uma parte importante, mas todos nós temos lacunas, falta-nos alguma coisa. Se for uma aldeia a criar uma criança as lacunas vão ser compensadas uns pelos outros” (EPM).</p> <p>- “A família dá uma parte, a escola dá outra parte e a sociedade e todos aqueles que interagem com a criança têm que dar outra parte” (EPM).</p>	
	Função da escola na educação para os valores		<p>- “Porque nós aí os valores podemos passar e ajudamos a passar dando uma continuidade à formação da personalidade” (EPB).</p> <p>- “Claro que se eu estou a contar uma história a uma criança e o valor é, por exemplo, o da amizade, aí, sim, estamos a educar para os valores” (EPB).</p>	3

			- “Tem uma parte importantíssima, não pode ser substituída pela parte familiar, nem pode ser substituída pela sociedade” (EPM).	
Colégio	Educação para os valores		- “E o colégio é uma das coisas que tem, educa e tenta mostrar valores (...) porque nós também queremos que eles sejam um dia cidadãos do mundo como deve de ser” (EPB). - “tentamos direcioná-los pelo caminho” (EPB). - “eu fico muito orgulhosa de tomar parte dessa função” (EPM). - “Na educação AAAA nós achamos que a educação é um todo. A criança como um todo e, portanto, temos que educá-la em todos os sentidos, não apenas cognitivos, mas em termos físicos e espirituais” (EPM). - “Uma criança precisa de várias etapas e então educamos também para os valores” (EPM).	5
	Práticas: meditação matinal	Calma Sala de aula	- “é sempre bom coloca-las a pensar. Eu acho que a nossa sociedade de hoje em dia não coloca as crianças a pensar. Nós também temos alguma culpa, dentro das salas de aula, por vezes, como queremos logo as respostas	

		<p>Músicas</p> <p>História</p> <p>Sentimentos e emoções negativas???</p>	<p>imediatas às vezes somos nós que as damos ou então não lhes damos o tempo certo para eles se tornarem pensadores” (EPB).</p> <p>- “um dos motivos pelos quais eu sempre achei que era importante a meditação era para eles refletirem naquilo que eles estavam a ouvir” (EPB)</p> <p>- “outra coisa que nós sentimos é que eles ali conseguem ter um momento de sossego” (EPB).</p> <p>- “mas conheço realidades em que a criança já vem de casa com os gritos dos pais, com um ‘despacha-te’, se calhar com uma palmada, com visualização de televisão... Ou seja, é aquele momento ideal para eles estarem sentados em silêncio, a ouvirem, e depois irem com muito mais paz, se assim o possamos dizer, vão muito mais sossegados para dentro da sala de aula” (EPB).</p> <p>- “O cérebro deles desacelerou enquanto estávamos ali a fazer a meditação” (EPB).</p> <p>- “cantar faz bem à alma e sabemos todos disso” (EPB).</p>	<p>20</p>
--	--	--	--	-----------

			<p>- “faz-nos sempre sentir bem e a música está mais que comprovado que mexe aqui com os nossos químicos do cérebro e aliás pela alegria de cantar tu vias que eles gostavam” (EPB).</p> <p>- “E esses dois momentos unidos ao último momento, que é o da oração, penso que se sente uma passividade, não de estarem quietos e não lhes apetecer fazer nada, mas notória e muito notória, de como eles desaceleraram de todo o processo que lhes aconteceu em casa” (EPB).</p> <p>- “E há crianças que já vêm com meia dúzia de palmadas no lombo e isso agita-os logo... Ou o nervosismo de não ter a mãe ali. E o cantar transmite uma alegria (...) . o cantar faz sorrir” (EPB).</p> <p>- “com a meditação eles entram em silêncio depois para a sala” (EPM).</p> <p>- “Eles entram com o objetivo de se sentarem e ficarem calmos para fazer aquele momento de músicas de ouvir uma história e isso, para mim, é uma grande influência para quando passam para a sala de aula estarem muito mais calmos” (EPM).</p>	
--	--	--	--	--

			<ul style="list-style-type: none"> - “Há, também, um momento de partilha em que eles partilham um bocadinho do dia-a-dia, então descarregam algum tipo de frustração ou alguma outra coisa que possam ter” (EPM). - “aquela meia hora, que pode parecer gasta em formação pessoal e cívica, mas para mim é meia hora muito valiosa” (EPM). - “É ali um momento de terapia logo no início do dia” (EPM). - “Conversamos um bocadinho e muitas das vezes as crianças que possam estar angustiadas com alguma coisa, algum problema, mesmo que a história não tenha nada a ver com a situação que eles estão a viver, elas sentem-se à vontade para poder partilhar, naquela altura, as suas ansiedades” (EPM). - “É nesta altura em que eles podem partilhar e acabamos por fazer um pouco de terapia e eles sentem que pertencem a um grupo” (EPM). - “O facto de fazermos ali a meditação e sentir que se pertence a um grupo é muito importante, hoje em dia. Eles não são mais um, são um grupo em que estamos ali em conjunto, cantamos em conjunto e lemos uma história que nos vai beneficiar a todos” (EPM). 	
--	--	--	--	--

			<p>- “Muitas vezes damos exemplos pessoais para que eles percebam que nós também passamos por dificuldades que eles passam ou que irão ainda passar” (EPM).</p> <p>- “Fisicamente... Não é um arranque abrupto, mas mais calmo que ajuda a iniciar o dia” (EPM).</p> <p>- “Só tem coisas a beneficiar” (EPM).</p>	
	Outras práticas	Aulas de Bíblia	<p>- “Temos a oferta curricular... as aulas de bíblia, as histórias que são contadas também ajudam as crianças a refletir, a perceberem que por detrás de cada história bíblica há um valor” (EPB).</p> <p>- “o facto de, por exemplo, orarem antes das refeições... vão ter sempre o valor de serem gratos(...) . acho que hoje em dia somos muito pouco gratos e esse poderá ser um valor bastante importante” (EPB).</p> <p>- “Temos várias questões que ajudam as crianças a terem valores que lhes poderão ser muito úteis no futuro” (EPB).</p>	

			<ul style="list-style-type: none"> - “Não há um afastamento só porque a criança é diferente ou tem um comportamento diferente e tentamos enquadrá-la no meio e são os valores sem dúvida” (EPB). - “eu posso dizer muitas palavras bonitas, mas se eu agir de maneira contrária aquilo que eu estou a dizer... esquece!” (EPM). - “aquilo que eu digo tem que coincidir com aquilo que eu faço” (EPM). - “Tentamos promover ajudas sociais” (EPM). - “Muitas vezes colaboramos com as ONG’s para poder ajudar na recolha de várias coisas, como cobertores para os sem-abrigos ou alimentos para os animais” (EPM). - “tentamos colaborar em termos sociais para que as crianças tenham empatia e solidariedade para com o próximo” (EPM). - “Também temos como oferta da escola as aulas de bíblia, onde as crianças aprofundam um pouco mais sobre o estudo da bíblia e apesar da maior parte das crianças não ser AAAA, grande parte é cristã de várias denominações 	12
--	--	--	--	----

			<p>e não há ali nenhuma transmissão de doutrinas, mas há transmissão dos valores que a bíblia nos ensina” (EPM).</p> <p>- “Às vezes não são coisas muito planeadas, mas tem que estar intrínseco naquilo que fazemos no dia-a-dia” (EPM).</p> <p>- “o acaso também é muito importante nós o aproveitarmos” (EPM).</p>	
	Os valores espirituais na influência na formação da personalidade		<p>- “todas as crianças precisam de ter valores espirituais, independentemente da religião” (EPB).</p> <p>- “o facto de nós acreditarmos em algo superior a nós vai fazer toda a diferença na nossa vida” (EPB).</p> <p>- “o facto de as pessoas terem crenças espirituais faz a diferença em meio, por exemplo, a uma doença, quanto mais na personalidade, na formação da personalidade” (EPB).</p> <p>- “Eu não tenho qualquer dúvida de que toda a criança que cresça com valores espirituais, vai ter uma forma de estar perante a sociedade, perante a vida, perante o mundo, perante aquilo que a rodeia completamente diferente” (EPB).</p>	10

			<p>- “Todos nós temos instintos menos bons dentro de nós e na formação da personalidade ao termos a questão espiritual, percebermos de termos Alguém, que independentemente de tudo o que temos na Terra, se preocupa conosco e com a nossa pessoa, única e individual” (EPB).</p> <p>- “Os valores espirituais que vêm dessa idade tão pequenina fazem toda a diferença na nossa vida (...) . Solidariedade, amizade, benignidade, de amor para com os outros, sem dúvida que isso vai fazer toda a diferença” (EPB).</p> <p>- “Elas começam a pensar de uma maneira muito menos egoísta e hoje em dia as pessoas estão muito egoístas(...) é muito fácil nós sermos egoístas, mas os valores espirituais ajuda-nos a ver o que está além disso” (EPM).</p> <p>- “quando nós estamos muito centrados nos nossos problemas, mas aprendemos a descentralizar, não nos preocupamos tanto com as coisas más que nos acontecem” (EPM).</p> <p>- “os valores espirituais ajuda-nos muito no domínio próprio, no saber esperar, na empatia...” (EPM).</p> <p>- “por exemplo, a criança senta-se à mesa e não começa logo a comer. Ela espera que todos se sentem e ela agradece os alimentos que estão ali à</p>	
--	--	--	--	--

			frente. Isto vai ajudá-la no domínio próprio e na gratidão, que são valores espirituais. Estamos a agradecer o que temos, pode não ser muito, mas é bom, e estamos a saber esperar. Tudo isso influencia a personalidade.” (EPM).	
	Educação cristã		<p>- “uma educação espiritual é sempre importante. Vão sempre acreditar que há algo superior a eles e aos pais, que mesmo que um dia os pais falhem eles têm um Ser que está sempre disposto” (EPB).</p> <p>- “Quando a educação cristã é bem dada é uma mais valia, sim” (EPM).</p> <p>- “Todos nós temos defeitos, mas quando tentamos dar de coração e vemos isto como uma missão é uma mais valia” (EPM).</p> <p>- “As crianças sentem-se mais amadas, protegidas, sente que fazem parte de um grupo, com um propósito muito maior que elas... elas sentem-se importantes, sentem-se valorizadas... sentem que podem fazer a diferença na vida dos outros... percebem que as dificuldades delas não são nada em relação às dificuldades de outros; conseguem ultrapassar todas as dificuldades que tiverem quer em termos escolares ou outros, com a ajuda de uma comunidade que as apoia... crescem, ultrapassam, sentem que são apoiadas nas dificuldades e não as deitamos mais abaixo (...) espera-se por</p>	5

			<p>elas quando é necessário, arranjam-se estratégias para ultrapassar as dificuldades” (EPM).</p> <p>- “elas sentem que valem alguma coisa e aos elas sentirem que valem alguma coisa elas aprendem a transmitir esses valores aos outros” (EPM).</p>	
	Exemplos de crianças beneficiadas	<p>G.C.</p> <p>Envolvimento das forças de segurança pública</p> <p>Agressões físicas e verbais</p> <p>Alterações de comportamento</p>	<p>- “E foi para lá porquê? Para tentar mudar o comportamento dele” (EPB).</p> <p>- “Por exemplo, o G.C. é uma criança que... cada uma de nós desenvolveu uma forma de estar com ele e ele reage de maneira diferente a cada uma das pessoas(...) . o comportamento dele melhorou muito, porque eu acredito que ele, numa escola oficial... se ele já antes de ir para o colégio tinha a polícia lá à porta e ele até à polícia se virava, por isso... o comportamento dele não tem nada a ver, embora por vezes ele queira se sobrepor (...) . Foi ter levado um murro na cara do G.C. e me ter arranhado os braços todos (...) Os tais valores que deviam ter sido dados em casa não foram. Estão distorcidos(...) . ele já no jardim-de-infância dizia à P. que ia levar a metralhadora e ia matar toda a gente no EEEE (...) Dizia que ia matar toda a gente, que ia destruir toda a gente... aquilo são mesmo valores invertidos (...) Para mim, o G.C. é uma criança que vai ter uma psicose quando for crescido (...) Deus queira que eu me engane (...) . Ele pode alterar a</p>	8

			<p>personalidade, mas a essência dele não, está lá. A não ser que haja uma boa terapia nele e nos pais que o ajudem realmente a direcionar o caminho dele para outro sítio e perceber que na vida vai ter muitos “nãos”. Vai ter que perceber que na sociedade ele não se vai poder passar cada vez que lhe apetece, porque é isso que ele não percebe. Não é dizer “faz uns exercícios de respiração e autocontrolo” que o vai ajudar a controlar... Não, de todo. Está demasiado no inconsciente dele. Não é normal que um aluno se virar para ti, como ele se virava o ano passado para mim a dizer que me ia matar e cortar às tiras...” (EPB).</p> <p>- “há uns onze anos atrás tínhamos o T. que bateu em todas... a Li. chegou a partir saltos altos e a rasgar saias... chegámos a ir a uma visita de estudo em que eram quatro homens a segurá-lo e não tinham força para coloca-lo no autocarro... veio a dormir debaixo dos bancos do autocarro... depois de conversarmos com ele e termos atitudes bastante assertivas, ele hoje é bastante diferente da criança que foi” (EPB).</p> <p>- “a forma de como eles se comportam quando saem da escola, em visitas de estudo, por exemplo, não são alunos perfeitos não, mas temos o orgulho</p>	
--	--	--	--	--

			<p>de já termos ouvido muitas vezes a dizer que são crianças que sabem estar, que sabem ser e sabem fazer o que é pedido e dito” (EPB).</p> <p>- “tínhamos um aluno que era o Ru. que era um aluno muito problemático. Ele não mudou da noite para o dia e ele ainda tem ali alguns problemas, mas ele tem um coração muito nobre. Mudou muito quando estava lá. Ele tinha problemas de domínio próprio... problemas de abandono do pai, revolta interior, agressividade (...) . Qualquer coisa ele explodia e ainda hoje falávamos dele” (EPM).</p> <p>- “Ainda há dois anos, uma criança estava noutra escola em que tiveram que chamar a escola segura, porque ele batia em todos e mais alguns... essa criança também não está nenhum anjo hoje em dia... que é o G.C., tu conheces, mas ele sente-se amado naquela escola e por mim e isso influência o seu comportamento. Já consegue ter mais domínio próprio apesar de ainda estar muito longo do ideal, mas também está muito longe daquilo que ele era. Isto é um caminho e nós temos que ver o copo meio cheio e não meio vazio” (EPM).</p> <p>- “temos em termo sociais, estou a recordar-me agora do C. que teve muitas dificuldades, porque ele veio do Brasil e era uma criança muito tímida,</p>	
--	--	--	--	--

		<p>muito introvertida. Deu-se muito mal no primeiro ano que cá esteve, no caso da linguagem, por exemplo, que apesar de ser a mesma há muitos termos muito diferentes. E este ano ele teve segurança para colocar as suas dúvidas e a mãe estava muito agradecida no final do ano, porque ele sentiu-se, lá está, parte do grupo, que estamos lá todos para ajudá-lo e ele então consegue desabrochar e teve uma evolução, em termos sociais, muito grande. Ele não brincava com ninguém, estava sozinho num canto no recreio da outra escola e agora tem amigos, brinca e é uma criança bastante sociável e consegue já partilhar a sua parte emocional” (EPM).</p> <p>- “A mãe um dia disse-me que ele teve um professor escolhido a dedo. Portanto ele foi para uma escola específica e para aquele professor (...) . E mesmo assim as coisas não resultaram, porque realmente o R. não é uma criança fácil de se lidar. Apesar de estar medicado, a medicação ajuda, mas não faz milagres... e, pronto, o domínio próprio do R. ... o não interferir tanto com os colegas, porque ele está sempre a tocá-los e a aborrecê-los. E a mãe também dizia que tinha sido uma grande diferença e disse que sentia segurança em deixá-lo aqui, porque sabia que ia ser bem tratado e que ia ficar bem” (EPM).</p>	
--	--	---	--

	Resolução de conflitos	Autonomia da criança na resolução de conflitos	<p>- “Como eles já não estão, embora sejam crianças por vezes imaturas, eles já não estão naquela fase tão egocêntrica” (EPB).</p> <p>- “nós também tentamos que eles percebam que nem sempre a forma como eles querem resolver os conflitos, como eles veem na televisão e nos jogos de computador, é a mais indicada” (EPB).</p> <p>- “eles conseguem negociar... perceber que há certas formas de resolverem as briguinhas deles (...) Alguns melhores que outros. Há uns que têm mais receios, outros que são mais inseguros, mas eles naturalmente conseguem” (EPB).</p> <p>- “Quando não conseguem, procuram ajuda ou então tornam-se crianças, como eu costumo dizer, queixinhas que se estão sempre a queixar por tudo e por nada. Lá está, nisso aí já não têm qualquer autonomia, porque têm sempre alguém que gere os conflitos por eles” (EPB).</p> <p>- “Acho que é muito importante eles resolverem os conflitos entre eles, nós temos que ser só os mediadores” (EPM).</p>	11
--	------------------------	--	---	----

			<p>- “A mãe da D. disse uma vez uma frase de que eu gostei muito (...) . ‘você são crianças; isso é um problema de crianças, então vão resolver as duas crianças. Resolvam que vocês são capazes’” (EPM).</p> <p>- “Temos de ser mediadores, dar ferramentas para eles resolverem, mas eles também têm que ser autônomos, porque nós não vamos lá estar sempre para resolver os problemas deles. Têm que ser eles a resolverem e a tentar perceber como resolver” (EPM).</p> <p>- “Ferramentas criativas. Muitas vezes é só ‘desculpa’. Não, não! Não é só desculpa e virar as costas. Dar ferramentas, como por exemplo, ‘falaste mal dele, agora vais escrever uma carta a falar bem dele’ ou então ‘vais passar o recreio a brincar só com esse colega ou juntinho a ele’” (EPM).</p> <p>- “Eu lembro-me de uma vez duas meninas que estavam sempre a zangar-se uma com a outra e, isto foi antes da pandemia (risos) ficaram dez minutos abraçadas uma à outra e depois elas ficaram logo muito amigas. Quem é que não gosta de um abraço? (risos)” (EPM).</p>	
--	--	--	--	--

			- “Em relação aos meus alunos de quando comecei a dar aulas, não sinto que as crianças sejam mais autónomas(...) Agora eu penso que podem levar estas ferramentas para a vida, em termos de autonomia” (EPM).	
Os pais	O que os EE procuram	Transmissão de valores	<p>- “Eles procuram isso mesmo: uma educação diferente baseada em valores” (EPB).</p> <p>- “Coisas que eles não sentem fora do colégio e por isso é que temos muitas vezes crianças que chegam, porque os seus pais ouvem falar que o filho de um amigo tinha, por exemplo, problemas de integração com outras crianças, e ali no colégio, por ser pequenino também, obviamente, nós fazemos a integração das crianças” (EPB).</p> <p>- “os pais não procuram a religião; os pais procuram os valores que a religião transmite. Naquilo em que eles se podem tornar e em que nós podemos ajudar” (EPB).</p> <p>- “Há muitas pessoas que acham que nós por sermos Colégio AAAA de Setúbal que só existem BBBB lá, não. Só temos 1% e às vezes nem a 1% chega. Por isso, os pais que os colocam lá já sabem para aquilo que vão” (EPB).</p>	8

			<p>- “Temos muitos casos em que os pais nos procuram... às vezes na brincadeira digo que acham que ali há autocorreção... e de certa forma há” (EPB).</p> <p>- “Tranquilidade” (EPM).</p> <p>- “Que vamos fazer os possíveis para lhes poder dar a melhor educação académica e ao mesmo tempo que transmitimos bons valores para formar uma personalidade” (EPM).</p> <p>- “Eles querem sentir que os seus filhos vão ser amados e bem cuidados e querem uma equipa para ajudar a construir a personalidade das crianças” (EPM).</p>	
	<i>Feedback</i> dos EE	Respeito pelos pais	<p>- “temos pais que dizem que notam que nós inculcamos formas de eles estarem” (EPB).</p> <p>- “E isso tu vês quando eles dizem assim: ‘ah quando ele se porta menos bem eu digo-lhe que ligo à Bé. e eles mudam logo o comportamento’ (risos). Eu digo na brincadeira: ‘Olha eu não sou a bruxa má, está bem? Vocês têm que impor a vossa própria autoridade, não é?’” (EPB).</p>	6

		<p>- “Até pelos comportamentos que eles têm perante as outras pessoas... O ajudarem alguém... O ajudarem os pais, quando dizemos que eles em casa também têm que ajudar os pais” (EPB).</p> <p>- “Recordo-me da gratidão à hora das refeições. Isto é algo praticamente automática à refeição o agradecer pelo que têm” (EPM).</p> <p>- “O respeito pelos pais, tento focar muito nisso” (EPM).</p> <p>- “Lembro-me de uma criança, no ano passado, em que os pais relataram, que ela começou a fazer bolos para vender aos vizinhos para poder angariar dinheiro para dar aos mais necessitados e depois não ficou por aí. Ela gostou, também era uma criança bastante sociável, e continuou a fazer assim alguns trabalhos para beneficiar os que mais precisam” (EPM).</p>	
	Influência nas famílias	<p>- “Por exemplo, a questão de eles orarem à refeição. Eles chegam a casa e querem fazer à refeição também e os pais não dizem que não. Às vezes tenho pais que dizem que à hora de jantar que antes de comer todos têm que orar, porque, lá está, trazem isso do colégio. Eles acham que isso é importante, é importante ser grato pelo que se tem, e os pais aceitam” (EPB).</p>	

		<ul style="list-style-type: none"> - “nunca tivemos reclamações por nada do que foi dito em relação àquilo que lhe passamos” (EPB). - “alguns [pais] até acabam por os levar à CCCC ou aos DDDD, porque acham interessante ou porque aconselhamos para determinado tipo de comportamento... os DDDD seria bom para implementar regras e formas de estar” (EPB). - “Acima de tudo é também, enquanto agente educativo, ter a noção que também podemos fazer a diferença na vida de alguns pais” (EPB). - “Portanto há algo, ou qualquer coisa que ela faça em casa, que faz aquela mãe ficar curiosa” (EPB). - “A certa altura teve [uma mãe] um cancro e ela reconhece que as nossas orações por ela era a ajuda de que ela precisava” (EPB). - “Marcamos sem dúvida diferença na vida de muitos pais” (EPB). - “Já tivemos também pais que faleceram e... pronto algum conforto e algum consolo pudemos dar” (EPB). 	8
--	--	---	---

As docentes	Atuação na sala de aula	Leituras	<p>- “Lá está através das leituras dos textos das histórias que se contam, dos exemplos do dia-a-dia que nós vamos dando” (EPB).</p> <p>- “Situações que ocorrem connosco ou que ocorreram connosco quando tínhamos a idade deles. E eles percebem que, embora sejamos adultos, e possamos, e digo mais eu, com um ar mais austero, que fui criança e que também saltei para cima de possas de água... e isso faz parte... para muitas vezes eles não sentirem que... faz parte de determinadas situações e levam à formação dessa sua personalidade” (EPB).</p> <p>- “Há sempre uma parte humana imprescindível que, como educadora, eu dê à criança” (EPM).</p> <p>- “Olha, eu acho que posso sempre fazer mais” (EPM).</p> <p>- “eu gosto muito de ser professora, porque eu chego do final de um ano e consigo fazer uma avaliação e tentar manter o que está bom, o que fiz de bem, e melhorar o que fiz de mal. Eu acho que sim, que contribuo para a formação de uma personalidade estável e duradoura” (EPM).</p>	10
-------------	-------------------------	----------	---	----

			<p>- “é assim eu não estou sempre com eles eu fico sempre (suspiro)... fico sempre preocupada com o que vai acontecer a seguir. Eu coloco ali uma semente e tento cuidar bem da semente” (EPM).</p> <p>- “há sempre coisas que são planificadas que eu faço de propósito para eles entenderem, mas muitas coisas surgem com os problemas do dia-a-dia” (EPM).</p> <p>- “Por exemplo, quando fazemos leituras e eu já conheço o texto e sei o que podemos retirar desse texto, o que podemos falar” (EPM).</p> <p>- “Portanto há muitas coisas planificadas e outras que não, e às vezes as melhores são as que não o são... espero contribuir... é uma sementinha só que fica lá. Eu só estou com eles... poucos anos, mas eles sabem que podem sempre voltar. Estou sempre disposta a que eles possam pedir ajuda. Mas realmente é uma coisa em que fico sempre... ‘o que é que eu podia ter feito mais’ e ‘o que é que eu posso fazer mais’” (EPM).</p> <p>- “Também nos cabe a nós, professoras, poder gerir e identificar logo as crianças que estão a chegar que estão bem ou outras que estão um</p>	
--	--	--	--	--

			bocadinho mais tensas ou nervosas, e podemos logo resolver ali alguns possíveis conflitos” (EPM).	
	Comparação com outras instituições		<p>- “senti uma grande diferença nos comportamentos das crianças entre Lisboa e Setúbal. Vi uma grande diferença em vários aspetos (...) . Diferenças de boa educação, de cumprimentar as pessoas e a maneira como se cumprimentar... não é um ‘bom dia’ frio, é um ‘bom dia’ afável, feliz de nos ver” (EPM).</p> <p>- “Gostam do nosso desempenho, gostam daquilo que estamos a transmitir... muito interessados no que eu dizia... e regra geral boa educação e outros valores: saber respeitar o outro, ficar em silêncio quando é para ficar... vê-se logo uma grande diferença nesse aspeto” (EPM).</p> <p>- “A diferença entre o Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, um colégio muito maior com quatrocentas e tal crianças e isso também influência, para um colégio muito mais pequenino” (EPM).</p> <p>- “Por exemplo, o início de aulas como nós temos com a meditação eles entram em silêncio depois para a sala. Era um entrar mais calmo do que muitas vezes nos outros sítios por onde passei que já era, muitas das vezes um entrar muito agressivo, zangado. Depois tinha eu, como professora,</p>	8

			<p>tentar fazer alguma atividade para poder acalmá-los antes de começar a dar aulas” (EPM).</p> <p>- “Sente-se um ambiente muito mais calmo” (EPM).</p> <p>- “O facto de ser um colégio pequenino, com menos crianças, ajuda” (EPM).</p> <p>- “Vejo que os pequenos grupos funcionam melhor, mesmo heterogéneos, eles muito mais facilmente beneficiam e têm empatia uns pelos outros” (EPM).</p>	
	<p>Comparação entre as crianças de diferentes anos</p>		<p>- “Sim, as crianças de outrora não têm nada a ver com aquilo que são agora” (EPB).</p> <p>- “Mas tudo tem a ver com a questão da sociedade. A sociedade cada vez acelera mais, os pais cada vez têm que trabalhar mais... há pais que trabalham para sobreviver, há pais que trabalham para ter mais que os vizinhos(...) e as crianças ficam sempre para trás” (EPB).</p> <p>- “Existe uma série de fatores nos dias de hoje que não existiam há uns anos atrás. As pessoas eram mais tolerantes, mais resilientes... as crianças hoje em dia não sabem lidar com a frustração, porque há uma compensação em</p>	

			<p>casa: ‘não faças isto, porque te podes magoar eu faço’ e ‘eu dou-te isto para compensar o tempo que faltou’... eu entendo que não é fácil” (EPB).</p> <p>- “Às vezes as pessoas não percebem que as crianças não querem horas de atenção. Um pai e uma mãe se fizerem a experiência de chegarem a casa, arrumar as tralhas e darem meia hora de atenção, já estão a encher o depósito do amor, do afeto, do carinho que as crianças esvaziaram ao longo do dia(...) E é em casa que elas têm de descomprimir. E essa descompressão dá-se lentamente com carinho, atenção, afeto” (EPB).</p> <p>- “por isso é que cada vez há menos filhos. Cada vez mais a sociedade tem consciência de que cada vez mais há menos tempo para eles... e ainda bem que assim o é” (EPB).</p> <p>- “A própria sociedade, hoje em dia, não está a fazer seres pensadores, mas seres com... um pensamento acelerado, a meu ver” (EPB).</p> <p>- “Nunca te esqueças: qual o motivo pela qual as pessoas são o que são. E nas crianças é exatamente a mesma coisa. Eu costumo dizer que as crianças só se portam mal por dois motivos: ou porque são mal-educadas ou porque</p>	7
--	--	--	--	---

			<p>estão a chamar a atenção... eu não vejo nenhum motivo, para além destes dois pelas quais as crianças se portam mal” (EPB).</p> <p>- “Falta de concentração, egocentrismo, e falta de autonomia... É o que eu sinto mais de diferença de há dezassete anos para cá” (EPM).</p>	
	Reflexão sobre a prática	<p>Educação exterior no</p> <p>Impossibilidade de autonomia no ensino total</p>	<p>- “O meu ideal de prática curricular é numa escola com um grande campo, um grande jardim... não existiriam manuais escolares” (EPB).</p> <p>- “E eles iriam aprender pela reflexão (...) O refletir sobre o porquê de a flor desabrochar daquela maneira, o porquê do céu ter várias cores ao final do dia e... claro que isso iria induzir nas aprendizagens devidas(...) Seria uma utopia quando eles saíssem dessa escola iriam para uma escola dita normal” (EPB).</p> <p>- “E isso também uma das coisas que me tem desagradado... A prática de ensino que somos obrigados a ter nas escolas. Ou segues a norma ou então mais vale saíres. Porque esforçaste para seguir uma norma diferente, mas não tens uma sociedade pronta para essa norma diferente” (EPB).</p> <p>- “E eles iriam aprender segundo as suas capacidades” (EPB).</p>	9

			<p>- “Ter estruturado o que seira necessário ao fim desses quatro anos; o que é que eles precisariam em termos práticos para a sua vida” (EPB).</p> <p>- “iria induzir os meus alunos sempre na parte onde eles pudessem empreender um dia mais tarde. E o empreender não te ensinam na escola com os livros à tua frente e estares ali sempre a debitar matéria aos teus alunos” (EPB).</p> <p>- “mudaria muito na minha prática e tenho a certeza de que eles iriam construir uma personalidade muito mais forte, muito mais bonita, assim, na prática da teórica que nós temos” (EPB).</p> <p>- “Há sempre coisas a mudar” (EPM).</p> <p>- “Eu vejo que quando as crianças estão no meio da natureza estão muito mais calmas. Se estivesse na minha mão (risos), se eu pudesse, ia ser muito bom que elas pudessem passar mais tempo fora destas paredes. Terem mais espaço era algo que ia ajudar muito na construção da personalidade. Calma... ia ser muito mais calma a dar as coisas. Não dar as coisas à pressa, porque muitas vezes, infelizmente... nós temos metas a cumprir(...) E como temos metas a cumprir muitas das vezes vamos a correr e as crianças precisavam dali de um outro compasso de aprendizagem mais <i>slow living</i>.</p>	
--	--	--	--	--

			Fazer as coisas com mais calma, de uma maneira mais lúdica, fora de paredes acho que ia ajudar muito. Agora, se é possível... às vezes não é” (EPM).	
--	--	--	--	--

Anexo H. Árvore categorial de análise dos questionários aos E.E.

Legenda:

EIX: Excerto retirado do questionário ao inquirido X (número do inquirido).

AAAA: Nome da OS

BBBB: Denominação religiosa

Tabela 7. Árvore categorial de análise dos questionários aos E.E.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Registo
Conceito de Personalidade	Definição de Personalidade (Questão C1)	Características Carácter Desenvolvimento temporal da criança Personalidade Valores Modo de pensar, agir e sentir	“Conjunto de características de cada indivíduo, formada através de modo de estar e agir em sociedade” (EI1). “Entendo por personalidade os traços de carácter que nos definem como indivíduos. Valores, virtudes, defeitos,(...)” (EI2). “A personalidade é um conceito abstrato denominado por traços, uns mais dominantes que outros, que inicia o desenvolvimento durante o crescimento da criança, onde nessa altura é denominado de temperamento. Com o crescimento da criança, fatores ambientais, familiares e sociais vai levar ao aprofundamento desse temperamento, enraizando os traços e desenvolvendo assim uma personalidade” (EI3).

		<p>Traços</p> <p>Hereditariedade</p> <p>Processo de imitação</p> <p>Escola</p> <p>Família</p> <p>Sociedade</p> <p>Vivências</p>	<p>“A personalidade é o carácter formado de cada ser humano, é o que define cada um de nós. Inicia o seu desenvolvimento ainda com meses de vida e vai se formando à medida das experiências vivenciadas por esse ser humano e que no culminar do amadurecimento aquando adulto terá já uma personalidade bem definida” (EI4).</p> <p>“Forma de pensar e agir de cada pessoa, pode forma-se [<i>sic</i>] com a educação” (EI5).</p> <p>“É um conjunto de reações emocionais que se vão desenvolvendo ao longo da infância” (EI6).</p> <p>“A personalidade, vem da educação e dos valores que lhe são ensinados” (EI7).</p> <p>“Formação e maneira de ser” (EI8).</p> <p>“As características mudam completamente de uma pessoa para a outra e são elas que definem a personalidade de cada um de nós. As diferentes personalidades dentro de uma mesma família, a infância pode influenciar [<i>sic</i>] a formação de cada filho” (EI9).</p>
--	--	---	--

			<p>“É um conjunto de características psicológicas que definem a forma de um indivíduo agir, de pensar, de sentir e de se relacionar com os outros e com o meio envolvente.</p> <p>A mesma é formada gradualmente ao longo do nosso crescimento de acordo com as experiências e estímulos que o indivíduo vai tendo ao longo do seu percurso” (EI10).</p> <p>“É o que somos, forma-se de acordo com os valores que nos são ensinados” (EI11).</p> <p>“Personalidade é o conjunto de características de cada pessoa e se forma através da educação que recebeu e experiências vivenciadas” (EI12).</p> <p>“Personalidade ‘caráter próprio de uma pessoa’ Ela se forma dos 6 aos 12 anos, por isso é muito importante ambos ajudarem nessa formação família e escola.” (EI13).</p> <p>“A personalidade genérica do indivíduo é o conjunto de valores adquiridos socialmente que determinam o modo de pensar, agir e estar do mesmo, sendo única, respeitante a cada indivíduo, a qual se forma com o crescimento do indivíduo, em várias etapas da vida. É de notar que dentro da personalidade,</p>
--	--	--	---

			<p>genericamente analisada, existem vertentes que são adquiridas com a idade, quando se trata de personalidade jurídica, capacidade de gozo e capacidade de exercício, dos direitos e deveres do indivíduo” (EI14).</p> <p>“A personalidade são [sic] características próprias de cada ser humano, o que nos torna especiais e únicos. Os primeiros traços da personalidade de um ser humano são formados logo na primeira infância sendo depois moldados pelo ambiente que rodeia a criança e pela educação” (EI15).</p> <p>“Acredito que a personalidade é formada com base na vivência, experiência e valores que são passados a criança” (EI16).</p> <p>“A personalidade é o que caracteriza cada pessoa e a diferencia das outras. A personalidade forma-se na relação com os outros com a ajuda dos valores passados pela família e a escola” (EI17).</p> <p>“A personalidade forma-se pelos princípios e educação que se da às crianças, embora existam características que nascem connosco, por isso se diz estes irmãos tiveram a mesma educação mas são muito diferentes.</p> <p>Para mim a personalidade rege-se pela forma de pensar, sentir e agir. A forma de pensar e agir pode ser modificada pela educação que nós damos em casa e pelos</p>
--	--	--	---

			<p>princípios que são ensinados na escola mas os sentimentos são individuais e diferentes” (EI18).</p> <p>“São características psicológicas individuais de cada pessoa” (EI19).</p> <p>“Personalidade- modo de pensar e agir de cada indivíduo. Forma-se desde o nascimento, a partir do exemplo e da observação que fazemos dos outros. Também tem a ver com a genética de cada um” (EI20).</p> <p>“Personalidade é a maneira de ser de cada pessoa (carácter) e forma-se sobretudo pelo exemplo que recebe de pais, professores e outros adultos de referência” (EI21).</p> <p>“Caráter e valores que se manifestam nos relacionamentos. Forma-se desde o nascimento, nos ensinamentos da família e da escola” (EI22).</p> <p>“Provavelmente podemos dividir a criação e origem da personalidade em diferentes factores [<i>sic</i>]: meio em redor, educação e exemplo da família directa [<i>sic</i>] e a própria natureza da criança” (EI23).</p>
	Relação entre formação da personalidade e a	Sim	“Sim, considero que estejam interligados embora a formação de valores possa ser trabalhada pelos pais ou educadores” (EI1).

	<p>educação para os valores</p> <p>(Questão C4)</p>	<p>Forma de agir e pensar</p> <p>Complementaridade</p> <p>Formação social</p> <p>Comportamento</p> <p>Valores</p> <p>Formação da personalidade</p>	<p>“Sim, porque complementam-se” (EI2).</p> <p>“Durante o desenho [<i>sic</i>] da criança, está irá ser exposta a diferentes estímulos e diferentes situações que iram fazer com que ela tome as suas ações, sendo que estás seriam baseadas nos seus valores. Contudo os valores são crenças que nos passamos de geração em geração (familiares) que têm um grande peso na formação da personagem [<i>sic</i>], sim” (EI3).</p> <p>“Sim, sem dúvida. Porque os valores tal como a palavra o refere estabelece regras, e critérios que são extremamente importantes para regular um bom desenvolvimento quer das crianças, ou jovens adolescentes. O cumprimento de valores correto irá moldar também a personalidade pois jamais uma pessoa com valores poderia por exemplo ser arrogante, visto que os valores corretos incluem humildade, solidariedade, e muitos outros mais que deveriam fazer parte do nosso quotidiano e da nossa sociedade” (EI4).</p> <p>“Sim pois relaciona-se com a forma de pensar e agir de cada pessoa” (EI5).</p> <p>“Personalidade e valores tem a ver com a formação e carácter da pessoa. Se em determinadas situações, tem um comportamento de boas ou más acções [<i>sic</i>]” (EI6).</p>
--	---	--	---

			<p>“Sim. Vai definir, o tipo de pessoa que vai ser quando chegar a idade adulta” (EI7).</p> <p>“Sim” (EI8).</p> <p>“Sim, as duas interligadas determinam a formação social da criança” (EI9).</p> <p>“Penso que sim. Para se ter/construir uma "boa" personalidade são necessários bons valores, pois são esses mesmos valores que irão determinar a forma de uma pessoa agir e reagir” (EI10).</p> <p>“Sim, pois é a base do nosso comportamento perante os outros” (EI11).</p> <p>“Os valores adquiridos através da educação vão estar presentes na personalidade de cada individuo” (EI12).</p> <p>“Sim. Porque as duas andam sempre juntas” (EI13).</p> <p>“Sim, estão interligadas. A personalidade assenta em valores, ou seja, em direitos e deveres, liberdades e garantias. Defendo que um ser psíquico como é o homem, tem que ter a noção dos limites e a personalidade deverá refletir esses limites, por forma a que o comportamento social seja determinado por essa acomodação dos</p>
--	--	--	---

			<p>limites, que emergem dos valores sociais apreendidos, segundo um processo de formação contínua” (EI14).</p> <p>“Sim, porque os valores passados são assimilados pelo indivíduo vão ser parte integrante da personalidade da pessoa. O ser humano aprende grande parte por imitação, o que vê muitas vezes cópia” (EI15).</p> <p>“Sim, por uma ser a base para a outra ser formada. (valores são umas das bases para formação da personalidade)” (EI16).</p> <p>“Completamente. A personalidade é fruto dos valores que absorvemos” (EI17).</p> <p>“Sim, já expliquei na resposta anterior” (EI18).</p> <p>“Sim, porque através dos valores que é podemos tomar melhores atitudes” (EI19).</p> <p>“Sim. porque uma complementa a outra” (EI20).</p> <p>“Sim, os valores fazem parte da nossa personalidade, sem valores a personalidade é incompleta” (EI21).</p> <p>“Sim. Na personalidade revelamos os valores que aprendemos desde crianças” (EI22).</p>
--	--	--	---

			<p>“Sim. Normalmente têm muito em comum, não estou a ver uma criança ter valores completamente diferentes da personalidade a não ser se tiver algum distúrbio de personalidade” (EI23).</p>
OS e a formação da personalidade	Educação Cristã (Questão D3)	<p>Sim</p> <p>Continuação dos valores transmitidos em casa</p> <p>Valores cristãos</p> <p>Valores</p> <p>Atitudes e comportamento</p>	<p>“Sim” (EI1).</p> <p>“Sim, porque parece que hoje em dia cada vez mais há falta de valores na educação da geração vindoura” (EI2).</p> <p>“Sim, vai de encontro com os valores do seu meio familiar” (EI3).</p> <p>“Sim porque instruí no caminho correto que é aquele zela pelo ‘amor ao próximo’, na Verdade, e com base nas Escrituras Sagradas do Antigo e do Novo Testamento contemplado na Bíblia” (EI4).</p> <p>“Sim, primordialmente pelos valores que transmitem” (EI5).</p> <p>“Não sendo cristã, pratico o bem e o amor ao outro. Logo, a educação AAAAA faz todo o sentido, porque reforça valores e práticas que incutimos à nossa filha” (EI6).</p> <p>“Sim. Respeito, responsabilidade e regras” (EI7).</p>

			<p>“Sim” (EI8).</p> <p>“Sim, torna a criança amiga da partilha, mais alegre, reconhecimento da disciplina no espaço escolar” (EI9).</p> <p>“Penso que sim. Os valores Cristãos são os valores que todos deveriam ter em conta, ensinam o que é a solidariedade a entreatuda, a compaixão, entre outros, que na minha opinião são fundamentais” (EI10).</p> <p>“Sim, ensina o amor próprio” (EI11).</p> <p>“A educação Cristã trás [<i>sic</i>] benefício no sentido a dar continuidade da educação que se dá em casa e se caso houver falhas por parte de nós pais a escola está preparada para suprir alguma falta, tendo assim a criança mais oportunidades de firmar os valores a estar preparada para a eternidade com Jesus” (EI12).</p> <p>“Sim. Porque vai de encontro com a fé que professamos” (EI13).</p> <p>“Sim, considero uma mais valia, porque à semelhança do que a Bíblia Sagrada ensina e à semelhança de pensadores filosóficos como Hobbes, o homem nasce naturalmente mau e a religião cristã, designadamente a BBBB, pode incutir</p>
--	--	--	---

			<p>valores de Jesus Cristo, capazes de modificar essa natureza genética, emergente da entrada do pecado na humanidade” (EI14).</p> <p>“Penso que uma educação que assenta em valores democráticos de igualdade, de ajuda ao outro e à comunidade é uma mais-valia para ajudar os pais na formação dos seus filhos. Em grande parte a educação cristã tem alguns destes valores bem espelhados” (EI15).</p> <p>“Porque dá continuidade ao que é ensinado em casa” (EI16).</p> <p>“Sim, os princípios base são iguais em qualquer religião e necessários ao ser humano” (EI17).</p> <p>“Claro que sim, ensina- lhes a seguir um caminho de entre ajuda, olhar para todos de forma igual e respeitar o nosso Planeta e tudo o que nos rodeia” (EI18).</p> <p>“Sim, porque para além do acompanhamento educacional e social, acrescenta valores cristãos, indispensáveis para a formação pessoa e espiritual do meu educando” (EI19).</p> <p>“Sim, visto ser a educação dada em casa” (EI20).</p>
--	--	--	---

			<p>“Sim, porque o maior objetivo da educação é moldar o carácter em harmonia com o de Jesus e isso só se consegue com uma educação cristã” (EI21).</p> <p>“Sim, pela aprendizagem de valores que permitam ser um adulto responsável e capaz de fazer escolhas acertadas” (EI22).</p> <p>“Sim porque damos valor a muitos aspectos [<i>sic</i>] que tentam ensinar e valorizar” (EI23).</p>
	Relações interpessoais	<p>Beneficia</p> <p>Autoestima</p> <p>Segurança</p> <p>Motivação</p> <p>Aprendizagem</p>	<p>“Considero uma mais-valia” (EI1).</p> <p>“Beneficia no sentido em que transmite segurança, confiança, amizade, ajuda também na auto estima [<i>sic</i>]” (EI2).</p> <p>“Beneficia imenso, sendo talvez o ponto mais importante, pois se sendo poucos meninos em cada sala e turma, há a possibilidade de a professora dar mais atenção a quem a necessita. Não somente aqueles que têm mais dificuldade mas também para os que já estão mais à frente, não se sentido que já não tem interesse pois já saber a matéria” (EI3).</p>

			<p>“Beneficia na auto-estima, na capacidade de superação, na correção de desequilíbrios emocionais, traz segurança e definição de carácter ao educando” (EI4).</p> <p>“Penso que beneficia pois é motivador para o aluno” (EI5).</p> <p>“A relação beneficia no sentido em que a minha filha está a ser acompanhada e corrigida para ser a cada dia que passa, um ser melhor” (EI6).</p> <p>“Não prejudica. Faz parte do crescimento” (EI7).</p> <p>“Benéfico” (EI8).</p> <p>“Beneficia o meu educando, garante um ambiente saudável, mais propício à aprendizagem” (EI9).</p> <p>“Uma boa relação entre aluno/professor é fundamental para qualquer tipo de aprendizagem, pois é necessário existir uma relação de confiança e "amizade" para que as aprendizagens se dêem [<i>sic</i>] de forma saudável” (EI10).</p> <p>“Beneficia em muito, pois vimos que existe carinho entre docentes e alunos. O meu gosta muito de ir à escola” (EI11).</p>
--	--	--	--

			<p>“Nas minhas falhas a docente tentou e penso que conseguiu suprir algumas delas” (EI12).</p> <p>“Beneficia em todo os sentidos” (EI13).</p> <p>“Beneficia, porque prossegue os interesses da formação da personalidade, permitindo, gradualmente, a assunção de porções de responsabilidade, condicentes com a idade de cada aluno, que lhe permite desenvolver as suas capacidades cognitivas e, conseqüentemente, crescer de forma saudável e equilibrada, tendo em vista a sua futura entrada na sociedade” (EI14).</p> <p>“Uma relação de confiança, de empatia de serenidade ajuda a criança a sentir-se segura e confiante para aprender, para perguntar, quando tem dúvidas” (EI15).</p> <p>“Acredito que com uma boa relação escolaXcriança o conhecimento e aprendizado fluem muito melhor” (EI16).</p> <p>“Beneficia porque o faz sentir seguro e isso faz com que se sinta mais empenhado” (EI17).</p>
--	--	--	---

			<p>“A relação entre docentes e alunos é um marco muito significativo na sua vontade de aprender e quanto melhor for essa relação, melhor será o seu desempenho” (EI18).</p> <p>“Beneficia muito” (EI19).</p> <p>“Beneficia na medida de o deixar motivado” (EI20).</p> <p>“Como já referi o exemplo e o modo como se relacionam com as crianças é fundamental na coerência da educação cristã” (EI21).</p> <p>“Uma relação de confiança entre aluno e docente é sempre benéfica para a aprendizagem e para a formação pessoal da criança” (EI22).</p> <p>“Quando um aluno gosta do professor, não só como amigo e consegue ao mesmo tempo respeitá-lo, acho que se atingiu o objectivo [sic] (EI23).</p>
	Alterações na personalidade na criança	<p>Sim</p> <p>Não</p> <p>Relações interpessoais</p>	<p>“Não, nem por isso” (EI1).</p> <p>“Sim. A preocupação com o outro e com o meio que nos rodeia” (EI2).</p> <p>“Observei um grande crescimento ao nível da maturidade, sendo que isso está inerente ao temperamento. Contudo tornou-se mais amigo do amigo, querendo</p>

	(Questão D6)	Responsabilidade Motivação	<p>dizer que notei diferenças ao nível da interação social, que aumentou exponencialmente” (EI3).</p> <p>“Sim, mais pacífico, mais compreensivo, e também mais interessado em aprender sobre a Bíblia e como exemplos no Livro contidos nos poderiam ajudar a superar dificuldades” (EI4).</p> <p>“Sim, a colaboração com o adulto” (EI5).</p> <p>“Não observei mudanças, porque como já referi, em casa praticamos os mesmos valores e princípios. Mas talvez note uma maior independência” (EI6).</p> <p>“Sim. Respeito, regras, faz a oração” (EI7).</p> <p>“Sim” (EI8).</p> <p>“Sim, mais responsável” (EI9).</p> <p>“Não” (EI10).</p> <p>“Não” (EI11).</p> <p>“Desenvolveu para o esperado” (EI12).</p>
--	--------------	-----------------------------------	--

			<p>“Não observei pois a escola sempre foi à extensão da nossa casa” (EI13).</p> <p>“Sim, observei mudanças. A nível do sentido de responsabilidade, neste último ano, foi muito importante o desenvolvimento, em contexto pandémico, com comportamentos determinados pela idade e valores que adquiriu durante os quatro anos de escolaridade” (EI14).</p> <p>“Está mais confiante nas suas capacidades e tem mais noção das suas dificuldades” (EI15).</p> <p>“Sim. O notei mais feliz e motivado. O ambiente saudável da escola trouxe isso a ele, acredito” (EI16).</p> <p>“Sim, mais responsável” (EI17).</p> <p>“O desenvolvimento das emoções” (EI18).</p> <p>“Sim” (EI19).</p> <p>“Não” (EI20).</p>
--	--	--	--

			<p>“Como a educação cristã já vinha de casa o meu interesse na instituição é mais uma confirmação de valores e princípios aprendidos em casa juntos com a vertente educacional” (EI21).</p> <p>“Sim. Acho que se tornou uma criança mais capaz e decidida para alargar as suas amizades e também como responder marcando a sua posição e evitando magoar os outros” (EI22).</p> <p>“Sim. Não muito acentuadas porque já tinha muitos valores, mas partilha muito connosco o que aprende e como nos devemos comportar em sociedade para ser um cidadão pro activo [<i>sic</i>] e respeitador” (EI23).</p>
	<p>Diferenças de outras OS (Questão D10).</p>	<p>Não frequentou outras instituições</p> <p>Relações interpessoais</p>	<p>“N/A” (EI1).</p> <p>“Não passou por outra instituição...” (EI2).</p> <p>“Não passou” (EI3).</p> <p>“O sentido de partilha, solidariedade e o caminhar segundo a Palavra de Deus, difere para melhor esta Instituição de todas as outras que o meu educando frequentou” (EI4).</p>

			<p>“Desorganização e falta de regras e motivação por parte dos professores e auxiliares” (EI5).</p> <p>“Nunca frequentou outras instituições” (EI6).</p> <p>“Na escola anterior, passava mais tempo a brincar do que a aprender” (EI7).</p> <p>“Não passou” (EI8).</p> <p>“Não passou por outra instituição” (EI9).</p> <p>“Uma maior proximidade na relação professor/aluno e professor/encarregados de educação” (EI10).</p> <p>“Gosta muito mais desta escola” (EI11).</p> <p>“Não passou” (EI12).</p> <p>“O meu educando não passou por outras instituições” (EI13).</p> <p>“Só passou por esta instituição. Esteve 15 dias no ensino público, no 1.º ano, mas não se pode contabilizar como experiência, ainda que eu tenha constatado que o meu filho passou a ser mais feliz, no AAAA” (EI14).</p>
--	--	--	---

			<p>“A maior diferença é a falta de respeito pela individualidade de cada criança e por muita falta de empatia dos adultos em relação à criança. Algo que não acontece neste colégio” (EI15).</p> <p>“Como somos brasileiros, lá o C. sempre estudou em escola cristã, quando chegamos cá, ele foi para uma instituição pública. Os valores que ele tem diferiram muito dos da escola e funcionários passavam” (EI16).</p> <p>“Comunicação entre escola e casa e vice-versa” (EI17).</p> <p>“Todas...” (EI18).</p> <p>“Se preocupam mais com o meio ambiente, com os animais e com o próximo” (EI19).</p> <p>“Pessoalmente, ainda não observo nenhuma. Tem sido uma criança de fácil adaptação” (EI20).</p> <p>“Ainda não passou por outras instituições educacionais” (EI21).</p> <p>“Não frequentou outras instituições” (EI22).</p> <p>“Não passou” (EI23).</p>
--	--	--	---

	Sugestões	Nada a sugerir	<p>“N/A” (EI1).</p> <p>“Com relação a este tema não tenho nenhuma sugestão” (EI2).</p> <p>“Nada” (EI3).</p> <p>“Alargar o ensino até ao Secundário inclusive. Cada vez mais se sente a necessidade de ajudar jovens a reencontrar o caminho certo, longe de drogas, de álcool, de parâmetros de ideais de beleza e estética impossíveis de alcançar, de estereótipos influenciados por youtubers, jovens vítimas de lares desfeitos, vítimas de bulling, vítimas de influência homossexual, etc(...)” (EI4).</p> <p>“Mais espaço exterior” (EI5).</p> <p>“Não mudava nada” (EI6).</p> <p>“Está tudo bem, como está” (EI7).</p> <p>“Respeito” (EI8).</p> <p>“Sem sugestão” (EI9).</p> <p>“Não vejo necessidade de mudança” (EI10).</p>
--	-----------	----------------	---

			<p>“Gostamos de como está” (EI11).</p> <p>“A comunicação, todos os pontos negativos da criança devem ser informados aos pais e trabalhar em conjunto para melhorar” (EI12).</p> <p>“Nenhuma” (EI13).</p> <p>“Em termos de pedagogia espiritual, nada a sugerir. Em termos de valores transmitidos, para a vida, igualmente” (EI14).</p> <p>“Talvez sugerisse tornar mais visível o vosso trabalho aos pais e à restante comunidade” (EI15).</p> <p>“De momento não há nada que eu ache necessário sugerir” (EI16).</p> <p>“De momento não mudaria nada” (EI17).</p> <p>“Nenhuma” (EI18)</p> <p>“Não” (EI19).</p> <p>“Tendo em conta as limitações físicas, poderiam promover mais atividades exteriores” (EI20).</p>
--	--	--	--

			<p>“Não somos perfeitos mas nunca é demais referir que somos a imagem de Jesus para cada criança por isso sugiro que busquemos sabedoria na fonte, para desempenharmos o nosso papel da melhor maneira possível e não correremos o risco de ser pedras de tropeço para aqueles que Deus nos confiou” (EI21).</p> <p>“Uma maior sensibilidade, disponibilidade, atenção por parte do adulto e diversificação de atividades no tempo não letivo. Por exemplo organização de clubes, jogos tradicionais, ajudar na resolução de conflitos entre as crianças” (EI22).</p> <p>“Nenhuma! (EI23).</p>
	Perspetiva face ao encerramento do colégio	Diferença de Transmissão de valores	<p>“Neste momento não faria diferença no dia a dia mas no futuro sim” (EI1).</p> <p>“Sim, faria muita falta. Não há assim tantas escolas que realmente se importem com o desenvolvimento geral dos alunos” (EI2).</p> <p>“Bastante, pois é o único sítio que eu confio a 100% que irá conseguir dar a nível escolar, individual [<i>sic</i>], social, etc, tudo o que ele necessita para o seu futuro” (EI3).</p>

			<p>“Sem dúvida. Pois lá sinto que o meu educando está em segurança a receber uma boa instrução quer a nível didático, comportamental, funcional e repleto de Valores” (EI4).</p> <p>“Sim, não encontro em Setúbal a mesmo tipo de educação” (EI5).</p> <p>“A diferença é que tinha de meter a minha filha noutra instituição, onde não reforçam valores nenhuns” (EI6).</p> <p>“Claro que faria diferença. O Colégio é uma parte fundamental para a educação do meu educando” (EI7).</p> <p>“Sim” (EI8).</p> <p>“Sim, não existe mais colégios em Setúbal com os valores que desta instituição” (EI9).</p> <p>“Faria diferença, pois o tipo de ensino e as estratégias/rotinas que se observa não iria encontrar noutra instituição e isso iria fazer muita diferença no meu educando” (EI10).</p> <p>“Sim, devido mais em relação a horários de trabalho” (EI11).</p>
--	--	--	--

			<p>“Sim, confio no colégio, porque tem o princípio básico que é a educação para a eternidade” (EI12).</p> <p>“Muita diferença. Sempre gostei muito da escola e uma frase que me conquistou de imediato ‘EDUCAR PARA ETERNIDADE’” (EI13).</p> <p>“Sim, porque é um meio de levar o evangelho de Jesus Cristo a cada lar, cujas crianças, são as únicas pessoas a contactar pela 1.ª vez com a fé cristã, segundo o entendimento BBBB” (EI14).</p> <p>“Muita. Não existem opções na nossa cidade, que eu tenha conhecimento, semelhantes à vossa filosofia educativa” (EI15).</p> <p>“Sim, seria uma imensa tristeza. Escolher o AAAA para o C. foi a melhor escolha a nível de colégio desde que chegamos. Sou feliz demais por vê-lo se desenvolvendo bem em um ambiente tão saudável e acolhedor. Sinto imensa tristeza porque esse será o último ano, visto que a escola só acolhe até o 4º ano” (EI16).</p> <p>“Claro que sim, faria toda a diferença. Confio na instituição e fico descansada pelo meu educando a frequentar” (EI17).</p>
--	--	--	---

			<p>“Muita” (EI18).</p> <p>“Sim, em termos de qualidade, horários e por ter uma educação diferenciada” (EI19).</p> <p>“Pessoalmente e no presente já não, contudo, seria uma perda de valores para a comunidade” (EI20).</p> <p>“Sim. Teria uma maior preocupação em relação a educação do meu educando, sobretudo nesta fase” (EI21).</p> <p>“Sim. Gostaria que os meus educandos continuassem a receber uma educação com valores cristãos e penso que nenhuma outra instituição em Setúbal o faz da mesma forma” (EI22).</p> <p>“Bastante. É uma segunda casa em qual confiamos” (EI23).</p>
--	--	--	---